



## O EDIFÍCIO COMO GERADOR DE ESPAÇO PÚBLICO

Entrecampos: revitalizar a cidade consolidada intervindo em fragmentos do tecido urbano

FILIPA ALEXANDRA DOS SANTOS MOREIRA

Licenciada

Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

### ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Doutor Luís Afonso, Professor Associado

### JÚRI

Presidente Doutor Pedro Rodrigues

Vogal Doutor Ricardo Silva Pinto

### DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Março, 2018.



# O EDIFÍCIO COMO GERADOR DE ESPAÇO PÚBLICO

Entrecampos: revitalizar a cidade consolidada intervindo em fragmentos do tecido urbano

FILIPA ALEXANDRA DOS SANTOS MOREIRA

Licenciada

Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

## ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

Doutor Luís Afonso, Professor Associado

## JÚRI

Presidente Doutor Pedro Rodrigues

Vogal Doutor Ricardo Silva Pinto

## DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Março, 2018.



# RESUMO

## TÍTULO |

O edifício como gerador de espaço público

## SUBTÍTULO |

Entrecampos: Revitalizar a cidade consolidada intervindo em fragmentos do tecido urbano

## NOME |

Filipa Alexandra Dos Santos  
Moreira

## ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA |

Professor Doutor Luís  
Afonso

Projeto para a obtenção do  
Grau de Mestre em  
Arquitetura

Lisboa, Janeiro 2018

A cidade destaca-se, desde a sua origem, como lugar de vivência, tanto individual como colectivo. Considerando-a um espaço que não é natural, mas sempre um lugar transformado, percebemos que esta evoluiu ao longo do tempo como um processo demorado que se ajustava às necessidades dos seus habitantes. Devido a essa transformação ao longo do tempo, a cidade existente e consolidada encontra-se fragmentada, tanto ao nível da forma como na sua definição de grande espaço social.

A revitalização da cidade vai surgir, neste trabalho, duma reflexão do espaço público como peça fundamental, determinante e regeneradora da cidade como lugar de encontro. Não sendo o espaço público um elemento que funcione isolado da forma urbana, este é directamente influenciado pelo edificado e por tudo o que o rodeia.

A resposta do projecto a estas questões surge com a intenção de que o edifício funcione como integrante do espaço e não como seu delimitador. Articulado os espaços públicos e as acessibilidades pedonais com o edificado, permitir que esses percursos estabeleçam as normas para um desenvolvimento mais funcional da cidade e numa escala mais humana.

PALAVRAS-CHAVE / Espaço Público | Vazio Urbano | Transição |  
Cidade | Entrecampos



# ABSTRACT

## TITLE |

Building as generator of public space

## SUBTITLE |

Entrecampos: Revitalizing the consolidated city intervening in fragments of the urban tissue

## NAME |

Filipa Alexandra Dos Santos Moreira

## ADVISER |

Professor Doutor Luís Afonso

Final Project to obtain the **Master's Degree in Architecture**

Lisbon, January 2018

The city distinguishes itself, from its origin, as a place of living, both individual and collective. Considering it as a transformed place, we realize that it evolved over time as a time-consuming process that suited the needs of its inhabitants. Due to this transformation over time, an existing and consolidated city is fragmented, both in terms of form and in its definition of great social space.

The revitalization of the city will appear, in this work, as a reflection of the public space as fundamental, determinant and regenerative part of the city as a meeting place. Since public space is not an element that functions in isolation from the urban form, it is directly influenced by the building and everything that surrounds it.

The project's response to these questions appears with the intention that the building functions as part of the space and not as its delimiter. By articulating the public spaces and the pedestrian accessibilities with the built space, to allow that these routes establish the norms for a more functional development of the city and in a more humane scale.

KEYWORDS / Public Space | Urban Void | Transition | City | Entrecampos



# AGRADECIMENTOS

*À minha mãe, pelo carinho e por tudo o que sempre fez por mim.*

*Ao meu pai, ao meu irmão e aos meus tios.*

*À Joana por ver sempre o lado positivo da vida.*

*Ao Vasco, por estar sempre presente.*

*À Inês, à Bia, à Rita e à Sara.*

*A todos os que me acompanharam ao longo deste percurso académico e contribuíram para o meu sucesso.*

*e à Ângela, por esta grande amizade que a faculdade me trouxe.*



# ÍNDICE

1   INTRODUÇÃO	3
1.1   OBJECTIVOS	3
1.2   METODOLOGIA	5
2   A HIERARQUIA DO ESPAÇO	9
2.1   A CIDADE	9
2.1.1   NOÇÃO DE CIDADE	9
2.1.2   CONSTRUÇÃO DA CIDADE	11
2.1.3   VAZIO URBANO	16
2.2   ESPAÇO PÚBLICO	17
2.2.1   NOÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO E A SUA IMPORTÂNCIA	17
2.2.2   CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO	19
2.2.3   A PRAÇA COMO VAZIO PROJECTADO	22
2.3   EDIFÍCIO	23
2.3.1   INFLUÊNCIA DO EDIFICADO NA DEFINIÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO	23
2.3.2   VAZIO NA ARQUITECTURA – O PÁTIO	25
2.3.3   TRANSIÇÃO DO PÚBLICO PARA O PRIVADO	26
3   CASOS DE ESTUDO	31
3.1   LX FACTORY / MAINSIDE	32
3.2   OSLO OPERA HOUSE / SNØHETTA	34
	XI



# ÍNDICE DE FIGURAS

## CAPA

00 | Praça do Toural, Guimarães, Portugal, 2015. Rita Burmester/Nuno Miguel Borges. Fotografia.

*In* <https://www.adk.de/en/projects/2015/demopolis/>

## 1 | INTRODUÇÃO

01 | Praça em Châtenay-Malabry, França, 2016. Clément Guillaume. Fotografia.

*In* <http://www.landezine.com/index.php/2017/05/chatenay-malabry-france-new-town-entrance/>

## 2 | A HIERARQUIA DO ESPAÇO

02 | Ópera de Oslo, Oslo, Noruega, 2008. Helene Binet. Fotografia.

*In* <http://www.architecturenorway.no/projects/culture/oslo-opera-2007/>

03 | Conceito de Visão Serial, 1984. Gordon Cullen. Desenho.

*In* CULLEN, Gordon – Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1984, p.19

04 | La Città Analoga. Archivio La Biennale di Venezia. 1976. Aldo Rossi, Eraldo Consolascio, Bruno Reichlin e Fabio Reinhart. Colagem.

*In* <https://www.google.com/culturalinstitute/beta/asset/la-citt%C3%A0-analoga-aldo-rossi-eraldo-consolascio-bruno-reichlin-and-fabio-reinhart/RwH7wJvh4bND-Q>

05 | Cidade, Espaço, Edifícios. [s.d.]. Gehl Architects. Diagrama.

*In* <https://br.pinterest.com/pin/542965298810838963/>

06 | Plano Samarcanda, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.60

07 | Plano de Kahun, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.42

08 | Crescimento de Atenas. 1967. Edmund Bacon Esquema.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.138

09 | Plano de Mileto. 1975. Ervin Y. Galantay. Esquema.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.142

10 | Planta da evolução da cidade de Turim. 2004. José Manuel Ressano Garcia Lamas. Esquema.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.201

11 | Cidades ideais Renascentistas. 1998. A. E. J. Morris. Esquema.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.169

12 | Plano de Eugénio dos Santos e Carlos Mordel escolhido para a reconstrução da Baixa de Lisboa. 1982. Catálogo da Exposição de Lisboa e o Marquês de Pombal. Planta.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.169

13 | St. Dié. Projecto de Le Corbusier, 1950. Arthur Gallion. Planta.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.195

14 | Cidade Radiosa, 1924. Le Corbusier. Desenho.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.180

15 | Cidade Radiosa, 1924. Le Corbusier. Desenho.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.196

16 | Drawings for City/2 Exhibition: The Street is a Room. Nova Iorque. Autor Louis Kahn. 1971. Desenho.

*In* <http://www.oxfordartonline.com/page/Artists-Work-Artists-Voice:-Louis-I.-Kahn:-Lesson-1>

17 | Conceito de Visão Serial, 1984. Gordon Cullen. Desenho.

*In* CULLEN, Gordon – Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1984, p.19

18 | Roma, espaço público. 1736-1748. Gianbattista Nolli. Planta.

*In* <https://neilmiddletonrationalisttraces.wordpress.com/2011/09/18/nolli-plan-of-rome/>

19 | Piazza del Campo, Siena. 1984. Jahn Gehl. Desenho.

*In* GEHL, Jahn – Life Between Buildings: Using Public Spaces. Washington: Island Press, 2011, p.40

20 | Roma, Praça de São Pedro, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.138

21 | Madrid, Praça Maior, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.119

22 | Uma rua da Medina, em Fez, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.72

23 | Uma rua em Málaga, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.74

24 | Córdoba e Toledo, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.79

25 | Porta de Istar, 1996. Fernando Chueca Goitia. Esboço.

*In* CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo. Lisboa: Presença, 1996, p.46

26 | Relação Público-Privado. 1972. Oscar Newman. Esquema.

*In* GEHL, Jahn – Life Between Buildings: Using Public Spaces. Washington: Island Press, 2011, p.59

27 | Relação Público-Privado. 1972. Oscar Newman. Esquema.

*In* GEHL, Jahn – Life Between Buildings: Using Public Spaces. Washington: Island Press, 2011, p.60

28 | Relação contacto. 1972. Oscar Newman. Esquema.

*In* GEHL, Jahn – Life Between Buildings: Using Public Spaces. Washington: Island Press, 2011, p.62

### **3 | CASOS DE ESTUDO**

29 | Museu Solomon R. Guggenheim. [s.d.]. Autor desconhecido. Fotografia.

*In* <https://www.pinterest.pt/pin/785385622490108468/>

30 – 35 | Edifícios. Lx Factory, Lisboa, Portugal, 2015. Debbie Corrano e Fê Pacheco. Fotografia.

*In* <http://www.pequenosmonstros.com/2015/09/revivendo-lugares-em-lisboa-lx-factory-doca-de-santo-amaro/>

36 | Vista aérea. 2018. Bing. Fotografia.

*In* <https://www.bing.com/maps>

37 | Usos. Lx Factory. 2012. Cláudio André dos Santos Ribeiro. Esquema.

*In* RIBEIRO, Cláudio André dos Santos – Reabilitação Urbana e Sustentabilidade / Lx Factory: um exemplo de Reabilitação Sustentável na Cidade de Lisboa, 2012, p.57

38 | Identificação dos edifícios. Lx Factory. 2012. Cláudio André dos Santos Ribeiro. Esquema.

*In* RIBEIRO, Cláudio André dos Santos – Reabilitação Urbana e Sustentabilidade / Lx Factory: um exemplo de Reabilitação Sustentável na Cidade de Lisboa, 2012, p.55

39 | Edifício. Oslo Opera House, Noruega, 2013. Helge Høifødt. Fotografia.

*In* [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oslo\\_Opera\\_House\\_seen\\_from\\_Langkaia.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oslo_Opera_House_seen_from_Langkaia.JPG)

40 | Cobertura. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Helen Haanes. Fotografia.

*In* <https://www.flickr.com/photos/helipix/5852764570/>

41 | Pormenor. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta. Fotografia.

<https://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

42 | Sala de concertos. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta. Fotografia.

*In* <https://www.flickr.com/photos/helipix/5852764570/>

43 | Planta Piso 0. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

44 | Planta Piso 1. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta.  
Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

45 | Planta Piso 2. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta.  
Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

46 | Planta Piso 3. Oslo Opera House, Noruega, 2011. Snøhetta.  
Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

47 | Vista aérea. Praça de Lisboa, Porto, Portugal, [s.d.]. Autor  
desconhecido. Fotografia.

*In* <https://www.pinterest.pt/pin/297519119110481432/>

48 | Alçado da rua das Carmelitas. Praça de Lisboa, Porto, Portugal,  
2013. Balonas e Menano S.A. Fotografia.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

49 | Vista do lado da Torre dos Clérigos. Praça de Lisboa, Porto,  
Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Fotografia.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

50 | Vista da Praça Gomes Teixeira. Praça de Lisboa, Porto, Portugal,  
2013. Balonas e Menano S.A. Fotografia.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

51 | Vista da rua no interior do edifício. Praça de Lisboa, Porto,  
Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Fotografia.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

52 | Planta nível das lojas da rua interior. Praça de Lisboa, Porto,  
Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Desenho projecto.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

53 | Corte. Praça de Lisboa, Porto, Portugal, 2013. Balonas e Menano  
S.A. Desenho projecto.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

54 | Alçado Oeste. Praça de Lisboa, Porto, Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Desenho projecto.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

55 | Alçado Este. Praça de Lisboa, Porto, Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Desenho projecto.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

56 | Alçado Sul. Praça de Lisboa, Porto, Portugal, 2013. Balonas e Menano S.A. Desenho projecto.

*In* <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

57 | Planta Implantação. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

58 | Esquema do projecto. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil Arquitetura. Desenho.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

59 | Vista da Rua Formosa. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Nelson Kon. Fotografia.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

60 | Vista da Rua Conselheiro Crispiniano. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Nelson Kon. Fotografia.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

61 | Interior quarteirão. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Nelson Kon. Fotografia.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

62 | Planta Piso Térreo. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

63 | Planta Piso 1. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

64 | Planta Piso 2. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

65 | Corte A. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

66 | Corte B. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

67 | Corte C. Praça das Artes, São Paulo, Brasil, 2012. Brasil  
Arquitetura. Desenho projecto.

*In* <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

#### **4 | ENTRECAMPOS COMO PÓLO DINAMZADOR DA CIDADE**

68 | Passagem de peões em Entrecampos, Lisboa, Portugal, 1963.  
Artur João Goulart. Fotografia.

*In* <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=280941&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

69 | Planta da cidade de Lisboa. 1872. J.P.M. Palha. Desenho.

*In* <http://purl.pt/27804/1/index.html#/17/html>

70 | Projecto da Avenida das Picoas ao Campo Grande, 1887. AML – AE, Projectos de Urbanismo nº119. Desenho de projecto.

*In* VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa; 1999, p.19

71 | Planta geral da zona da Avenida das Picoas ao Campo Grande, 1888. AML – AE, Projectos de Urbanismo. Desenho de projecto.

*In* VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa; 1999, p.20

72 | Cidade de Lisboa, 1888. Júlio António Vieira da Silva Pinto. Levantamento Topográfico.

*In* <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt>

73 | Plano das Avenidas em Lisboa. 1897. Frederico Ressano Garcia. Esquema.

*In* LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p.222

74 | Requalificação do eixo Central. 2016. CML. Fotografia.

*In* <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/eixo-central>

75 | Requalificação do eixo Central. 2016. CML. Fotomontagem.

*In* <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/espaco-publico/uma-praca-em-cada-bairro/eixo-central>

76 | Avenida República 38. 1906. Autor desconhecido. Fotografia.

*In [https://lh3.googleusercontent.com/-tEHX1mllbqs/V4c07DkXM\\_I/AAAAAAAAByI4/Y5D8i15hdgA/s1600-h/1906-Miguel-Ventura-Terra5.jpg](https://lh3.googleusercontent.com/-tEHX1mllbqs/V4c07DkXM_I/AAAAAAAAByI4/Y5D8i15hdgA/s1600-h/1906-Miguel-Ventura-Terra5.jpg)*

77 | Avenida Fontes Pereira de Melo. 1914. Autor desconhecido. Fotografia.

*In [https://lh3.googleusercontent.com/-tEHX1mllbqs/V4c07DkXM\\_I/AAAAAAAAByI4/Y5D8i15hdgA/s1600-h/1906-Miguel-Ventura-Terra5.jpg](https://lh3.googleusercontent.com/-tEHX1mllbqs/V4c07DkXM_I/AAAAAAAAByI4/Y5D8i15hdgA/s1600-h/1906-Miguel-Ventura-Terra5.jpg)*

78 | Prédio de rendimento. Avenida da República 93. 1940-1950. Amadeu Ferrari. Fotografia.

*In VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa; 1999, p.20*

79 | Prédio de rendimento. Avenida da República 77. 1954. Arq. António Gomez Egea. Desenho projecto.

*In VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa; 1999, p.20*

80 | Prédio com função terciária. Avenida da República 58. 1972. Arq. Thebar Frederico. Desenho projecto.

*In VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa; 1999, p.20*

81 | Lado Norte da Avenida da República. 1944. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/12/viaduto-ferroviario-de-entrecampos.html>*

82 | Lado Sul da Avenida da República. 1944. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/12/viaduto-ferroviario-de-entrecampos.html>*

83 | Construção do primeiro viaduto. 1949. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/12/viaduto-ferroviario-de-entrecampos.html>*

84 | Segundo viaduto. 1973. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/12/viaduto-ferroviario-de-entrecampos.html>*

85 | Viaduto actual. 2017. Fotografia da autora.

86 | Mercado Geral dos Gados. [s.d.]. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/05/primeira-feira-popular-de-lisboa.html>*

87 | Feira Popular de Lisboa. [s.d.]. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/05/primeira-feira-popular-de-lisboa.html>*

88 | Teatro Vasco Santana. [s.d.]. Autor desconhecido. Fotografia.

*In <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/05/primeira-feira-popular-de-lisboa.html>*

89 | Entrecampos – vista actual. 2017. Bing Maps. Fotografia.

*In <https://www.bing.com/maps>*

## **5 | PROPOSTA**

90 | Empena de um edifício. João Nitsche e André Scarpa. 2015.  
Fotografia.

*In* <http://www.nitsche.com.br/empena-viva>

91 | Planta esquemática da cidade de Lisboa com a indicação do local de intervenção. Esquema da autora.

92 | Planta esquemática com a indicação dos pontos mais importantes. Esquema da autora.

93 | Planta esquemática/ortofotomapa. Esquema da autora.

94 | Vista aérea do local de intervenção. Esquema da autora.

95 | Esquema da solução urbana. Esquema da autora.

96 | Planta da proposta urbana. Desenho da autora.

97 | Alçado Oeste da proposta. Desenho da autora.

98 | Planta de uma parte da proposta de espaço público. Desenho da autora.

99 | Planta do espaço público. Desenho da autora.

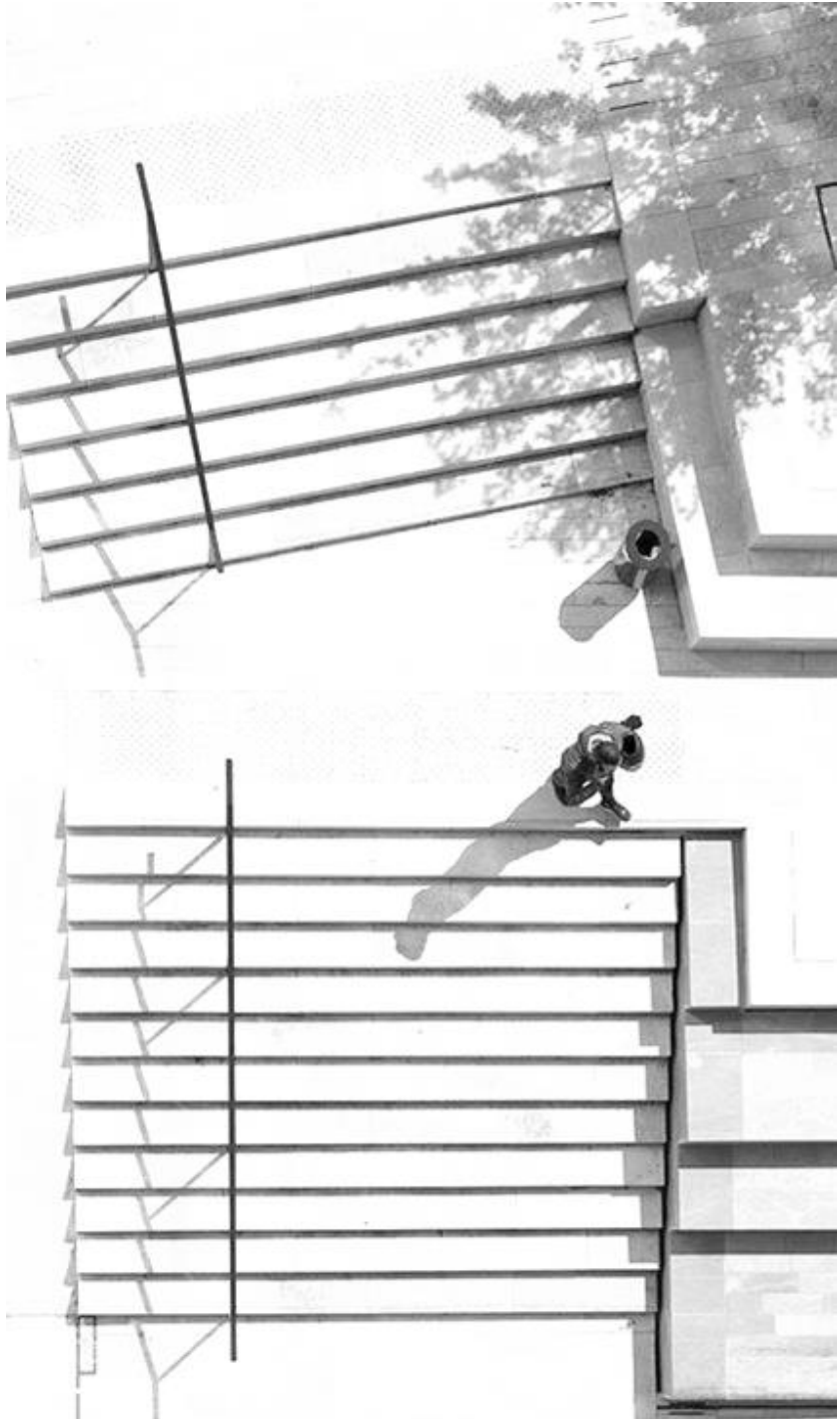
100 | Planta Cobertura. Desenho da autora.

101 | Vista 3D do conjunto. Desenho da autora.

## **6 | CONCLUSÃO**

102 | Louis Kahn's Indian Institute of Management. Ahmedabad. 2017. Laurian Ghinitoiu. Fotografia.

*https://www.archdaily.com/805720/louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmadabad-photographed-by-laurian-ghinitoiu*



# INTRODUÇÃO

capítulo 1

[página anterior](#)

01 | *Praça em Châtenay-Malabry, França.*

## 1 | INTRODUÇÃO

Quando pensamos em cidade a ideia principal que surge é a de um lugar de vivência, tanto individual como colectivo. A intenção deste trabalho é refletir sobre o espaço público e como este pode ter um papel determinante e regenerador da cidade como lugar de encontro. É nesse espaço que se desenvolvem as atividades coletivas e a interação social, sendo essa uma das características mais importantes da condição humana, é importante que esses espaços sejam agradáveis e convidativos. O reconhecimento do espaço público como elemento que condiciona a cidade e a sua importância na definição do edificado é a premissa deste trabalho.

### 1.1 | OBJECTIVOS

O início do presente trabalho aborda a questão da cidade e do seu desenvolvimento, porque, segundo José Lamas, *o projecto de um edifício começa no desenho da cidade*. A questão da revitalização urbana surge com o propósito de intervir na cidade existente e consolidada, adaptando-a às novas vivências urbanas, sem alterar a sua concepção original, definida pelos diferentes traçados ao longo do tempo.

A partir deste tema a primeira abordagem seria tentar perceber que tipo de intervenção nas áreas de descontinuidade urbana, denominadas como vazios, valorizaria a cidade. Partindo de uma visão mais geral, o que possibilita uma compreensão não condicionada por um determinado local, aplicar esta questão ao caso da zona, agora desocupada, da antiga Feira Popular de Lisboa junto à estação de Entrecampos – uma área expectante e com um enorme potencial construtivo.

Começando por compreender as propriedades que podem condicionar ou melhorar os fluxos e a estadia da população neste local. Analisando características como a densidade, a orientação das entradas, a multifuncionalidade dos espaços, os tipos de transporte presentes ou a visibilidade, tentar perceber se essa valorização seria possível pela construção de um elemento edificado ou através de um

espaço público ou de um espaço verde. Pretende-se melhorar o conjunto urbano através da revitalização deste espaço individual. Criando, ao nível da escala da cidade, um projecto urbano que dê uma nova forma a este espaço, mas que ao mesmo tempo se intercale com o existente.

Reduzindo a escala para a questão do espaço público, a intenção é perceber o seu papel na definição da cidade. Apesar deste se assumir como ausência de construído, esta componente do espaço urbano é tudo menos a negação de cidade, partindo da premissa que este se assume como espaço social e colectivo por excelência.

Sendo Entrecampos uma zona central da cidade de Lisboa e com ligações às suas principais artérias – a Avenida da República, que liga uma das vias que permite a entrada na cidade ao centro – e pela existência da estação de comboios, percebemos que existe um grande fluxo, tanto rodoviário como pedonal, de diferentes pessoas. O facto de existir esta descontinuidade urbana no território e, sendo tanto uma zona residencial como de serviços, faz com que este espaço seja apenas uma zona de passagem e também um obstáculo em si ao fluxo normal de pessoas que aqui circula. Com isto pretende-se que um dos objectivos seja começar por entender o público-alvo deste espaço, ou o público-alvo a atingir, e que tipo de carácter este espaço poderia ter. Fazendo uma análise da **população que “habita”** esta zona, desde características como a sua idade, as suas profissões ou o tipo de deslocações que faz, e perceber se isso está intrinsecamente relacionado com a carência ou potencialidades deste local.

O objectivo final seria o projecto responder a estas questões através de uma intervenção ao nível do espaço público e, a uma escala mais pormenorizada, da criação de um edifício que funcione como integrante do espaço e não como seu delimitador. Articulando os espaços públicos e as acessibilidades pedonais com o edificado e permitindo que esses percursos estabeleçam as normas para um desenvolvimento mais funcional da cidade e numa escala mais humana.

## 1.2 | METODOLOGIA

Neste trabalho teórico-prático a metodologia passa por uma investigação teórica e conceptual sobre a questão do espaço público e da sua transição para o edifício.

Numa primeira fase é desenvolvido uma investigação dos assuntos que contribuem para o trabalho. Começando por uma abordagem mais abrangente da cidade e do seu desenvolvimento, o conceito de espaço colectivo vai sendo estreitado até à questão do edifício e a sua relação de espaço público-privado.

Na fase seguinte são apresentados casos de estudo que relacionam os conceitos anteriormente apresentados e contribuíram para o desenvolvimento do exercício prático. Deste modo são apresentadas obras de referência, exemplos portugueses e internacionais, que tratem da questão do espaço público e da sua relação com o edificado, mas também de soluções programáticas. Como o caso do LX Factory em Lisboa e da Praça de Lisboa no Porto, da Ópera de Oslo na Noruega e da Praça das Artes, em São Paulo, no Brasil.

Passando para a fase de projecto prático é introduzido um capítulo sobre a evolução de Entrecampos e da sua importância na cidade de Lisboa, servindo de base para uma análise urbana do lugar em questão – vazio urbano adjacente à linha ferroviária de Entrecampos. Com isto pretende-se ter uma noção do espaço de trabalho e assim perceber as suas potencialidades e fragilidades. Seguidamente é apresentado a descrição do projecto, apoiado em imagens e texto que revelam o percurso escolhido no desenvolvimento da solução, começando pela proposta urbana até ao programa do edifício desenvolvido.





## A HIERARQUIA DO ESPAÇO

capítulo 2

[página anterior](#)

02 | *Ópera de Oslo, Oslo, Noruega.*

## 2 | A HIERARQUIA DO ESPAÇO

Neste capítulo é desenvolvido uma investigação dos assuntos que contribuem para o presente trabalho. Começando por uma abordagem mais abrangente da cidade e do seu desenvolvimento, o conceito de espaço colectivo vai sendo estreitado até à questão do edifício e a sua relação de espaço público-privado.

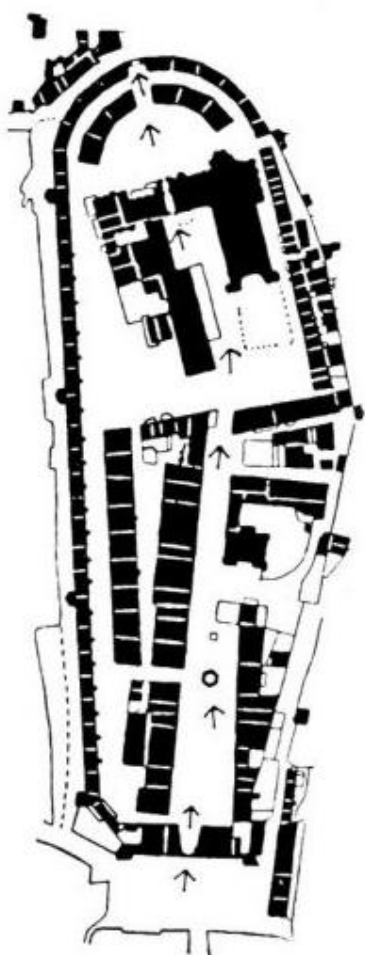
### 2.1 | A CIDADE

*“Uma cidade é algo mais do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas.”<sup>1</sup>*

#### 2.1.1 | NOÇÃO DE CIDADE

A complexidade do estudo da cidade dá-se pelo facto de, como objecto de estudo, esta englobar um indeterminável número de disciplinas que lhe dizem respeito. Podendo optar por diversos pontos de vista: o da história, da geografia, da economia, da política, da arte e da arquitectura ou do urbanismo, o objectivo, neste caso, é ver a cidade como um organismo complexo em constante mutação. Um somatório de todas essas ciências - um agregado de experiências vivas e vividas, como um processo ao longo do tempo que se tornou no que é actualmente devido à influência da vivência humana.

Aldo Rossi vê a cidade como arquitectura, uma construção no tempo, tempo esse que é fundamental no processo de modelação do tecido urbano.<sup>2</sup> É uma construção por camadas, cada uma com a sua importância, mas que no final se caracterizam pela sua colectividade. Esta visão de “cidade que cresce no tempo” evidencia a memória como parte integrante da imagem da cidade, caracteriza-se pelo contraste das experiências individuais e colectivas que estruturam a forma urbana ao longo da história.



03 | Desenho em planta de uma cidade por Gordon Cullen sobre o conceito de visão serial.

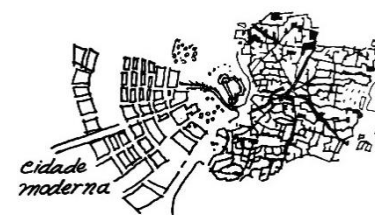
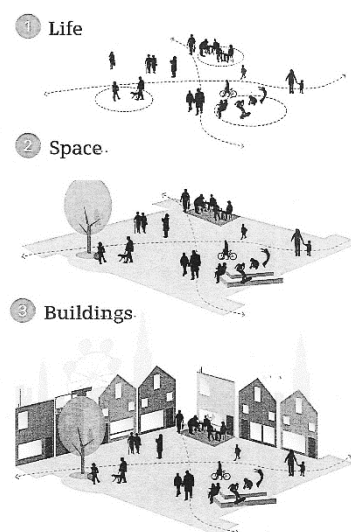
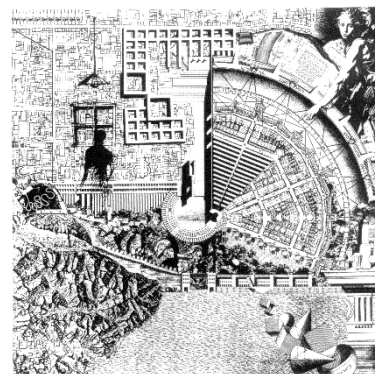
1. CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*, 1984, p.9

2. ROSSI, Aldo – *A arquitectura da cidade*, 2001 p.43

Para Jan Gehl a cidade é um ponto de encontro, orientada para as pessoas, é essa vivência que cria a urbanidade e evidencia a importância dos espaços exteriores para o seu desenvolvimento.<sup>3</sup> A evolução humana passa pelo andar, este simples movimento é muito mais que um meio de transporte, é uma oportunidade de encontro com a restante comunidade e a troca de experiências entre si, é o habitar da cidade.<sup>4</sup>

Fernando Chueca Goitia define a cidade como representação da vida colectiva e, por consequência, a importância do espaço público na sua definição.<sup>5</sup> Segundo Goitia podemos categorizar a cidade nos seguintes modelos: *a cidade pública do mundo clássico – a civitas romana*, traduzindo-se num lugar de encontro em que a praça se converte no elemento fundamental; *a cidade doméstica e campestre da civilização nórdica*, numa relação mais privada e menos pública com integração de espaços rurais; e *a cidade privada e religiosa do Islão*, o exemplo mais representativo da cidade que se vive de dentro para fora, com uma predominância pelo privado, o pátio toma o lugar da praça como espaço social. Para o mesmo autor a cidade é também vista como uma obra de arte, uma realidade herdada do passado, uma espécie de relíquia que com o passar do tempo converte em objectos artísticos determinados fragmentos da cidade. É uma obra de arte fracionada, tumultuosa e inacabada.

Podemos então afirmar que a cidade é um conjunto de fragmentos que formaram a sua essência ao longo do tempo. A individualidade desses fragmentos é relevante na construção e desenvolvimento da cidade, dando assim relevo aos espaços que estimulam a vida colectiva e a sua definição no grande espaço social que é a cidade. Representam a necessidade básica de interação e de integração em grupo, é o retrato da vida colectiva.



04 | La Città Analoga – colagem de imagens e desenhos de várias cidades por Aldo Rossi, Eraldo Consolascio, Bruno Reichlin and Fabio Reinhart.

05| Diagrama da cidade de Jan Gehl.

06| Plano de Samarcanda, esboço de Fernando Chueca Goitia

3. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.40

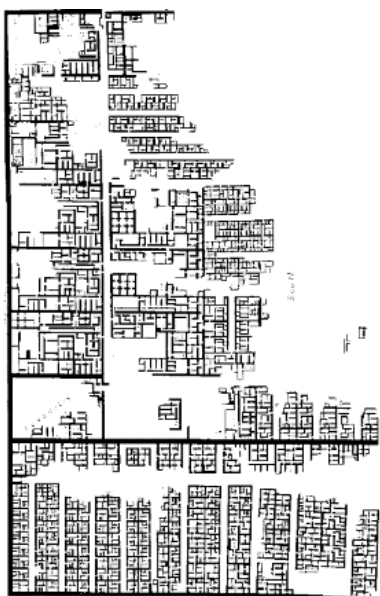
4. GEHL, Jan - *Cities for people*, 2010, p.10

5. CHUECA GOITIA, Fernando – *Breve história do Urbanismo*, 1996, p.19

## 2.1.2 | CONSTRUÇÃO DA CIDADE

Considerando a cidade como um espaço que não é natural, mas sempre um lugar transformado,<sup>6</sup> percebemos que esta evoluiu ao longo do tempo como um processo demorado que se ajustava às necessidades dos seus habitantes. Esse crescimento e evolução surgem representados nas diversas camadas que se vão sobrepondo, passando por diversos momentos ideológicos. É uma representação dos seres vivos ao longo da História, um fóssil urbano.

A construção da cidade como aquilo que conhecemos hoje pode ser atribuída aos diversos momentos da História pela qual ela passou. As permanências são aquilo que condiciona o seu crescimento, moldando e orientando-a segundo uma direcção, que pode ser planeada ou espontânea, racional ou orgânica, mas geralmente, marcada pela permanência de elementos com carácter mais importante no desenho da cidade. Este objecto-memória da história representa o modo de vida de outras épocas tornando a cidade do presente uma representação das várias cidades do passado, a soma dos fragmentos como um todo. *“A forma da cidade é sempre a forma de uma época da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade.”*<sup>7</sup>



07 | Plano de Kahun esboço de Fernando Chueca Goitia.

Segundo Fernando Chueca Goitia as primeiras civilizações históricas desenvolveram-se ao longo dos grandes vales fluviais. Ao fixarem-se nessas zonas férteis, o que podemos considerar as primeiras cidades resultaram da transição cultural das civilizações para o sedentarismo, consequência da revolução agrícola. Vislumbres de uma certa regularidade nestas primeiras cidades embrionárias podem ser encontrados nos exemplos de **Mohenjo Daro** no vale do Indo, Kahum e da cidade de Tell-Armana. Mas os exemplos mais recorrentes eram os de grandes construções religiosas que acabavam por constituir verdadeiras cidades-templo.<sup>8</sup>

6. FERNÁNDEZ ARENAS, José; TORRIJOS, Fernando - *Arte efímero y espacio estético*, 1988, p.

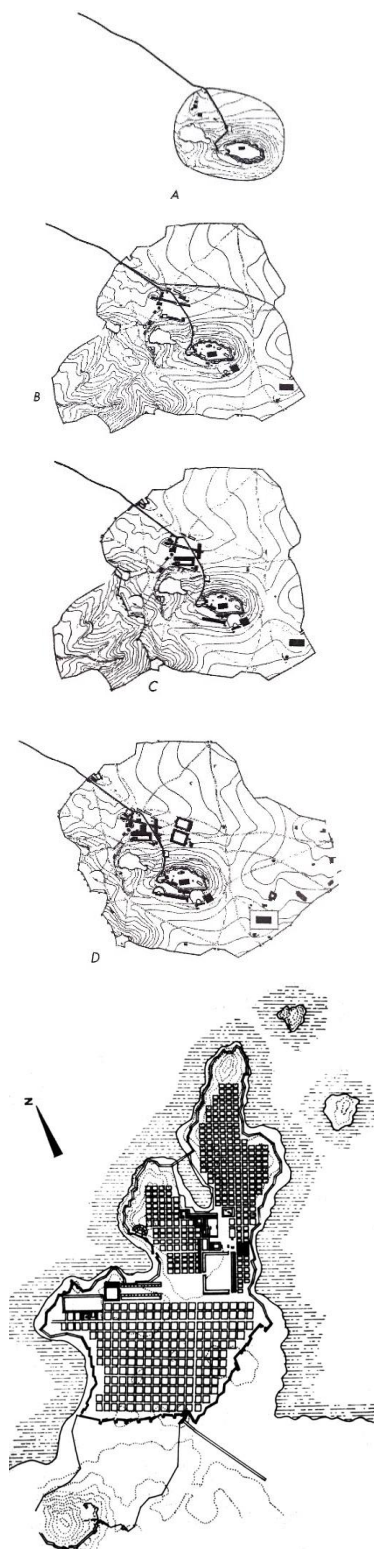
7. FERREIRA, Vítor Matias – *A cidade de Lisboa*, 1987, p.43

8. CHUECA GOITIA, Fernando – *Breve história do Urbanismo*, 1996, p.39-42

Na Mesopotâmia também surgem diversas cidades ao longo dos rios Tigre e Eufrates, no entanto uma muito mais fortificadas que as cidades egípcias, como é o exemplo de Korsabad, uma cidade muralhada e elevada artificialmente para se proteger das inundações. As cidades ao longo do mar Egeu são um exemplo a ter em conta no processo de formação da cidade como centro político e social, núcleo da posterior cidade-estado em que a Ágora se converte no principal espaço público.<sup>9</sup>

Segundo José Lamas, as cidades Gregas passaram por um período inicial de organização da estrutura urbana a partir das necessidades de espaço. Com o amadurecimento e consolidação do sistema social e político da democracia surge uma racionalização do espaço com a organização funcional das cidades e a sua repartição por zonas de actividades.<sup>10</sup> Devido a estas razões políticas, a cidade Grega vai-se diferenciar das cidades orientais porque os seus governantes não tinham um carácter divino e as suas cidades não tinham a necessidade de enaltecer um poder, eles governavam comunidades de certo modo livres e isso revê-se na estrutura urbana. O espaço principal vai ser o centro, que se forma a partir do santuário e em volta situa-se o Ágora com edifícios de funções administrativas e jurídicas. A quadricula ortogonal é utilizada nas zonas residenciais, mas não nos espaços públicos e centrais. A invenção desta estrutura é atribuída a Hippodamus de Mileto, no entanto, a quadricula grega é utilizada como um modo de organização fundiária do solo para construir habitação e não como um princípio de composição urbana.<sup>11</sup> Segundo Morris, a abordagem grega do planeamento urbano foi essencialmente prática, aplicada por princípios teóricos ao lugar.<sup>12</sup>

No período helenístico as cidades adquirem um maior aparato, as perspectivas tornam-se elaboradas e adquirem um efeito



08 | Crescimento da cidade de Atenas

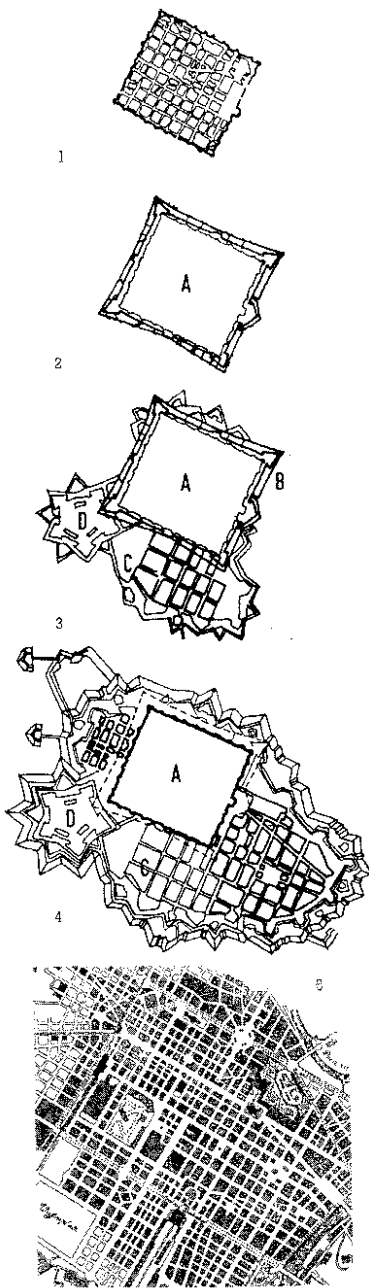
09 | Plano de Mileto – Ásia Menor em 479 a.C. A quadricula regular é cortada bruscamente pelo relevo e muralhas. Os monumentos, edifícios e lugares públicos do centro ignoram a quadricula regular, que se destina à habitação.

9. CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo, 1996, p.43-48

10. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.139

11. *Idem* p.140

12. Citado por LAMAS, José Manuel Ressano Garcia



10 | Planta da evolução da cidade de Turim (Itália) até ao final do séc. XIX.

1. Cidade medieval construída sobre o traçado romano (A);

2. Muralhas renascentistas no séc. XVI (B);

3. Expansão dos séculos XVI-XVII e as fortificações clássicas e a cidadela (C,D);

4. No final do séc. XVII com a expansão barroca e as fortificações estreladas;

5. Depois da demolição das muralhas, em 1819, e abertura dos boulevards. Planta desenhada por Sütbben no final do séc. XIX.

cénico. A Ágora torna-se espaço simbólico e o lugar de Poder transfere-se para o palácio e a rua adquire um valor decorativo. É o início da perspectiva axial monumental, que os Romanos vão utilizar e o Barroco irá reinterpretar.

A estrutura urbana Romana vai marcar a Europa e as zonas circundantes do mediterrâneo, pelas influências culturais que vai impor com o Império. A cidade orienta-se segundo dois eixos principais – o *Decumanus*, O/E e o *Cardus maximus*, N/S. Esta orientação interliga-se a uma ordem cósmica e universal e perdurará no modo de desenhar as cidades em épocas posteriores. É em Roma que se vai implementar pela primeira vez a regulamentação urbanística. O poder imperial é representado nas grandes obras e é a partir delas que se desenvolvem as mudanças urbanas, começam também a surgir construções em altura com as *Insulae*, que podem ter até seis andares. O sentido da monumentalidade surge com o Imperialismo Romano, como símbolo do poder político, em contraponto com a integração da arquitectura com a natureza das cidades Gregas. Tanto na Grécia como em Roma os elementos morfológicos que têm características importantes na estrutura e imagem da cidade são a rua, como lugar de comércio e circulação; a praça – ágora ou fórum – como lugar de encontro cívico e social; e o monumento.<sup>13</sup>

Na cidade medieval existe o propósito de cidade como fortaleza, uma vivência dentro das muralhas que permite uma organização comunitária. O traçado ortogonal romano persiste, mas é sobreposto pelo traçado radiocêntrico. É uma cidade orgânica, surge onde existem carências individuais e colectivas, mas sem um planeamento previamente traçado – denominado como racional. Para Jan Gehl a cidade, na época medieval, não era o objectivo, mas sim a ferramenta e por essa razão as cidades espontâneas medievais têm uma maior compreensão pela escala humana face às cidades racionais mais recentes.<sup>14</sup>

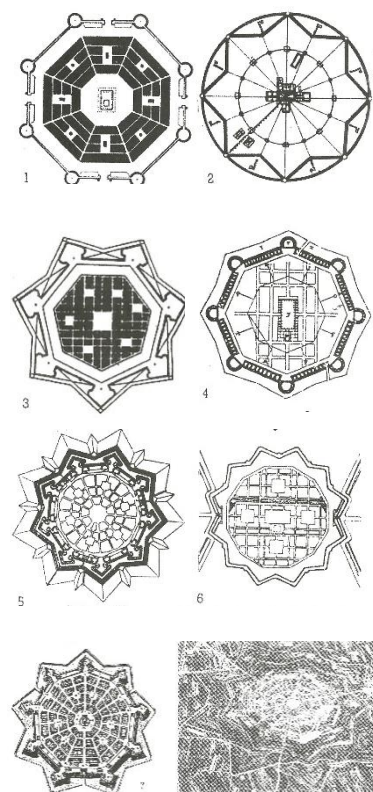
13. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.144-148

14. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.39

O Renascimento surge, principalmente, como um movimento intelectual. O racionalismo proposto vai buscar inspiração à antiguidade clássica que, como o nome indica, é um renascimento das formas antigas. Surgem diversos tratados de arquitectura e a descoberta do tratado de Vitruvius – *De Architectura*, impulsiona ainda mais este movimento.

Na construção da cidade surge uma racionalização face à irregularidade urbana medieval. Para José Lamas, existe um desejo de ordem e disciplina geométrica nesta fase, elementos como a perspectiva, que são desenvolvidos na pintura, passam a ter uma grande importância na imagem da cidade. Esse aspecto visual é transposto na forma radioconcêntrica, em que a cidade cresce à volta de um centro-praça onde ficam os edifícios públicos e as ruas permitem uma ligação, não só de acessibilidade, mas principalmente visual, com o centro. A composição dos edifícios mantém alguns aspectos individuais, mas passa a seguir regras do conjunto urbanístico. Formas retilíneas como a quadrícula eram impostas na construção de novos bairros, nos arruamentos e na criação de espaços públicos porque o tamanho da cidade medieval não permitia intervenções de grande escala. Só com o Renascimento tardio é que surgem novas cidades por razões militares, como é o exemplo de Palma Nuova.<sup>15</sup> Estes princípios progrediram para o Barroco e para o Neoclássico permanecendo até ao século XX.

O séc. XIX é um século de charneira, existe uma continuidade da cidade clássica e barroca, mas começam a surgir novas tipologias urbanas que vão preparando a cidade moderna.<sup>16</sup> Com o crescimento populacional e económico iniciado com a revolução industrial existe uma necessidade de segregar as zonas residenciais da indústria. Em paralelo com o progresso da Medicina existe uma procura por melhores condições de saúde e uma exigência de que os edifícios tenham espaços habitacionais com luz natural e ventilação.



(de cima para baixo)

#### 11 | Cidades Ideais Renascentistas.

1. Cidade ideal por Vitruvius (descrita, mas não desenhada) – reconstrução.
2. Filarete – *Sforzinda* no *Tratado d'Architettura*, 1457-1464.
3. Pietro Cataneo – *Architettura*, 1554.
4. Danieli Barbado – *Dieci Libri dell'Architettura*, de M. Vitruvius, 1567.
5. Buonaventuro Lorini – *Delle Fortificazioni Libro Cinqui*, 1592.
6. Vincenzo Scamozzi – *L'ideal dell'Architettura Universale*, 1615.
7. Scamozzi – *Palma Nuova*, 1593, a única projectada e realizada (desenho de Scamozzi e vista aérea)

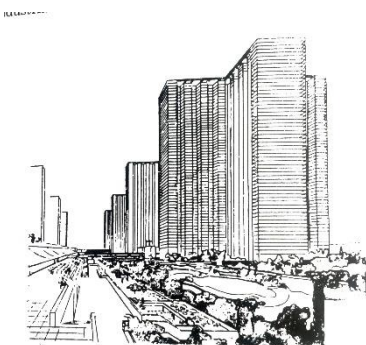
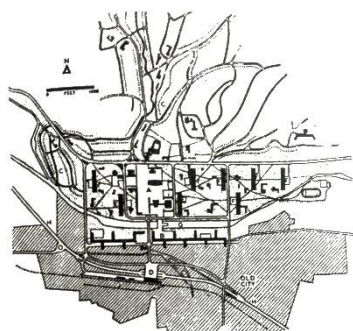
12 | Plano de Eugénio dos Santos e Carlos Mordel escolhido para a reconstrução da Baixa de Lisboa.

15. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.168

16. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.203

Face a este problema cria-se uma ruptura com a cidade tradicional e os edifícios passam a privilegiar a orientação solar em vez da disposição e desenvolvimento ao longo da rua. Esta mudança na concepção da cidade e da estrutura urbana vai dar início ao urbanismo funcional da cidade moderna provocando o segundo grande momento de alteração do pensamento da forma da cidade.<sup>17</sup>

Segundo Jan Gehl no urbanismo funcional, os aspectos físicos e funcionais das cidades e dos edifícios foram desenvolvidos como uma dimensão de planeamento independente e complementar à estética. As ruas e as praças desaparecem dos projectos de novos edifícios e das novas cidades e são substituídos por estradas, caminhos e intermináveis espaços de relva. A importância do edificado na definição do espaço público deixa de ser mencionada.<sup>18</sup> Vemos na cidade moderna uma identidade individual, tudo tem o seu lugar, sem sobreposições. É a libertação máxima do espaço, afastando pessoas e actividades, reduzindo o contacto de proximidade pela hierarquização do tráfego automóvel, separando também ele peões e máquinas dando origem ao termo de “Desert Planning” defendido por Cullen.<sup>19</sup>



13 | St. Dié. Projecto de Le Corbusier. Exemplo de cidade funcionalmente diferenciada e estritamente zonificada,

14 | Desenho da Cidade Radiosa, 1924, Le Corbusier – A Cidade Radiosa de Le Corbusier, é por muitos considerada a síntese dos ideais modernos, consiste numa solução utópica e pura da cidade.

15 | As grandes torres dos edifícios comerciais na Cidade Radiosa.

Mas é com a construção das grandes residências funcionalistas que se percebeu as consequências desta visão unilateral do planeamento funcional. Esta ideia de delimitação formal e social do movimento Moderno é fortemente criticada a partir da década de sessenta. A cidade antiga ressurgiu como termo de referência nas qualidades espaciais e de vivência. O espaço público volta a ter uma relevância no desenho urbano, e esta oposição à cultura Moderna leva a uma recuperação dos valores clássicos - elementos como a rua ou o quarteirão são readquiridos, questões como a conservação, o restauro e a revitalização vão surgir com o pós-modernismo.<sup>20</sup>

17. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.43

18. *Idem*, p. 45

19. CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*, 1984 mencionado por GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.46

20. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.386-391

### 2.1.3 | VAZIO URBANO

A questão do vazio surge porque ao falarmos do construído temos de considerar o seu negativo – o vazio, a ausência de matéria. Na construção da cidade surgem áreas de descontinuidade urbana, espaços de ruptura que originam locais expectantes. São espaços aparentemente vazios e externos à dinâmica urbana, mas onde predomina a memória do passado sobre o presente. Essa memória existe porque vivemos a cidade de um ponto de vista da experiência visual, se não conhecermos um local pela vivência imaginamo-lo e criamos uma imagem desse espaço na nossa memória. Quando existe uma ausência de matéria retemos a memória do que esse lugar já foi ou poderá vir a ser.<sup>21</sup>

Solá-Morales utiliza o conceito *Terrain Vague* para caracterizar esses espaços residuais. Esse conceito é definido pela etimologia da palavra: *Terrain* como extensão de solo, com limites precisos e edificável; enquanto *Vague* adopta um triplo significado – como *Onda*, de movimento e instabilidade; como *Vazio*, de vago, desocupado; e também como *Livre*, descomprometido.<sup>22</sup> Essa ausência de uso permite liberdade para criar algo, são espaços de possibilidade, pontos estratégicos para a regeneração ou revitalização do tecido urbano. Existem também os vazios planeados, enquanto os anteriores podem ser considerados espaços de ruptura, a ausência do construído, estes produzem espaços de transição, presentes na memória colectiva como elementos do espaço público – a Rua, a Praça ou o Largo.

Esta presença contínua do vazio deve ser lida como parte integrante da cidade, tanto os espaços planeados como os residuais. Os primeiros pela sua importância na definição de cidade e do sentido de colectividade, os segundos pela possibilidade de mudança e de experiência de novos modelos urbanos e formas de habitar a cidade. A construção da cidade é uma simbiose entre cheios e vazios e a questão do construído é tão importante como a ausência do mesmo na definição de forma urbana.

---

21. SOLÁ-MORALES I RUBIÓ, Ignasi de – *Territórios*, 2002, p.187

22. *Idem*, p.186

## 2.2 | ESPAÇO PÚBLICO

A Cidade retrata as individualidades existentes como um todo, é a soma dos fragmentos. A compreensão da sua forma ao longo da História serviu de base para se perceber a importância do espaço público na sua definição e com isso introduzir esse conceito. O espaço público sempre teve um carácter determinante na cidade, é ele que molda a sua vivência e por consequência será ele que determina a sua forma. *"A rua é uma sala por mútuo acordo, uma sala comunitária, cujas paredes pertencem aos seus doadores, doadas para o uso comum. O seu tecto é o céu".*<sup>23</sup>

### 2.2.1 | NOÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO E A SUA IMPORTÂNCIA

O que é que consideramos como espaço público? Todo o espaço social aberto e acessível às pessoas? Então assim teremos de considerar edifícios privados, mas de acesso público, como parte integrante desse espaço. É uma questão de transição ente público e privado – colectivo e individual e não tanto uma questão de delimitação do lugar.

Para Hertzberger uma área aberta, sala ou espaço pode ser concebido como mais ou menos privado ou como público, dependendo do tipo de supervisão, de quem o usa ou de quem toma conta dele e das suas responsabilidades para com o mesmo.<sup>24</sup> Para este autor a definição de espaço público é uma área acessível a todos, a toda a hora e espaço privado como uma área que só é acessível a um determinado grupo de pessoas ou a um individuo que tem a responsabilidade de o preservar.

Em *Public Space* os autores definem espaço público como espaços abertos, acessíveis publicamente, onde as pessoas vão para



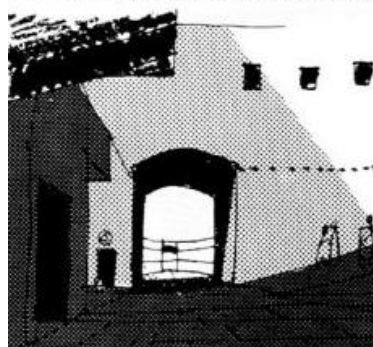
23. Tradução livre da autora da frase de Louis Kahn *"The street is a room by agreement, a community room, the walls of which belong to the donors, dedicated to the city for common use. Its ceiling is the sky"*

24. HERTZBERGER, Herman – *Lessons for students in architecture*, 1991, p.14

desenvolver actividades em grupo ou individuais.<sup>25</sup> Admitem que pode ter muitas formas, mas que todos partilham as mesmas normas. Esses espaços são do poder público enquanto outros pertencem a privados, mas são abertos ao público em geral.

Para Jan Gehl o espaço público é descrito como o *Espaço entre Edifícios*<sup>26</sup>. Este conceito descreve a relação entre o espaço e a necessidade de contacto. Oportunidades de encontro e actividades diárias nos espaços públicos da cidade permitem que o indivíduo veja, oiça e esteja entre os outros, o que permite novas oportunidades de convívio simplesmente por partilhar o mesmo espaço.

Essa relação de contacto resulta das actividades geradas à volta do edifício. Jan Gehl descreve essas actividades como *necessárias*, as que fazem parte da nossa rotina, o ir para o trabalho ou escola, esperar pelos transportes ou tratar das tarefas diárias, são actividades que não são influenciadas pelo espaço porque os habitantes não têm escolha; as *opcionais*, é necessário ter tempo e disposição para as realizar, tais como passear ou estar parado num sítio, estas actividades acontecem quando existem condições exteriores para as desenvolver; e as *sociais*, que dependem da presença de pessoas para ocorrerem.<sup>27</sup> Incluem actividades como encontros, crianças a brincar, actividades colectivas e a mais importante que é simplesmente, ver e ouvir outras pessoas, são actividades resultantes das outras duas, mas só ocorrem com mais afluência se existir condições no espaço público para isso. São a transição entre o estar sozinho e o estar com os outros de maneira descomprometida.



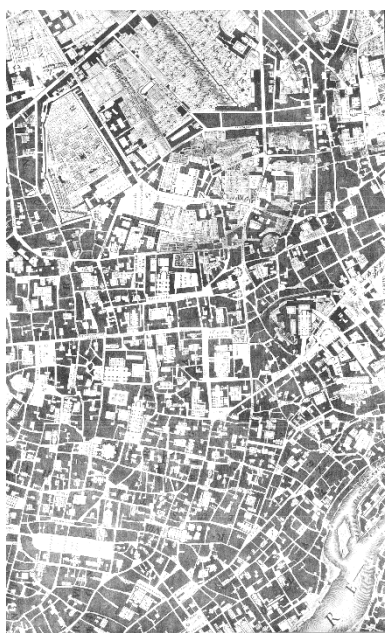
25. CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne G.; STONE, Andrew M. – *Public Space*, 1992, p.20

26. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p. 15

27. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p. 9

## 2.2.2 | CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Para José Lamas o espaço humanizado público deve ser compreendido pela sua forma global.<sup>28</sup> A forma urbana é composta por diferentes elementos morfológicos, objectos ou construções, e a sua articulação com o espaço por eles definido. Esses elementos são: o *solo-pavimento*, definido pelo território e topografia existentes. É um dos elementos que mais alterações sofre, mas é também um dos mais importantes na definição do espaço, pois a sua correta modelação influencia o seu uso; os *edifícios*, é através deles que se constrói o espaço e se organizam os diferentes elementos urbanos; o *quarteirão*, como forma construída no traçado ou divisão fundiária; a *fachada*, como elemento que relaciona o edifício com o espaço público – é a fachada que vai exprimir as características distributivas e o tipo de edifício; o *logradouro* como espaço residual do edificado; o *traçado/rua* como elemento regulador, com hierarquias diferentes, que liga os diferentes espaços da cidade; a *praça*, é um elemento das cidades ocidentais, como local intencional de encontro, de permanência e das práticas sociais, é a manifestação da vida urbana; o *monumento*, como elemento urbano individual, determinante na imagem da cidade, que persiste às transformações do tecido urbano; a *árvore e a vegetação*, como elementos de composição urbana, que servem para organizar, definir e conter espaços; e por fim, o *mobiliário urbano*, como elemento que garante a qualidade e comodidade do espaço público.<sup>29</sup>



18 | Planta de Roma de Gianbattista Nolli, 1736-1748. Representa o espaço público na cidade, tanto os espaços abertos como os fechados.

Ao longo da história ruas e praças formaram a base sobre as quais as cidades eram construídas. Para os Gregos a utilização da quadrícula ortogonal era privilegiada nas áreas residenciais com a predominância de edifícios mais importantes fora dessa estrutura. A cidade desenvolvia-se a partir do centro e com a valorização visual de um edifício singular – equipamentos comerciais, cívicos, culturais e religiosos como pontos fulcrais, dando relevância ao espaço público como organizador da cidade. O plano Romano dividia a

28. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.79

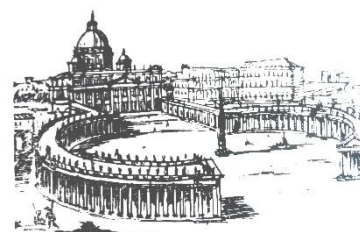
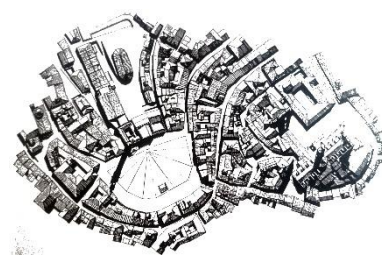
29. *Idem* p.80-110

cidade numa orientação pelos pontos cardiais com a criação de duas ruas principais o Decumanus e o Cardus Maximus e com ruas secundárias paralelas a estas, originando uma divisão mais fácil da cidade em quadrícula. A rua era o lugar de circulação e de comércio com a Praça como lugar de encontro cívico-social, sendo a Ágora e o Fórum o espaço público e político de excelência. O quarteirão, nestes dois momentos, era bastante regrado numa intenção de divisão do solo em partes iguais o que levou a que a habitação fosse desenvolvida à volta de um espaço interior de reunião – o pátio.

Para Jan Gehl a cidade, na época medieval, desenvolveu-se de maneira espontânea, dando importância à escala humana, o que resultou em espaços colectivos que oferecem condições para a sua permanência.<sup>30</sup> O quarteirão é diferente do Romano, os edifícios desenvolvem-se no seu contorno em contacto directo com a rua, o piso térreo é ocupado por lojas e as ruas são para andar a pé ou para a circulação dos animais de carga. A rua é uma extensão do mercado, que se desenvolve nas praças e tornar-se o lugar de destaque como elemento de reunião e comércio. Surge também a questão do vazio residual, o logradouro no centro dos quarteirões.<sup>31</sup>

É no Renascimento que o espaço público vai ter o seu apogeu. A retoma da quadrícula romana, como elemento distribuidor e organizador da forma urbana, origina uma uniformização estética e racional da rua, com diferentes hierarquias e com o aparecimento de variações mais elaboradas, como a Avenida. A Rua, como via retilínea, é um elemento cénico, um percurso visual, decorativo e de aparato, é o eixo perspético da cidade. A Praça surge como local político-social, afluyente da rua, delimitada por edifícios públicos ou religiosos.

Com o Barroco, e com o forte crescimento populacional associado, dá-se um aperfeiçoamento destes ideais com a repetição e multiplicação dos elementos urbanos e a produção de grandes avenidas e boulevards que ligam as diversas partes da cidade. O



19 | Piazza del Campo, em Siena.

20 | Roma, Praça de São Pedro. Esboço de Fernando Chueca Goitia.

21 | Madrid, Praça Mayor. Esboço de Fernando Chueca Goitia.

30. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.39

31. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.158

interior do quarteirão é ocupado por hortas e jardins numa relação de espaço semi-público que quase desaparece para dar lugar ao saguão.<sup>32</sup>

A especulação fundiária da cidade industrial vai produzir no Funcionalismo um completo desinteresse pelo desenho dos espaços públicos e do edificado, substituído pela questão da orientação solar e dos materiais. O edificado solto leva a que a rua e a praça desapareçam dando lugar a estradas, caminhos, relvados e a um domínio do automóvel no espaço público. Existe uma tentativa de impulsionar a interacção social com o desenho de espaços ajardinados no espaço sobrance dos edifícios, mas a dimensão social do espaço público não era desenvolvida resultando em espaços de transição e não de estadia.<sup>33</sup>

O afastamento do Modernismo leva a que autores, como Gordon Cullen ou Kevin Lynch, desenvolvam trabalhos sobre a importância do espaço público e da forma urbana como elemento fundamental da cidade.<sup>34</sup> Kevin Lynch transpõe no seu trabalho, *A Imagem da Cidade*, a importância da imagem colectiva no bem-estar intelectual e social dos cidadãos, adoptando uma perspectiva da grande escala enquanto que Gordon Cullen em *Paisagem Urbana* valoriza a importância da pequena escala, elementos como o pavimento ou o mobiliário urbano, na imagem do espaço colectivo. O espaço público não é apenas organizador da cidade, mas é, acima de tudo, organizador da vida colectiva, estimula relações entre o indivíduo e o território e entre o indivíduo e os outros.

Actualmente existe uma procura pela valorização do cidadão como habitante natural da cidade, pela revitalização de espaços urbanos para um uso mais pedonal em detrimento do automóvel. Conceitos como *Shared Space*, defendido por Hans Moderman, surgem para substituir a ideia de que a rua é uma disputa entre automóvel e peão para dar lugar ao espaço partilhado.

---

32. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.188

33. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.46

34. LYNCH, Kevin – *A Imagem da Cidade*, 2009 e CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*, 1984

### 2.2.3 | A PRAÇA COMO VAZIO PROJECTADO

A praça é o elemento, por excelência, que melhor simboliza a dimensão colectiva do espaço público na cidade. Face à rua que é um lugar de circulação, a praça é o lugar de encontro e surge na forma urbana como elemento estruturante e não apenas como vazio sobranete. É elemento da condição urbana do ocidente, ausente nas cidades islâmicas devido à valorização do espaço privado comparativamente ao público. São delimitadas por edifícios com mais ou menos importância na estrutura urbana e servem funções sociais, políticas, comerciais ou religiosas.

Segundo Anthony Morris podemos identificar três estruturas de praça: a primeira como *espaço destinado ao tráfego automóvel e dividida com o peão*; a segunda *destinada aos espaços residenciais, para acesso aos edifícios e com propósitos recreativos*; e a terceira *apenas como espaço pedonal*.<sup>35</sup> Podemos definir a diferença entre estas três estruturas como largo, logradouro e praça.

Para Spiro Kostof as ruas e as zonas ao longo do rio também são consideradas espaço público, no entanto o autor define estes lugares como espaços de trânsito que captam a vida urbana por pausas momentâneas enquanto que a praça é um destino, existe um propósito construído para a interacção.<sup>36</sup>

Tal como na definição da rua, é o desenho das fachadas e dos seus planos que vai caracterizar a estrutura e definição da praça. O planeamento desse espaço, na ausência do edificado, é o que caracteriza este lugar como o elemento de maior importância na estrutura de vazios da cidade.

---

35. MORRIS, Anthony Edwin James - *Historia de la forma urbana*, 1992, p.

36. KOSTOF, Spiro - *The city assembled: the elements of urban form through history*, 1992, p.123

## 2.3 | EDIFÍCIO

*"(...) o eterno problema: como dispor edifícios no terreno e com eles produzir arte urbana, espaço, e dar forma à cidade."<sup>37</sup>*

### 2.3.1 | INFLUÊNCIA DO EDIFICADO NA DEFINIÇÃO DE ESPAÇO PÚBLICO

*"(...) onde a forma urbana é resultado, produto, e simultaneamente geradora da tipologia edificada, numa relação eminentemente dialéctica entre cidade e arquitectura, entre forma urbana e edifícios".<sup>38</sup>*

O espaço público é directamente influenciado pelo edificado. Questões como a multifuncionalidade do edifício, capaz de conter em si as diferentes actividades do dia-a-dia, como o habitar, trabalhar e o lazer tem influência directa sobre o espaço envolvente. Dispersar actividades pode criar uma melhor distribuição da cidade, mas leva a um afastamento individual e à soberania do automóvel. Se considerarmos uma concentração, não de edifícios, mas de pessoas e eventos isso leva a um estímulo de ambos, mais pessoas gera mais actividade e mais actividade gera mais movimento. Uma concentração exagerada leva a exemplos como a construção em grande altura, sendo o objectivo uma aproximação da dimensão humana e da sua relação com o espaço exterior na definição do edificado, a baixa altura seria o elemento definidor por excelência não sendo, naturalmente, possível reproduzir isso em todos os locais.

Esta questão humana do espaço é desenvolvida por Jan Gehl no seu trabalho *Life Between Buildings*. Para o autor um sistema intrincado de caminhos não representa um aumento de actividades face a uma rua contínua com casas orientadas para a rua. As pessoas têm a necessidade de saber o que se passa à volta delas, por isso o raio de acção é extremamente importante na definição urbana. Se as



(de cima para baixo)

22 | Uma rua da Medina, em Fez.  
Esboço de Fernando Chueca Goitia.

23 | Uma rua em Málaga. Esboço de  
Fernando Chueca Goitia.

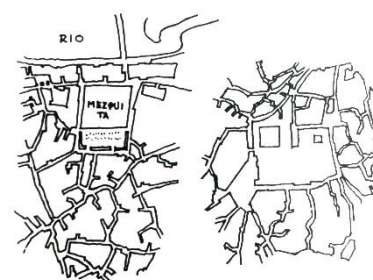
37. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.227

38. *Idem*

peças não virem um espaço não o utilizam. É preciso concentrar pessoas e actividades no espaço público tornando o tráfego pedestre e experiências sensoriais o mais curto possível.<sup>39</sup> Áreas abertas que estejam sobredimensionadas geram menos actividade ao ar livre, é necessário projectar lugares com dimensões que permitam a avaliação visual do espaço e dos que o habitam. Criando espaços mais pequenos dentro das grandes unidades, com ruas mais estreitas que permita distâncias mais pequenas entre entradas, onde os eventos ocorrem, permite uma maior participação do habitante na vida colectiva.<sup>40</sup>

A integração de várias actividades e funções à volta e nos espaços públicos permite que as pessoas envolvidas contactem umas com as outras e isso está dependente da definição do edificado. Criar espaços que proporcionem esse contacto dentro do edifício ou trazer as actividades domésticas para o exterior é uma das soluções.

A questão do edificado na definição do espaço público é tratada por Fernando Chueca Goitia no seu trabalho sobre a cidade muçulmana e das suas diferenças face à cidade ocidental. Para o autor, na cidade ocidental a rua é previamente traçada, com ou sem plano, e as casas vão ocupando o seu lugar, conformando-se com a lei distributiva. Enquanto que na cidade muçulmana a casa prevalece e obriga a rua a acomodar-se, criando ruas tortuosas e labirínticas.<sup>41</sup> Esta organização produz uma cidade compacta com vários *adarves*<sup>42</sup> e em que a porta é o elemento fundamental, pelo seu valor simbólico e funcional, mas, principalmente, como lugar de recepção, remetendo a vivência e privacidade para o interior da habitação com a criação de pátios interiores.



(de cima para baixo)

39. GEHL, Jan - *Life Between Buildings: Using Public Space*, 2011, p.96

40. *Idem*, p.97

41. CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo, 1996, p.13-14

42. "(...) a negação do valor estrutural da rua para a formação da cidade. O *adarve* não tem saída, não tem continuação, não serve um interesse público, mas sim um **interesse privado**" in CHUECA GOITIA, Fernando – Breve história do Urbanismo, 1996, p.71

24 | Córdoba, arredores da Mesquita e Toledo, arredores da Catedral. Esboço de Fernando Chueca Goitia.

25 | Porta de Isthari. Esboço de Fernando Chueca Goitia.

### 2.3.2 | VAZIO NA ARQUITECTURA – O PÁTIO

Podemos fazer a distinção entre o pátio externo – *“espaço externo e descoberto, anexo a um edifício”* e o pátio interno – *“espaço interno e descoberto, envolvido pelo corpo de um ou vários edifícios”* em ambos os casos o espaço *“possui fechamentos laterais, limites físicos, seja o próprio corpo edificado e/ou muros”*.<sup>43</sup>

Segundo Antón Capitel o pátio, como modo de habitar, é um sistema de composição. Versátil, capaz de conter uma grande diversidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características.<sup>44</sup> Associado aos climas quentes e ensolarados, próprio das civilizações antigas, o pátio adquiriu formas tão diversas desde a habitação modesta ao palácio, passando pelos mais diversos usos. Usos que vão desde o pátio como espaço exterior principal e elemento de composição do edifício, o caso da casa-pátio, ou como um elemento como parte de um conjunto complexo, como o caso dos conventos e mosteiros.

Nuno Pinheiro define pátio pela origem da palavra do latim *“patere”* – que significa *estar aberto*.<sup>45</sup> A partir do exemplo da casa de pátio interior este autor faz uma comparação entre a casa Romana e a Muçulmana. Apesar de ambas seguirem o mesmo formalismo arquitectónico os costumes, a cultura e a religião têm influência na adaptação do espaço. Enquanto na primeira existe uma intenção de continuação da rua para o interior – o vestíbulo está no *eixo do pátio impluvium*, todas as largas zonas de estar estão voltadas para o centro e a fachada é aberta ao exterior. No segundo exemplo, apesar de existir o mesmo pátio, o efeito perspético não existe – o vestíbulo cria uma zona de bloqueio e a fachada é simplificada, sem grandes aberturas e diálogo com o exterior.

---

43. REIS-ALVES, Luiz Augusto dos – *“O que é o pátio interno? – parte 1”*, *Arquitextos* N.º 63, 2006

44. CAPITEL, Antón – *La arquitectura del pátio*, 2005, p.6

45. PINHEIRO, Nuno Rui da Fonseca Santos - *A casa de pátio interior: do Egipto à Península Ibérica*, 1992, p.5

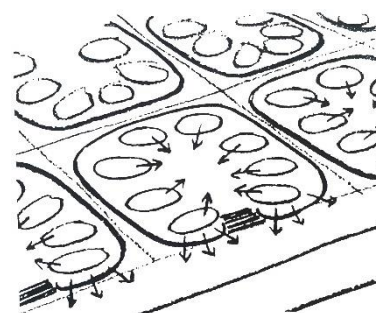
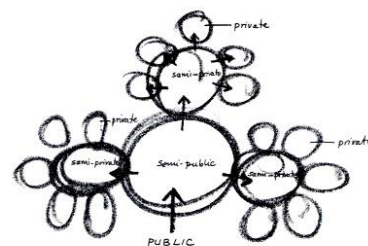
O Pátio como elemento morfológico funciona com o objectivo de privatizar o espaço público, fechando-o sobre si próprio. Como é o caso do logradouro – é um espaço colectivo, mas partilhado apenas pelos habitantes do quarteirão. Habitar o pátio é uma maneira de se expor - à natureza, ao clima ou aos outros, gerando nesse espaço um espaço de partilha num contexto mais privado, mais “seguro”.<sup>46</sup>

### 2.3.3 | TRANSIÇÃO DO PÚBLICO PARA O PRIVADO

*“Quero designar os espaços públicos, considerando que o urbanismo e o desenho urbano se devem interessar por todos os lugares públicos, quer exteriores, quer interiores a edifícios. O átrio de um edifício público (...) pode ter o mesmo significado na vida colectiva que uma praça ou parque urbano.”<sup>47</sup>*

Segundo Hertzberger um espaço é mais privado ou mais público dependendo da transição da acessibilidade.<sup>48</sup> Se existir uma barreira, nem que seja só visual, permite que o espaço seja mais privado pois não é partilhado, pelo menos visualmente, com os outros. O quarto é um espaço privado em relação à sala ou cozinha, onde estes últimos são espaços partilhados por todos os que vivem na mesma casa. Numa escola a sala de aula é privada face ao corredor, no entanto esse corredor como parte pertencente ao todo, que é a escola, é privado, comparativamente à rua. Relativamente aos edifícios do domínio público podemos considerar os espaços abertos, como o lobby de entrada desses edifícios ou a estação de comboios, pelo menos durante as horas em que está a funcionar, como espaço de rua. É uma questão de relação e mútuo compromisso, o aproveitamento individual de um espaço que é considerado como do domínio colectivo.

Podemos introduzir elementos na arquitectura como a forma, o material, a luz ou a cor como uma maneira de articular o espaço e



(de cima para baixo)

26 | Diagrama que mostra a relação entre público, semipúblico, privado e semiprivado.

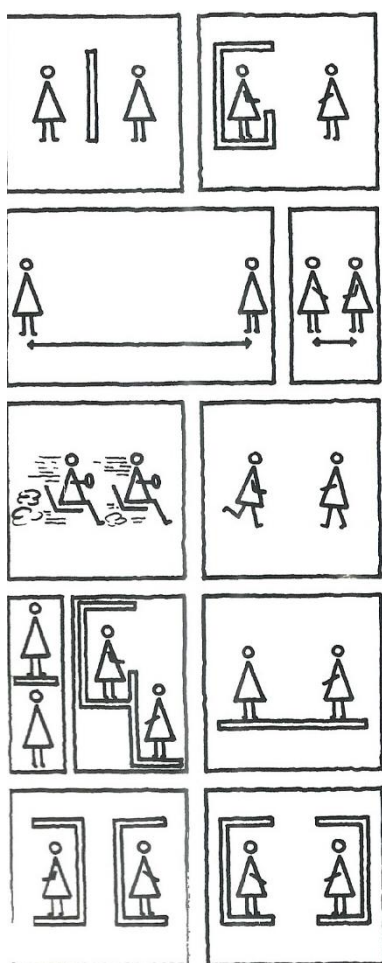
27 | Diagrama que mostra a transição entre os espaços privados e espaços partilhados

46. HERTZBERGER, Herman – *Lessons for students in architecture*, 1991, p.40

47. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.547

48. HERTZBERGER, Herman – *Lessons for students in architecture*, 1991, p.14

definir o seu uso – do mais privado ao mais público, criando barreiras ou permeabilidades. Essa permeabilidade não passa só pelos materiais, mas também pela distância. Caminhar é uma actividade necessária, mas pode ser cansativa, por essa razão os caminhos devem ser directos e atrativos. Caminhar em linha recta, desprotegido e sem elementos que tornem o caminho interessante é experienciado como um percurso muito longo. Colocar elementos que dividam o percurso e por consequência tornem o caminho mais curto, psicologicamente, estimula a pessoa a querer passar nesse local. Essa noção serve para o espaço público, mas podemos usar esse elemento como motivador do afastamento das pessoas de certos locais interiores e por consequência tornar o espaço mais privado.



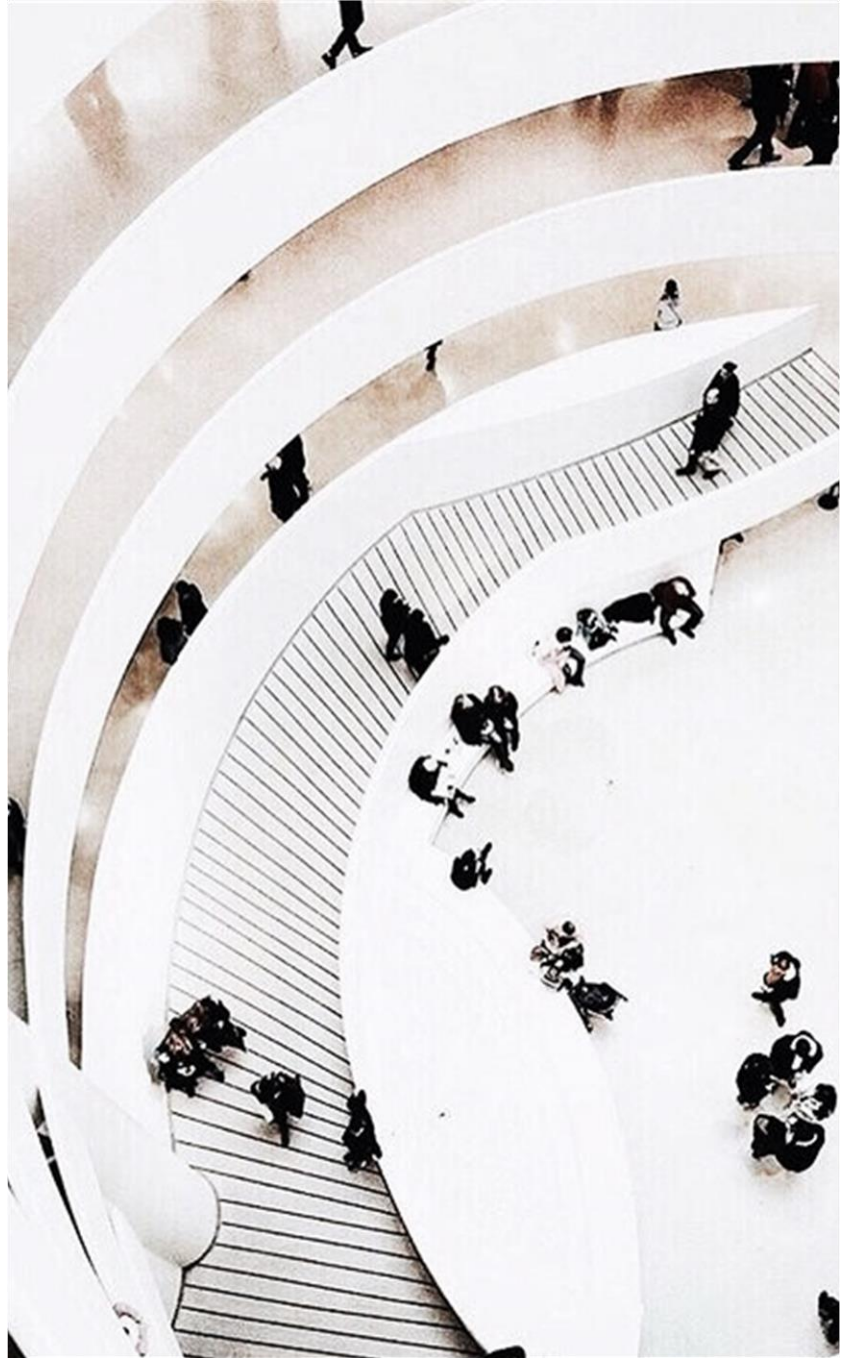
28 | Esquema sobre a relação de contacto.  
Lado esquerdo – Impedir o contacto.  
Lado direito – Promover o contacto.

Um espaço demasiado amplo cria a sensação de não pertencer, estar demasiado exposto, e isso leva a que os seus habitantes não contribuam para ele pois não sentem a questão da pertença - não é suficientemente privado para eu me envolver e por consequência desenvolver o espaço colectivo com os outros à minha volta. Esse tipo de espaço é enriquecido se surgir de um caminho mais estreito, é a transição de um espaço mais pequeno e privado para um espaço mais aberto e colectivo que torna a passagem mais estimulante.

Ao falarmos da questão de transição temos de definir o limite. Esse limite não é simplesmente definido por uma linha, parede ou muro, mas sim pelo conceito de *"In Between"*, também defendido por Hertzberger. Esse conceito define os espaços de transição que servem de lugar de encontro, por exemplo, a entrada da casa, é a transição do público para o privado, mas não é nenhum dos dois, é o espaço que serve de conexão entre essas duas áreas de diferente ordem.<sup>49</sup> Esses espaços de transição surgem da necessidade de reivindicação do privado sobre o espaço público, a necessidade de contacto, mas ao mesmo tempo de privacidade.

49. HERTZBERGER, Herman – *Lessons for students in architecture*, 1991, p.32





## CASOS DE ESTUDO

capítulo 3

página anterior

29 | *Museu Solomon R. Guggenheim, Nova Iorque, Estados Unidos da América.*

## 3 | CASOS DE ESTUDO

Os Casos de Estudo aqui desenvolvidos foram escolhidos pelas características apresentadas e desenvolvidas no capítulo anterior e enquanto possíveis referências para o projecto. Desta forma é apresentado exemplos de revitalização, ao nível da cidade e do espaço público e de edifícios que incorporam a questão do espaço público e da sua transição para o privado.

### 3.1 | LX FACTORY | MAINSIDE

É no ano de 1846 que a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, um dos mais importantes complexos fabris de Lisboa, se instala em Alcântara, com a construção de um novo edifício projetado pelo arquiteto português João Pedro da Fonte. A empresa foi crescendo e, com a necessidade de espaço, foram criados mais cinco edifícios, entre 1851 e 1855, situados junto ao edifício principal. A primeira vila operária viria a surgir em 1873 para albergar os operários e as respetivas famílias. A partir de 1910 a companhia começou a passar pelas primeiras dificuldades financeiras que se agravariam com a crise económica de 1917, acabando por se dissolver.<sup>50</sup>

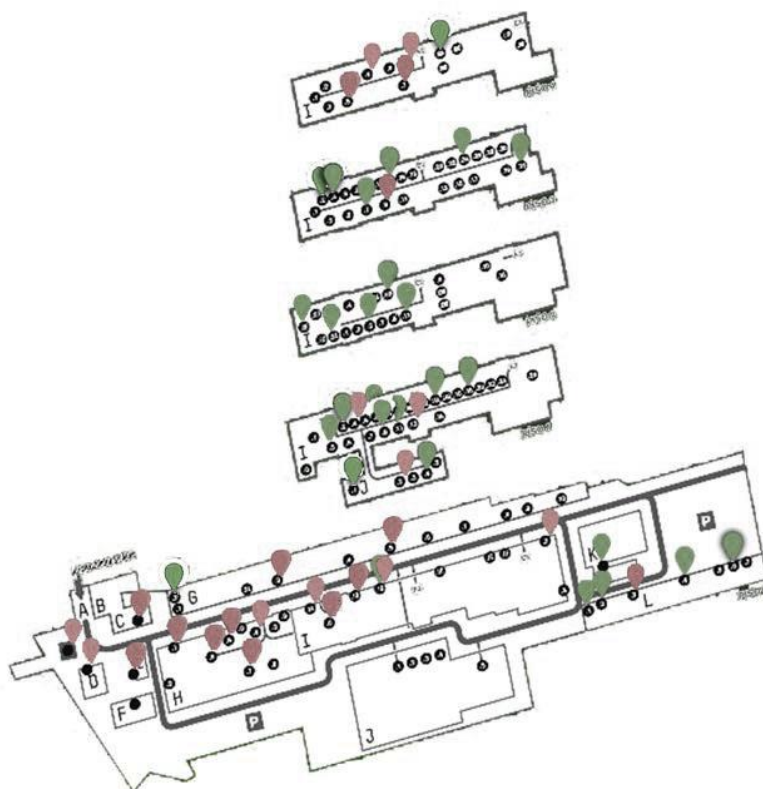
Esta área industrial de 23 000m<sup>2</sup> foi, nos anos seguintes, ocupada pela Companhia Industrial de Portugal e Colónias, pela tipografia Anuário Comercial de Portugal e pela Gráfica Mirandela. Todo o espaço abrangido pela propriedade é hoje composto por alguns dos edifícios originais da fábrica e por outros que foram surgindo ao longo do tempo, como forma de responder a alguma função específica. Em 2007 é transformada numa ilha criativa ocupada por empresas e profissionais da indústria, denominada de LxFactory.<sup>51</sup>

A LxFactory criou uma unidade de produção, conseguindo, naquele espaço repleto de memória da indústria portuguesa, juntar uma nova realidade industrial – a indústria criativa do século XXI. Um novo centro empresarial que proporciona a transação de experiências, ideias e produtos. Esta era uma área que se encontrava expectante pela aplicação de um novo plano, e que, com a recuperação da antiga fábrica, está a servir um papel de valorização da cidade.



50. RIBEIRO, Cláudio André dos Santos – *Reabilitação Urbana e Sustentabilidade / Lx Factory: um exemplo de Reabilitação Sustentável na Cidade de Lisboa*, 2012, p.54

51. <http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/>



(à direita de cima para baixo)

36 | Fotografia aérea do complexo, LxFactory. Mainside, 2007.

37 | Alguns dos usos do edificado. A verde arquitetura, design, comunicação e marketing e a vermelho serviços, comércio e lazer.

38 | Identificação dos edifícios, LxFactory. Mainside, 2007. A maioria dos edifícios são constituídos apenas por um piso térreo à exceção do edifício sete, que apresenta dois pisos e o edifício principal seis, que apresenta cinco pisos.



## 3.2 | OSLO OPERA HOUSE / SNØHETTA

Localizada numa zona de porto, Bjørvika pertence ao centro histórico da capital da Noruega, Oslo. No entanto, a actividade económica ligada à indústria presente neste local levou à sua segregação, tornando-o numa zona marginal. Com o objectivo de impulsionar uma nova vida para este bairro e torná-lo num novo centro cultural e urbano, foi criado um concurso para a construção de uma casa de ópera.

Devido a essa ligação da cidade com o mar, o gabinete de arquitectura Snøhetta pretendeu reproduzir essa relação criando um edifício em formato de um *iceberg que embateu na costa*.<sup>52</sup> Independentemente da sua monumentalidade o projecto foi concebido com o conceito de *“união, propriedade conjunta, facilidade de acesso e aberto para todos”* - numa extensão horizontal, em vez de vertical, transformando a cobertura num espaço público. O acesso é feito por uma passagem pedonal formada por uma série de desníveis que vão desde as águas do porto até ao topo da sala de concertos. Esta integração da cobertura como parte do espaço público permitiu criar um local com várias valências - como local de estadia que permite observar a vista da cidade e do mar ou como espaço para concertos ao ar livre, mas a cima de tudo, surge como lugar de encontro.

Embora o edifício apresente uma linguagem mais contemporânea a sala de espetáculos principal foi projectada segundo linhas clássicas – com influência no teatro La Scala. Para todo o projecto foram escolhidos três materiais principais – a pedra *mármore* para o espaço público; a *madeira* para as paredes das salas de espetáculo e espaços interiores comuns; e o *metal* para as salas de produção. O vidro é considerado como um elemento adicional que permite a transição do espaço interior para o exterior.<sup>53</sup>



(de cima para baixo)

39 | Fotografia exterior do edifício, Oslo Opera House. Snøhetta, 2007.

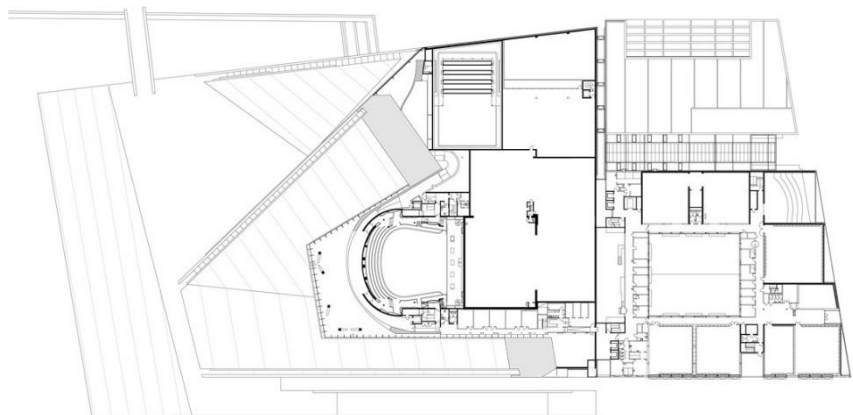
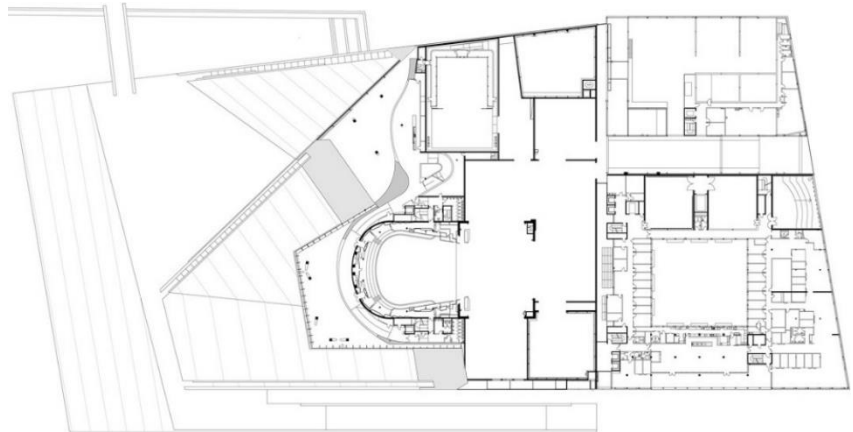
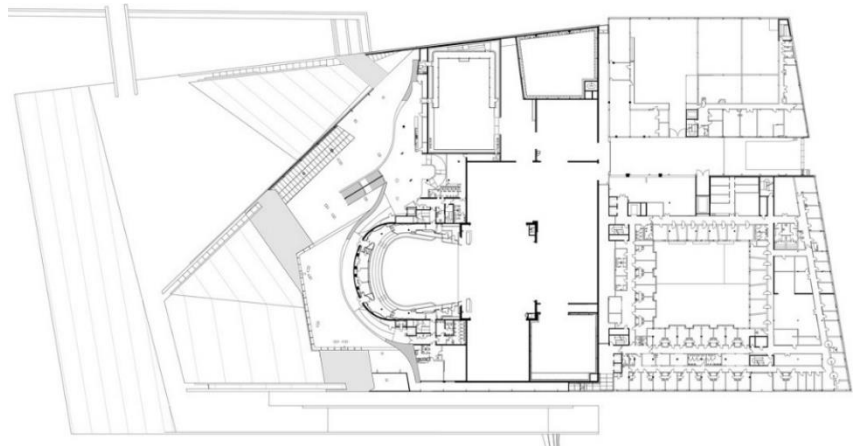
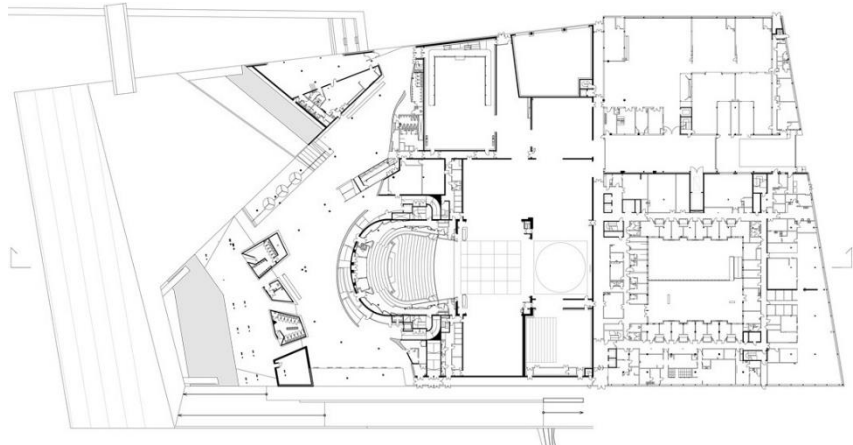
40 | Fotografia exterior da cobertura, Oslo Opera House. Snøhetta, 2007.

41 | Fotografia pormenor da cobertura, Oslo Opera House. Snøhetta, 2007.

42 | Fotografia da sala de concertos, Oslo Opera House. Snøhetta, 2007.

52. ACTAR, CCCB - *In favour of public space*. 2010, p.62

53. <http://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>



(à direita de cima para baixo)

43 | Planta Piso 0, Oslo Opera House.  
Snøhetta, 2007.

44 | Planta Piso 1, Oslo Opera House.  
Snøhetta, 2007.

45 | Planta Piso 2, Oslo Opera House.  
Snøhetta, 2007.

46 | Planta Piso 3, Oslo Opera House.  
Snøhetta, 2007.

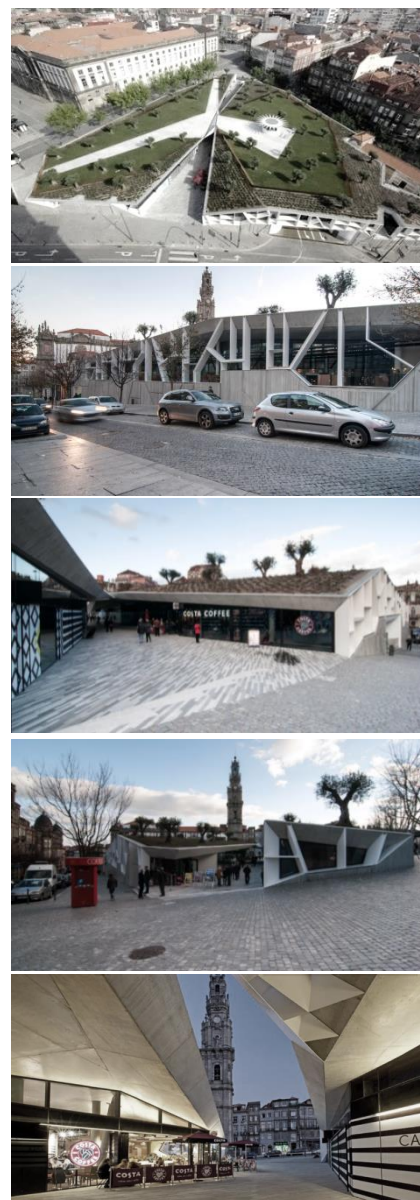
### 3.3 | PRAÇA DE LISBOA / BALONAS E MENANO S.A.

A praça de Lisboa no Porto é um bom exemplo do potencial regenerador que a reabilitação urbana pode ter nas cidades. Localizada no espaço do antigo Mercado do Anjo, junto à Torre dos Clérigos, a solução proposta foi desenvolvida segundo o princípio de que a praça/espço público deve adotar uma forma aberta à cidade, desenhada para os pedestres. É tanto um jardim urbano como um edifício com uma rua comercial semi-coberta.

Inserido num declive foi proposta uma nova topografia que permitisse espaços interiores mais altos onde fosse possível desenvolver os três programas propostos: o *Jardim* no topo (com ligação ao Jardim da Cordoaria e à Praça Gomes Teixeira); a *Rua comercial* que corta o edifício ao meio criando uma ligação pedonal entre a livraria Lello e a Torre dos Clérigos; e o *Estacionamento* pré-existente no espaço inferior (com ligação às ruas inferiores).

Materialmente é constituído por betão e elementos metálicos estruturantes. As lajes de betão fornecem sombra e abrigo da chuva nas laterais desta nova rua, permitindo um atravessamento resguardado, mas ao ar livre.

Com uma cobertura verde pontuada com oliveiras, pela memória do antigo Olival que ali existia, esta é uma solução arquitectónica com uma escala e forma em concordância com a envolvente presente e histórica e com um espaço público dinâmico formado pelo caminho natural de passagem das pessoas.<sup>54</sup>



(de cima para baixo)

47 | Fotografia aérea, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

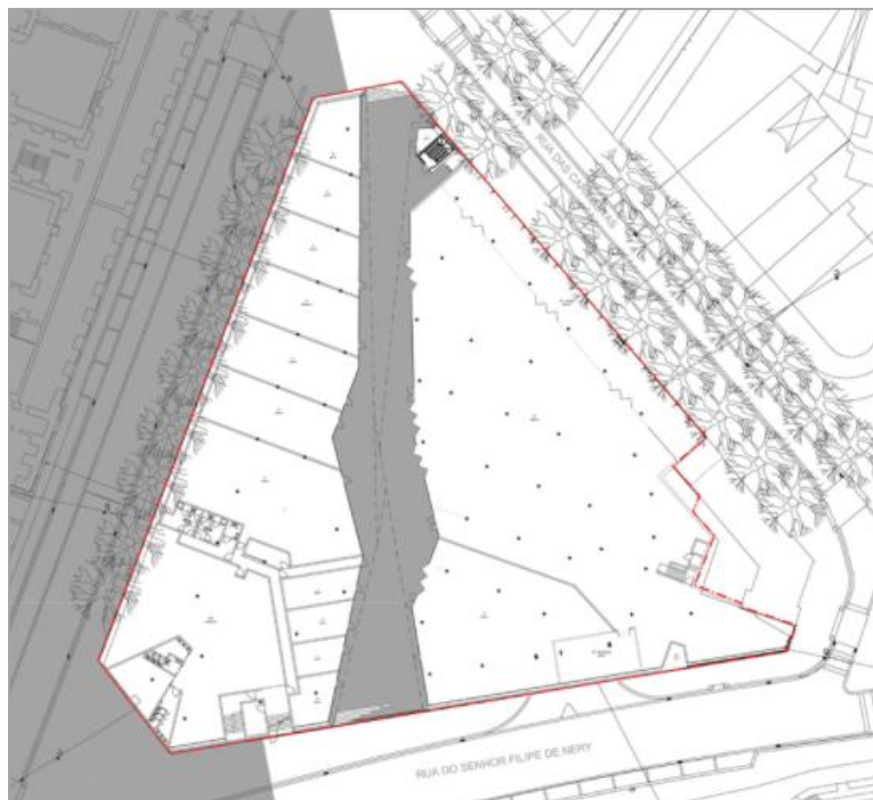
48 | Fotografia do alçado da rua das Carmelitas, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

49 | Fotografia vista do lado da Torre dos Clérigos, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

50 | Fotografia vista da Praça Gomes Teixeira, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

51 | Fotografia vista da rua no interior do edifício, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

54. <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>  
36



*(à direita de cima para baixo)*

52 | Planta ao nível das lojas da rua interior, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

53 | Corte, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

54 | Alçado Oeste, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

55 | Alçado Este, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.

56 | Alçado Sul, Praça de Lisboa. Balonas e Menano S.A. 2013.



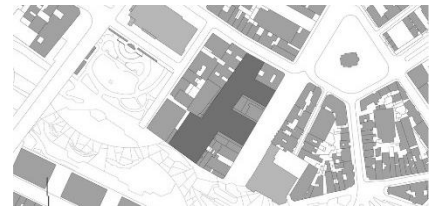
### 3.4 | PRAÇA DAS ARTES / BRASIL ARQUITETURA

*“Há projetos de arquitetura que se impõem soberanos em grandes espaços livres, situações aprazíveis e visíveis à distância, e há outros projetos que se acomodam em situações adversas, espaços mínimos, nesgas de terrenos comprimidos por construções preexistentes, em que os parâmetros para seu desenvolvimento são ditados pelas dificuldades. O caso da Praça das Artes enquadra-se neste último.”<sup>55</sup>*

O que nos leva a uma escolha e decisão conceitual é, precisamente, a natureza do lugar. É a sua compreensão enquanto espaço resultante de fatores sócio-políticos ao longo de muitos anos – ou séculos – de formação da cidade. Compreender o lugar não somente como objeto físico, mas como espaço de tensão, de conflitos de interesses, de subutilização ou mesmo abandono.

A construção do Antigo Conservatório Dramático Musical de São Paulo, que se encontrava incluído numa região degradada do centro da cidade, é um importante marco histórico e arquitetônico e abriga uma rara sala de recitais, que há décadas estava inutilizada. O Projeto Praça das Artes restaurou e reabilitou este edifício, e vinculou-o a um complexo de novas construções e espaços de circulação e estar que abrigam as instalações para o funcionamento das Escolas e dos Corpos Artísticos do Teatro Municipal.

A partir do centro do quarteirão o novo edifício desenvolve-se em três direções – Vale do Anhangabaú (Rua Formosa), Avenida São João e Rua Conselheiro Crispiniano. Um conjunto de edifício em betão aparente pigmentado, com área total de 28.500,00 m<sup>2</sup>, é o elemento principal que estabelece o novo diálogo, tanto com os restantes integrantes do conjunto (o edifício do Conservatório Dramático e Musical e a fachada do Cine Cairo) como com as proximidades.



(de cima para baixo)

57 | Planta Implantação, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

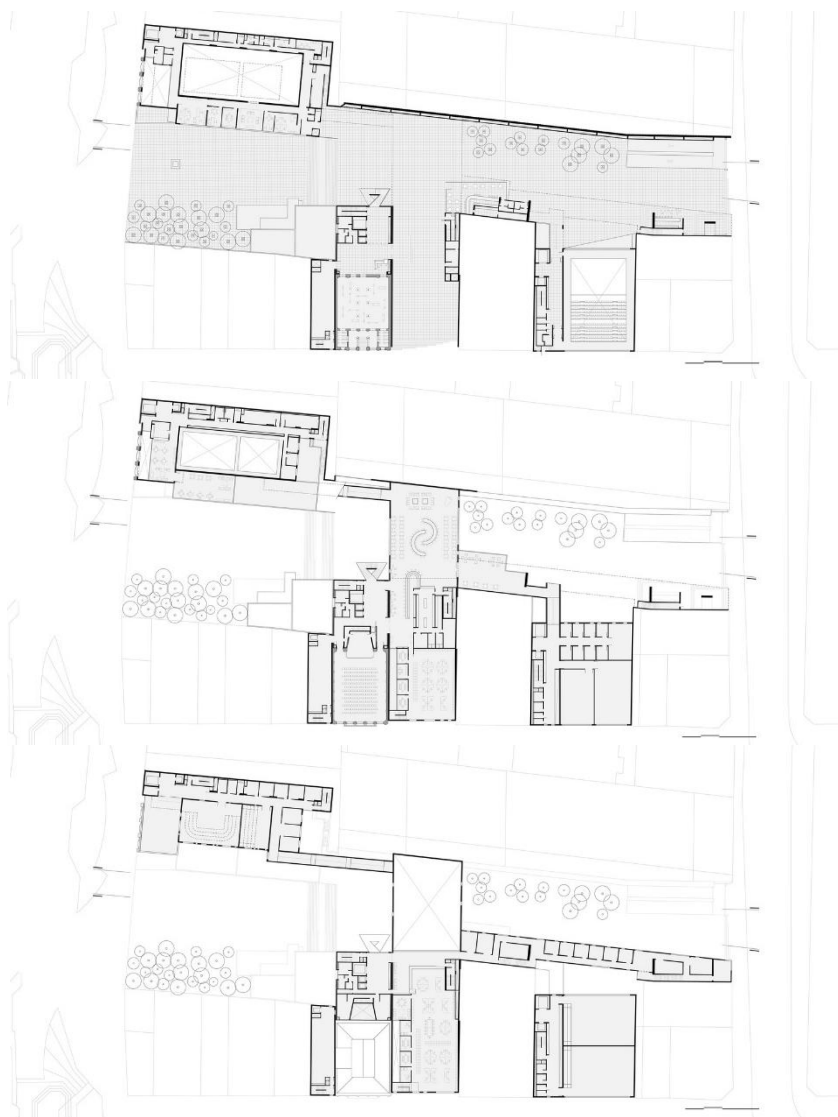
58 | Esquema do projecto, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

59 | Fotografia vista da Rua Formosa, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

60 | Fotografia vista da Rua Conselheiro Crispiniano, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

61 | Fotografia do interior quarteirão, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

55. <https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>



(à direita de cima para baixo)

62 | Planta piso Térreo, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

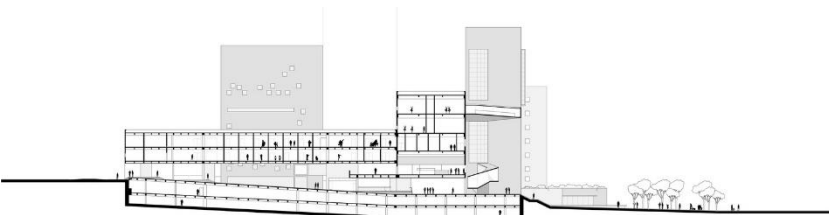
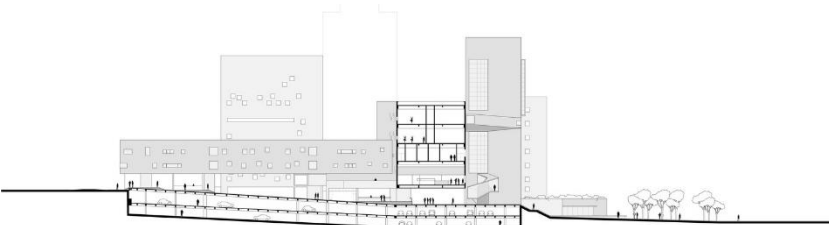
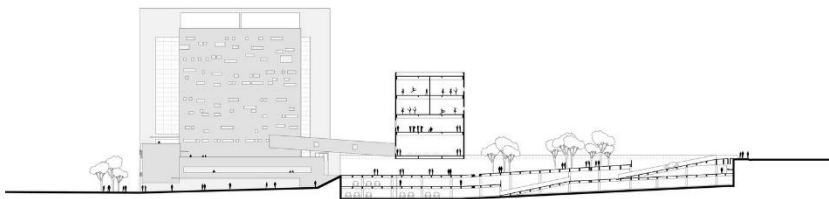
63 | Planta piso 1, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

64 | Planta piso 2, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

65 | Corte A, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

66 | Corte B, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.

67 | Corte C, Praça das Artes, Brasil Arquitetura. 2012.







## ENTRECAMPOS COMO PÓLO DINAMIZADOR DA CIDADE

capítulo 4

[página anterior](#)

68 | *Passagem de peões na avenida da República próximo de Entrecampos e da estação do metropolitano, Lisboa, Portugal.*

## 4 | ENTRECAMPOS COMO PÓLO DINAMIZADOR DA CIDADE

*“Apesar da falta de norma e, muitas vezes, de qualidade arquitetónica, a edificação das avenidas novas, no contexto já referido de crescimento global de Lisboa, marca inquestionavelmente a sua afirmação como capital moderna.”<sup>56</sup>*

### 4.1 | EVOLUÇÃO HISTÓRICA E URBANÍSTICA

É na segunda metade do séc. XIX que Lisboa atravessa um crescimento acentuado da população e com isso uma alteração significativa dos seus limites administrativos, levando a uma expansão do centro para Norte. Olhando para a definição dos limites da cidade percebemos que as primeiras muralhas da cidade eram definidas, exactamente, por cercas medievais para fins defensivos. No entanto, em 1852, com a antiga estrada de circunvalação é a primeira vez que a cidade é delimitada por uma linha. É devido a essa delimitação que à época Entrecampos era considerada zona rústica e não aparece contemplada no *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa (1856-1858)*.<sup>57</sup>



(à direita)

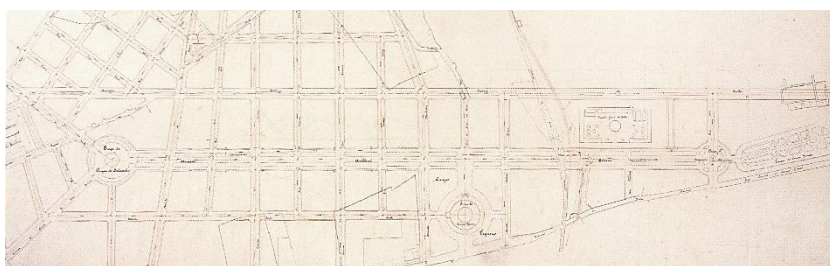
69 | Planta da cidade de Lisboa. 1872.

- Cerca Moura e Fernandina
- Limite da cidade decretados em 1755
- Circuito nos fins do século XVIII ou principio do XIX
- Circunvalação decretada em 1852

56. SILVA, Raquel Henriques da - *Das Avenidas Novas à Avenida de Berna*. 2006, p.134  
57. VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*; 1999,(Viegas, Caessa e Martins, 1999) p. 80

Devido a esse aumento da população, mas não sendo o único fator, surgiram diversos bairros periféricos que, com mais ou menos rigor, tentavam implementar a malha ortogonal e com isso preparar a área para receber os carris dos elétricos e a futura rede automóvel, no entanto, sempre ausente de um planeamento adequado<sup>58</sup>.

Com o alargamento da cidade surge a necessidade de realizar um *Plano Geral de Melhoramentos*, publicado em decreto de lei de 1864, que, no entanto, não é concretizado<sup>59</sup>. É com a chegada de Ressano Garcia à câmara de Lisboa que é redigido e implementado um novo *Plano Geral de Melhoramentos (1901-1904)* e com ele surge uma maior importância dada ao desenho da Cidade dando assim início ao planeamento urbano<sup>60</sup>. Nesse mesmo Plano é proposto para a zona Norte da cidade: “uma avenida de cerca de 4 150m de comprimento, estendendo-se do extremo Norte da Avenida António Augusto de Aguiar até ao Paço do Lumiar; uma rua transversal àquela com um único alinhamento de 2 350m destinado a comunicar o centro da cidade e a ligação entre as povoações de Telheiras e Campo Grande; e um vasto parque florestal” demarcando assim uma visão bastante ousada e progressista de Ressano Garcia.



(à esquerda de cima para baixo)

70 | Projecto da Avenida das Picoas ao Campo Grande 1887.

71 | Planta geral da zona da Avenida das Picoas ao Campo Grande 1888.

58. SILVA, Raquel Henriques da – *As Avenidas Novas de Lisboa, 1900-1930*; 1985, p.14

59. GAGO, Rita – *O surgimento do conceito de Urbanismo: teorias e práticas na Câmara Municipal de Lisboa*, 2005, p.85

60. *Idem*, p.94

Importa referir que Ressano Garcia estudou em Paris até 1871 e traz consigo as ideias de Housman. A expansão da cidade de Lisboa é marcada por vários planos que se articulam entre si e a forma urbana organiza-se à base de quatro princípios – o traçado, a praça convergente, o quarteirão e a malha reticulada. Elementos que se adaptam bem à configuração topográfica de Lisboa.<sup>61</sup>

É de salientar também o *Plano de Expropriações por Zonas aprovado em 1888 que permite à Câmara “expropriar faixas de 50m para lá do leito das avenidas a abrir”*<sup>62</sup> e com isso a realização do projecto de extensão de Ressano Garcia. Com influências oitocentistas, o *Projecto de Avenida das Picoas ao Campo Grande e Ruas adjacentes (1888)* segue uma ideologia burguesa de Avenida/Boulevard para a então Avenida Ressano Garcia (actual Avenida da República). Apesar deste projecto ser anterior ao *Plano Geral de Melhoramentos* não existe um isolamento perante as directivas propostas, havendo uma intenção de criar uma ligação entre o grande parque projectado para a zona Ocidental do Campo Grande (proposto no *Plano Geral de Melhoramentos*) e a Avenida (*Projecto de Avenida das Picoas ao Campo Grande e Ruas adjacentes*).



Numa primeira fase de construção, o *Plano das Avenidas Novas*, caracterizou-se pelo uso de materiais como a alvenaria ordinária de cal e areia, a madeira e o ferro e, pontualmente, o betão armado começa a surgir em lajes e cintas de vãos.<sup>63</sup> Quanto à questão estilística denota-se uma importância dada aos valores decorativos clássicos implementado esse estilo nas fachadas da Avenida Ressano Garcia e com a presença de edifícios de ordem clássica como o palacete ou a moradia de luxo. Nas avenidas secundárias está presente um carácter mais modesto, menos decorativo, com apontamentos de azulejo ou guardas em ferro trabalhadas, num pequeno vislumbre da corrente artística da Arte Nova que não teve grande presença na cidade de Lisboa.<sup>64</sup>

72 | Levantamento Topográfico da cidade de Lisboa por Silva Pinto. Quadriculas 10 L, M, N, O.

61. LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, 2004, p.221

62. SILVA, Raquel Henriques da – *As Avenidas Novas de Lisboa, 1900-1930*, 1985, p.27

63. *Idem*

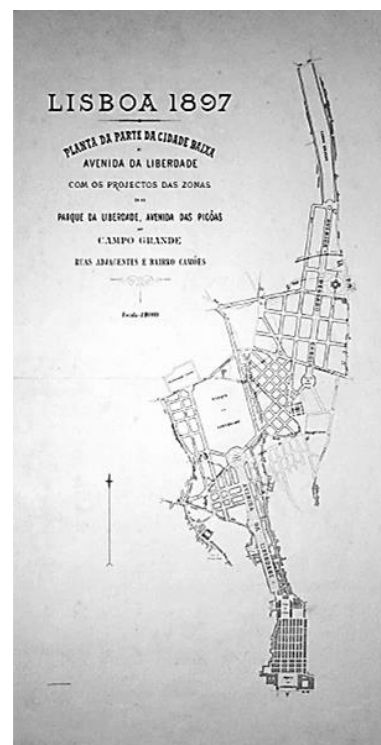
64. *Idem*

Esta primeira fase termina nos anos 20 com um menor nível de qualidade devido às dificuldades em obter materiais. É com essa carência de materiais que surge a utilização do betão e com isso o princípio da implementação do movimento Moderno nas Avenidas Novas. Essa mudança de estilos levou a uma simplificação e geometrização das fachadas em contraponto às formas clássicas presentes na Avenida da República.

Percebe-se que este Projecto foi marcado pela transição política Portuguesa, começando com um programa fontista acompanhado pelo declínio do regime constitucional Monárquico e a instauração da I República. Caracterizando-se neste período o desenvolvimento da edificação da Avenida segundo esses mesmos ideais e só mais tarde é recuperada a imagem da Boulevard e os problemas viários resolvidos com o plano de expansão viária da cidade idealizado pelo Estado Novo.<sup>65</sup>

No final do século XX as Avenidas Novas são descritas como “a passagem quase que brusca de área residencial do princípio do século a área de actividades centrais deve-se primordialmente a dois factores: ao alto nível de acessibilidade das Avenidas Novas e ao intenso surto de reconstrução local iniciado durante os anos 60. Entretanto mantem-se uma área de grande densidade de habitação, estando também neste capítulo a sofrer uma remodelação total. Na realidade os novos edifícios que se constroem são ocupados quer por actividades de tipo central quer por residências de rendas elevadas. Assim, ao mesmo tempo que se verifica uma transformação no carácter das actividades terciárias, verifica-se uma diferenciação nítida nos níveis sociais que habitam as avenidas novas.”<sup>66</sup>

A última grande alteração urbanística surge na requalificação do eixo central que inclui a Avenida Fontes Pereira de Melo, Picoas, Saldanha e a Avenida da República.



(de cima para baixo)

73 | O plano das Avenidas em Lisboa.

74 | Requalificação do eixo Central.  
Fotografia Saldanha. Existente.

75 | Requalificação do eixo Central.  
Fotografia Saldanha. Proposto.

65. VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*; 1999, p. 39

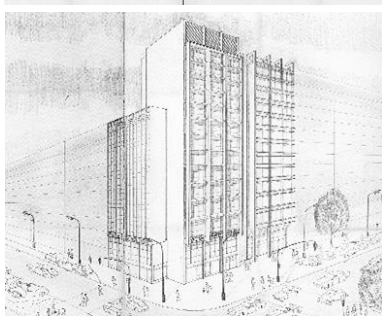
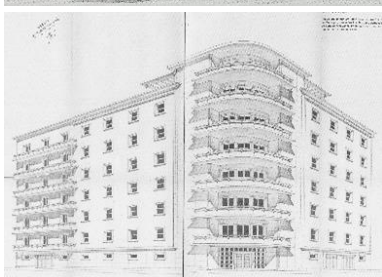
66. GASPARG, Jorge – *Aspectos da dinâmica funcional do centro de Lisboa*; 1972, p.19

## 4.1.1 | A MORADIA

Fortemente ligado à alta burguesia citadina, esta tipologia representa uma vertente conservadora e do culto do passado na sua linguagem ornamental, no entanto, com uma evolução no aspecto funcional. O Palacete, ou Moradia de luxo, eram projetados em terrenos amplos com influências clássicas e de carácter mais rústico, mas aliadas a uma preocupação cosmopolita com desenhos intrincados nas cantarias e serralharias. Surgiu também uma tipologia de prédio-moradia com dois ou quatro fogos independentes, normalmente pertencente ao proprietário do palacete. Existe uma tendência para ocupar os gavetos com este tipo de tipologia pois permite vastos espaços de jardim com acesso directo pelas avenidas laterais.<sup>67</sup> As Moradias eram quase sempre feitas por encomenda directa, demarcando-se pela influência dos Arquitectos daquele período, como Ventura Terra ou Norte Júnior.

## 4.1.2 | O PRÉDIO DE RENDIMENTO

Esta tipologia foi a que mais proliferou na construção das Avenidas Novas, a maioria construídos em lotes adquiridos por construtores civis e destinados ao negócio imobiliário. Denota-se a influência da ruralidade presente nesta área antes do Projecto de Ressano Garcia com a junção de formas e funções urbanas. A fachada principal era trabalhada numa imagem urbana e eclética, com uma procura de identidade formal e estética enquanto as traseiras mantinham uma ligação à tradição rural com logradouros onde por vezes existiam pequenas hortas ligados às áreas de serviço da criadagem. É perceptível a diferença da linguagem presente na Avenida Ressano Garcia com as ruas secundárias. Enquanto o prédio de rendimento se revela por ser uma tipologia de custos mais acessíveis, os prédios presentes na Avenida principal ainda têm influências clássicas na ornamentação das fachadas associados à classe mais alta da burguesia.<sup>68</sup> A partir dos anos 40 surge uma austeridade ornamental e uma preocupação mais funcionalista.



(de cima para baixo)

76 | Avenida República 38. 1906.  
Ventura Terra.

77 | Avenida Fontes Pereira de Melo.  
1914.

78 | Prédio de rendimento. Avenida  
da República 93.

79 | Prédio de rendimento. Avenida  
da República 77.

80 | Prédio com função terciária.  
Avenida da República 58.

67. SILVA, Raquel Henriques da – *As Avenidas Novas de Lisboa, 1900-1930*; 1985, p.68

68. VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*; 1999, p. 105

### 4.1.3 | O CAMINHO FERROVIÁRIO

O tema da ferrovia é relevante para o desenvolvimento urbano deste espaço pois é ele que vai influenciar a linguagem e o seu atravessamento. Em 1911, Ventura Terra sugeria a substituição dos viadutos existentes por passagens subterrâneas para ser possível uma vista desafogada das Avenidas, tal como a vereação camarária sugeria, quatro anos mais tarde, ser “**necessário** evitar que a Avenida da República fique cortada por uma ponte, que há-de ser sempre um **estorvo**”.<sup>69</sup> No entanto, apesar de ter existido uma tentativa de estudo de uma variante alternativa, nada é feito e o processo da construção dos viadutos é iniciado, marcando assim a imagem da Avenida da República e da Avenida 5 de Outubro até ao dia de hoje.

Um dos grandes problemas sempre foi o atravessamento da Avenida António Maria Avellar (atualmente Avenida 5 de Outubro) que era feito por um túnel, no qual vem mencionado no *Plano Geral de Melhoramentos* a sua rectificação por questões de estética urbana. É com a inauguração do primeiro viaduto ferroviário de Entrecampos em 1950 que se resolve, de certa maneira, esses problemas viários e estéticos.<sup>70</sup> Na década de 70, com o aumento do tráfego automóvel é proposto um novo viaduto, da autoria do Eng. Edgar Cardoso. Com o prolongamento da linha ferroviária surge em 1999 um novo projecto do Arq. Carlos Roxo para a estação de comboios e metropolitano de Entrecampos.



(de cima para baixo)

81 | Lado Norte da Avenida da República. Antes da construção do viaduto. 1944.

82 | Lado Sul da Avenida da República. Antes da construção do viaduto. 1944.

83 | Construção do primeiro viaduto. 1949.

84 | Segundo viaduto. 1973.

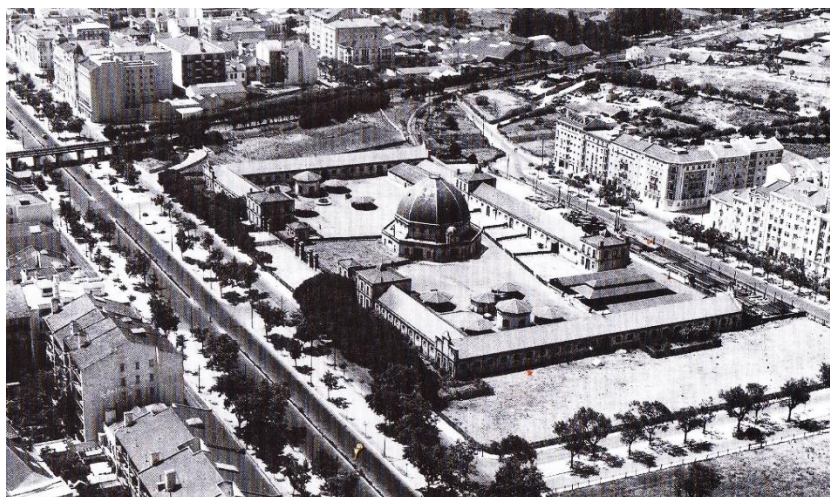
85 | Fotografia actual do viaduto. 2017.

69. VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*; 1999, p.36

70. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. N.º1493 (1950), p.863

#### 4.1.4 | QUARTEIRÃO ADJACENTE À ESTAÇÃO DE ENTRECAMPOS

Desde o *Projecto de Avenida das Picoas ao Campo Grande e Ruas adjacentes* de 1888 que esta zona em particular se caracteriza por ser um grande espaço unitário. Inicialmente ocupado pelo Mercado Geral de Gados, um edifício dedicado à “inspecção sanitária do gado e para a realização de feiras e exposições de natureza pecuária”.<sup>71</sup> Projectado pelo Arq. Parente da Silva e mais tarde modificado pelo Arq. Machado Faria e Maia, era um edifício com elementos de influência da arquitectura do ferro.

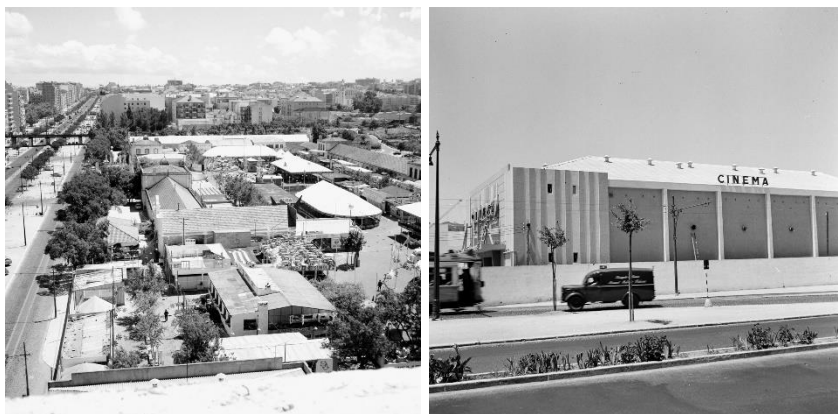


Em 1961 este terreno é adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa e o Mercado é substituído pela instalação da Feira Popular. A Feira Popular era um recinto de diversões patrocinado pelo jornal *O Século* e contava com a presença de diversos pavilhões destinados a exposições e outros divertimentos. É num desses pavilhões, o Pavilhão Municipal, que é inaugurado o Cinema Municipal e uma sala de exposições. Mais tarde essa sala é encerrada e o cinema aumentado, passando a funcionar como Teatro e ficando com o nome de *Teatro Vasco Santana* em homenagem a essa referência do teatro português. É o único edifício presente actualmente depois do encerramento da Feira Popular em 2006.

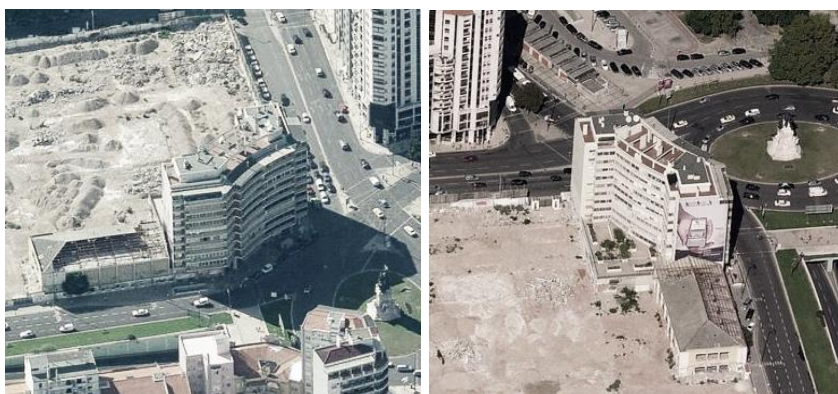
(à direita)

86 | Mercado Geral dos Gados. Vista aérea.

71. VIEGAS, Inês Morais; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes – *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*; 1999, p.128



No canto do topo Norte deste espaço está presente o *prédio n.º1 da Praça de Entrecampos*, é o edifício que remata a rotunda de Entrecampos e que se assume como parte de um futuro conjunto pelas suas fachadas laterais cegas.



*(de cima para baixo, da esquerda para a direita)*

87 | Feira Popular de Lisboa.

88 | Teatro Vasco Santana. Vista aérea.

89 | Estado actual. Vista aérea.

## 4.2 | A PROCURA DE IDENTIDADE

*A identidade pode ser definida como “a identificação de um objeto, o que implica a sua distinção de outras coisas, o seu reconhecimento como uma entidade separável. Falamos de identidade, mas não no sentido de igualdade com outra coisa qualquer, mas significando individualidade ou particularidade”.<sup>72</sup>*

Entender o sentimento de pertença e a relação do cidadão com a cidade é importante para compreender o desenvolvimento do lugar. Compreender o espaço público desse espaço e as suas relações com o cidadão é conhecer a identidade local.

Norberg-Schulz defende que, no caso das grandes cidades, torna-se difícil entender a sua identidade, pois quanto maior a escala de um lugar menor será a sua definição. A perda da particularidade dos locais levou ao desenvolvimento da perda de orientação numa cidade, perdeu-se o seu carácter essencial, a sua identificação. Muito para além de termos estéticos, sejam naturais ou artificiais, o modo de habitar do Homem e o seu comportamento no espaço importam para compreender as singularidades de um espaço.<sup>73</sup>

O conceito de identidade do lugar resulta da soma das memórias herdadas pelo mesmo. Admitindo que o tempo tem identidade própria e influencia um lugar, podemos afirmar que a sua definição não é estática e sim evolutiva, é uma construção no tempo.

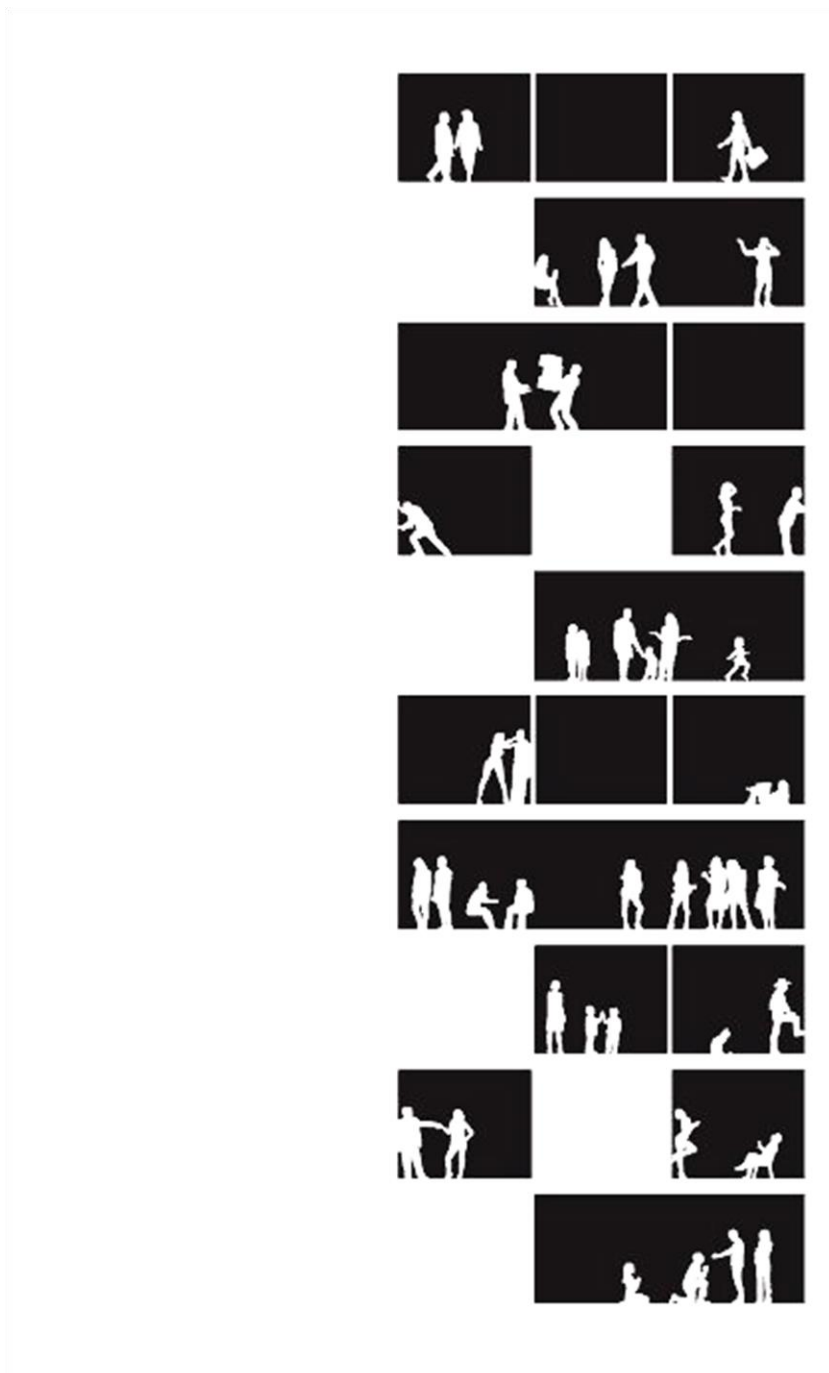
A reapropriação do lugar pelas novas gerações gera alterações naturais na identidade do mesmo, mas a herança deixada não deve ser esquecida e sim assumida, como uma memória. A identidade trata por isso de especificidade, trata do espírito do lugar. Inclui em si mesma o processo histórico, as evoluções e as mutações que surgiram ao longo do tempo e serve de base para a mudança futura que um espaço necessita.

---

72. LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. 2009, p.18

73. NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. 1986, p.18-20





## PROPOSTA

capítulo 5

página anterior

90 | *Empena de um edifício, São Paulo, Brasil.*

## 5 | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

### 5.1 | CIDADE

Entrecampos caracteriza-se por ser um ponto importante de ligação da cidade. É uma zona constituída por um tecido urbano heterogéneo, resultado dum crescimento que se consolidou ao longo do tempo em que num mesmo espaço coexistem e articulam-se várias épocas da cidade.

#### 5.1.1 | MALHA URBANA E ESTRUTURA EDIFICADA

Não sendo uma zona homogénea é possível identificar os seguintes tecidos urbanos existente.

A Oeste a malha do Bairro do Rego delimitada por quarteirões alongados e irregulares que adquirem diferentes geometrias que consequentemente formam arruamentos estreitos.

A Sul a malha de Ressano Garcia, onde se insere o plano das Avenidas Novas – é formada por uma malha ortogonal de quadrícula linear com uma hierarquia de vias bem delimitada em que a maioria do edificado se baseia na estrutura de quarteirão. Ao chegar ao limite do Jardim do Campo Grande o traçado é interrompido e a Avenida da República divide-se em duas vias com sentidos viários diferentes formando a excepção à malha ortogonal.

A Nordeste o projecto urbanístico do Bairro de Alvalade com um carácter mais livre e menos regular onde se insere o Bairro das Estacas em que os edifícios são dispostos em bloco e acompanham a rua.

E por fim as áreas dispersas, de descontinuidade urbana, onde não se verifica qualquer tipo de ligação às malhas adjacentes, admitindo-se como ilhas isoladas em que o edifício se desenvolve solto no terreno.



(de cima para baixo)

91 | Planta esquemática da cidade de Lisboa com a indicação do local de intervenção.

92 | Planta esquemática com a indicação dos pontos de interesse.

## 5.1.2 | LUGAR

O espaço escolhido para o desenvolvimento do exercício de projecto é a zona, agora desocupada, da antiga Feira Popular de Lisboa. O “lugar” em questão, o vazio urbano adjacente à estação de Entrecampos, assume-se como uma zona de descontinuidade urbana, cujas fragilidades assentam, principalmente, na separação física que a linha férrea impõe no território. É delimitado pela Avenida da República a Este, pela Avenida das Forças Armadas a Norte, pela Avenida 5 de Outubro a Oeste e pela estação de comboios de Entrecampos a Sul.

Esta área com 42 550m<sup>2</sup> é qualificada como espaço a consolidar – central e residencial, polaridade urbana, segundo o Plano Director Municipal. Não existindo um plano de pormenor, foram impostas algumas condicionantes urbanísticas segundo as quais a proposta vai ter em conta.

Essas condicionantes são:

A nível urbano – deve ser uma estrutura edificada única, com vários blocos e ser prevista uma estrutura contínua, em subsolo ou sobrelevada, que ligue todos os volumes que venham a ser edificados no local.

Deve existir arruamento público na continuidade da Rua da Cruz Vermelha entre a Av. 5 de Outubro e a Av. da República com um espaço canal de 30,00m de largura.

Quanto à morfologia urbana e regras de implantação – a profundidade máxima de empena no encosto ao edifício existente na Praça de Entrecampos deverá ser idêntica à deste edifício, nos edifícios isolados não há restrições à profundidade.

São permitidos os usos de serviços, habitação, comércio e turismo, não podendo esta ser inferior a 60% da superfície total do pavimento. A superfície de pavimento destinada a habitação não



(de cima para baixo)

93 | Planta esquemática/ortofotomapa aproximada com indicação do local de intervenção.

94 | Vista aérea do local de intervenção.

poderá ser inferior a 20% nem superior a 40% do total de superfície de pavimento.

Nos critérios de desenho urbano - deverá ser garantida a maior acessibilidade pedonal pública ao nível do solo, não sendo permitidos espaços a céu aberto, no nível térreo de uso privativo.

A área mínima a céu aberto de utilização coletiva deverá ser, no mínimo, 50% da área de intervenção.

Na frente sobre a Av. 5 de Outubro deverá ser assegurada a perceção da continuidade do plano marginal para reforçar a leitura do espaço canal desta Avenida. Na frente para a Av. da República deverá ser tido em conta o reperfilamento projetado para esta avenida, sendo desejável uma descontinuidade do plano marginal que permita ganhos de espaço público abertos à Avenida. Na frente Sul deverá ser contemplado um recuo relativamente à estação de caminhos-de-ferro de Entrecampos.

### 5.1.3 | PROPOSTA URBANA

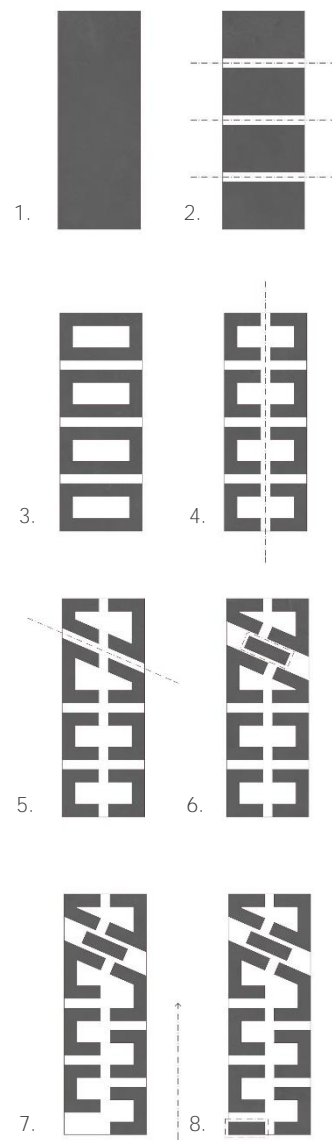
Pela característica de descontinuidade urbana que o local impõe, o principal objectivo foi criar uma solução urbana que permitisse resolver as fragilidades inerentes do mesmo, integrando-o na estrutura urbana envolvente, mas, sem nunca considerar que esta proposta tenha o objectivo de se unir ao traçado já existente, existindo, por tanto, a intenção de que a solução seja, em si, diferenciadora e ao mesmo tempo unificadora deste espaço.

A solução da proposta urbana foi desenvolvida tendo em conta um terreno único. Esta parcela é então dividida em 4 secções criando uma estrutura de quarteirão fechado. Com a intenção de ligar o jardim do Campo Grande e, por consequência, o lado Norte do terreno, com a estação de comboios é dividido o terreno ao meio. Com a estrutura de quarteirão seccionada permite ter uma permeabilidade para o interior do quarteirão através deste percurso central.

Devido ao grande fluxo de pessoas, que passam neste espaço diariamente, é criado um percurso transversal no terreno ligando as saídas da estação de metropolitano com o percurso das universidades, forçando assim as pessoas a atravessarem este espaço. Nesse percurso é introduzido um edifício na zona central, que será destinado a um mercado.

Com a disposição anterior os edifícios formavam um quarteirão seccionado, voltado sobre si mesmo, com ruas a Norte e Sul. De maneira a permitir um alinhamento visual e pedonal do interior do quarteirão e, por consequente, permitindo uma maior utilização deste espaço, os edifícios foram deslocados para baixo. Com essa fragmentação foi necessário acrescentar um edifício **isolado no final, rematando a proposta e fechando o “quarteirão”**.

Foi também proposto uma regularização da estação de comboios de maneira a permitir uma integração com o resto da proposta.



95 | Esquema da solução urbana

1. Terreno.
2. Divisão do terreno em 4 partes.
3. Tipologia de quarteirão.
4. Divisão do terreno ao meio – ligação da Avenida das Forças Armadas à estação de comboios de Entrecampos.
5. Fragmentação do terreno segundo uma diagonal que permite a ligação das saídas do metro às universidades.
6. Introdução de um edifício na linha anteriormente desenhada.
7. Deslocamento dos edifícios para baixo de maneira a que as ruas entre os edifícios deem acesso ao interior do quarteirão.
8. Acrescento de um edifício fora da estrutura do resto da proposta de maneira a encerrar o quarteirão.

Seguindo estas ideias base e adaptando-as ao terreno foi necessário introduzir o edifício designado como *prédio n.º 1 da Praça de Entrecampos* na proposta desenvolvida. Sendo este o único edifício presente em todo o terreno e com uma estrutura formal que indica uma intenção de continuação do edificado, foi decidido manter este elemento adaptando o projecto às permanências existentes.

Em termos de alinhamento, junto à Avenida da República, os edifícios do conjunto foram deslocados do plano do edifício existente e da estação, criando uma nova “rua” entre estes dois. Neste alinhamento estão as saídas do metro e no topo Norte vai ficar o edifício proposto, que vai ser desenvolvido neste trabalho, criando um ponto de referência de quem vem da estação de comboios ou do metro.

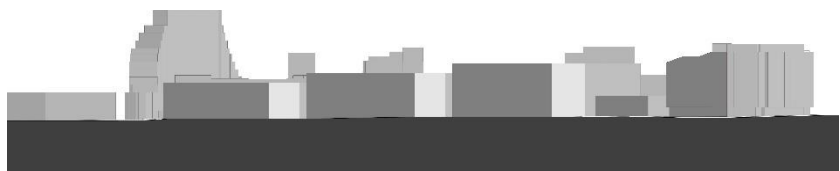


(à direita de cima para baixo)

96 | Planta da proposta urbana.  
Edifício da estação - é proposto uma regularização.

97 | Alçado Oeste da proposta.  
da esquerda para a direita:

1. Edifício da estação
2. Edifícios propostos
3. Edifício mais baixo – mercado
4. Edifício que faz o remate – Proposta de projecto.



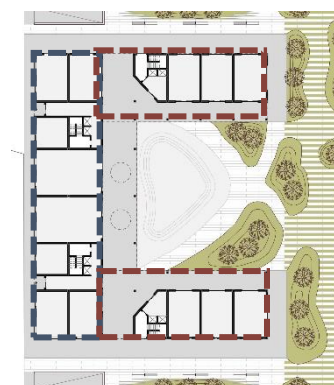
## 5.2 | ESPAÇO PÚBLICO

A solução proposta para este espaço tem uma intenção de uso pedonal e por essa razão todos os arruamentos propostos não são destinados ao uso automóvel. Não só por essa razão mais também pelas características totalmente diferentes entre a Avenida 5 de Outubro e a Avenida da República (a primeira é uma via de carácter secundário enquanto a segunda tem um fluxo viário muito maior e tem nela o viaduto de Entrecampos), não foi seguido a condicionante de criar um arruamento público na continuidade da Rua da Cruz Vermelha que liga estas duas.

Foi criado um alinhamento visual no seguimento da Rua da Cruz Vermelha, não cortando o terreno de um lado ao outro permite a integração para dentro do quarteirão, integrando os edifícios em vez de os separar.

Como já foi mencionando no tópico anterior, foi criada uma rua que corta todo o terreno numa orientação Norte/Sul, permitindo a circulação pelo meio dos edifícios, num espaço verde que flui na estrutura edificada e permite a integração no percurso das praças-pátio que cada edifício tem. Estas praças-pátio, como foram designadas, são espaços que funcionam com uma intenção de espaço semiprivado em que cada um pertence a um edifício, mas não deixando de fazer parte de todo o conjunto. Os edifícios são cortados ao nível do piso térreo para permitir a passagem por baixo dos mesmos directamente para o interior da praça-pátio.

Uma das condicionantes é que o projecto para esta área seja uma estrutura edificada única e que todos os edifícios estejam ligados entre si, em subsolo ou sobrelevada. Apesar de ao nível do subsolo seja construída uma cave contínua para estacionamento, em que as entradas estão projectadas entre os edifícios, essa não é a solução de conjunto projectada. O verdadeiro propósito é que todo o embasamento seja considerado um espaço unitário pertencente,



98 | Planta de uma parte da proposta de espaço público e embasamento dos edifícios.

Linha azul – Edifício que faz a confortação com as Ruas existentes e mantém o plano marginal. Orientação Este/Oeste. Tipologia habitacional corrente.

Linha vermelha – Edifícios com orientação Norte/Sul destinados a serviços, espaços de trabalho e a habitação flexível.

por exemplo, à Câmara de Lisboa, e que os edifícios se encaixem por cima e aí se faça o “loteamento”.

Pode ser considerada uma ideia demasiado ambiciosa e com alguns problemas técnicos, mas um dos grandes problemas que impedem a revitalização deste espaço é a questão do projecto ter de ser uma estrutura edificada única [ver imagem 98 para perceber a delimitação da estrutura por cima do espaço público].

Ao nível do piso térreo toda esta estrutura é destinada ao comércio, transitando para o espaço de mercado (edifício que sai fora da estrutura e corta o espaço) e culminando no lado Norte no edifício que foi escolhido para desenvolver a proposta, um espaço cultural, académico e empresarial.

Se admitirmos este piso como um espaço unitário, as suas funções podem ser divididas por zonas organizadas de forma a que seja tirado o maior partido deste espaço. Por exemplo, zonas de restauração situadas no centro da proposta, para obrigar as pessoas a circular por ele e espaços de lojas mais a Sul, junto à estação, pelo fluxo de pessoas.



(à direita)

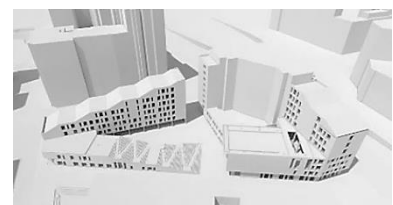
## 5.3 | EDIFÍCIO

Dentro da proposta urbana existiam diversas hipóteses para o desenvolvimento do projecto. O edificio escolhido foi o que fica a Norte e que faz o remate com o *prédio n.º 1 da Praça de Entrecampos*.

A escolha desta parte da proposta, para além do desafio em si de fazer o remate com um prédio existente, deveu-se ao facto de este ser o ponto que serve de charneira entre a parcela de terreno e as áreas de maior importância de Entrecampos. Sendo assim, o local mais apropriado para a criação de um equipamento cultural, académico e empresarial.

Este edificado vai surgir da premissa de admitir o fragmento como uma potencialidade deste local e não como um aspecto negativo. Começando na escala da proposta urbana, a tipologia de quarteirão é cortada por uma diagonal e separada, levando a uma integração do espaço interior. A forma do edificio procurou interligar-se com o prédio existente mantendo a altura e empena, criando assim um bloco todo uniforme em que integra esse edificio. A partir dessa unidade é então feita uma fragmentação do bloco em rampas, partindo do edificio existente e descendo até criar uma escada rampeada. Em termos de identificação dos edificios, a Este temos o edificio cultural e no bloco maior, a Oeste, fica o espaço empresarial e académico.

O projecto surge na mesma lógica da proposta urbana, com um elemento de praça-pátio sobre o qual o edificio se desenvolve.



(de cima para baixo)

100 | Planta Cobertura. Proposta.

101 | Vista 3D do conjunto. Proposta.

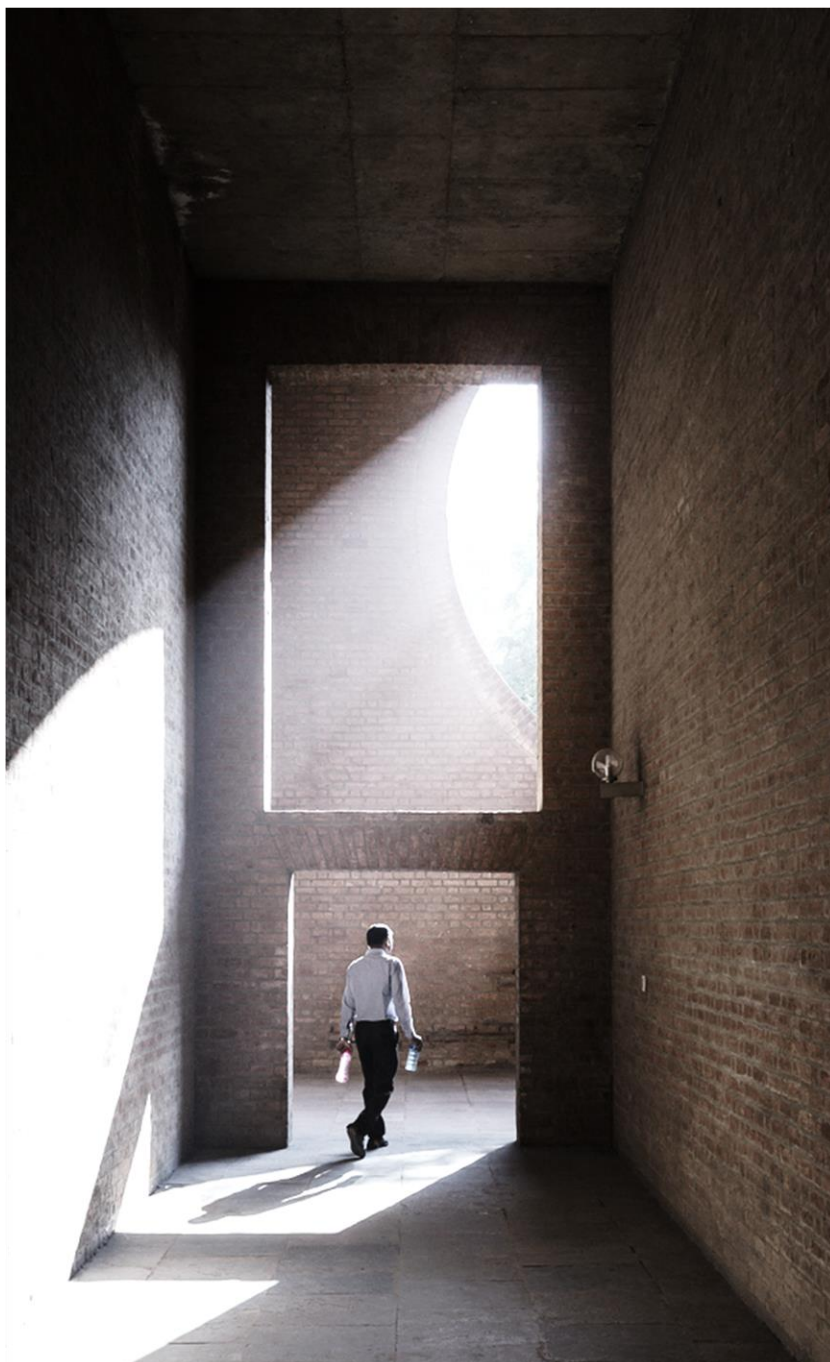
### 5.3.1 | PROGRAMA

A base programática deste projecto é oferecer um lugar onde possam ser desenvolvidos espaços ligados à cultura, para uso da comunidade; espaços académicos, pela presença das universidades e pela fraca oferta de espaços com vários níveis de estudo e trabalho fora dos pólos universitários; e espaços empresariais de co-working, de pequenas empresas e de centros de desenvolvimento de startups. Estes espaços são desenvolvidos numa escala familiar, como ponto de partida para o desenvolvimento da comunidade.

No edifício a Este temos o espaço cultural. Com dois elementos que nos 3 primeiros pisos funcionam em conjunto, o elemento mais alto sobe até aos 7 pisos. Neste temos uma entrada para funcionários e de armazém encostado ao edifício do lado. A entrada principal faz a distribuição de todos os pisos e tem entrada para a loja e para a cafetaria. No outro lado temos outra entrada que faz a distribuição para o auditório, neste piso temos os camarins, sala de ensaio e as instalações sanitárias. No piso 1 existe um restaurante e uma sala de exposições/conferências. No segundo piso desenvolve-se a sala do auditório e uma segunda sala de exposições/conferências. O terceiro piso existe apenas no edifício mais alto, onde se faz a transição com uma sala comunitária. A partir do quarto piso surgem as **“oficinas”, espaços que funcionam** enquanto local de trabalho e laboratório.

No edifício a Oeste temos uma escada rampeada que sobe dois pisos do edifício e onde por baixo funciona uma sala de conferências. No piso térreo, voltadas para a rua temos os ateliers, que são concebidos como salas que oferecem um espaço encerrado para a inserção de empresas e startups. Projectados com uma entrada directa da rua e outra por dentro do edifício, podem funcionar como espaços autónomos ou como parte do conjunto edificado. A entrada no canto Oeste faz a distribuição para os espaços de trabalho no Piso 1. Neste piso e no seguinte temos espaços de estudo e trabalho com vários tamanhos para permitir lugares mais

resguardados para o estudo ou espaços mais abertos para trabalhos em grupo. A partir do terceiro piso surgem também as “oficinas”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

capítulo 6

[página anterior](#)

102 | *Louis Kahn's Indian Institute of Management in Ahmedabad.*

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um aprofundamento dos conceitos associados ao espaço público e da sua relação com a cidade e com o edificado, percebemos a sua relevância no contexto histórico, das populações e dos lugares.

Podemos então afirmar que a cidade é um conjunto de fragmentos que formaram a sua essência ao longo do tempo. A individualidade desses fragmentos é relevante na construção e desenvolvimento da cidade, dando assim relevo aos espaços que estimulam a vida colectiva e a sua definição no grande espaço social que é a cidade. A estrutura da cidade é uma simbiose entre cheios e vazios e a questão do construído é tão importante como a ausência do mesmo na definição de forma urbana.

A construção do espaço público acompanha a evolução e transformação da cidade e, por consequência, dos costumes da sociedade. Passando por momentos em que tem maior destaque no desenho da cidade e por outros em que é negligenciado e afastado do seu objectivo principal, como lugar de encontro, mas sempre como elemento que condiciona o desenho urbano.

Não só o espaço público condiciona o desenho urbano como este é condicionado pelo desenho do edificado. Por essa razão a questão da transição surgiu como resposta à necessidade de relacionar o espaço público com o privado. Esta questão foi fundamental para se perceber as relações de apropriação de um espaço considerado público pelas pessoas que o utilizam.

Podemos concluir que existe uma necessidade biológica de contacto e estímulo, de ir a algum lado e ter um lugar de estadia e de oportunidades de encontro, tanto de conhecidos como de ocasiões para interagir com os outros à nossa volta. A convivência entre a comunidade faz parte da essência do ser humano e a arquitectura deve servir como veículo para essas interações.

Em suma, a intervenção nesta área da cidade procurou integrar essas questões e oferecer a possibilidade de uma nova vivência para este lugar que ambiciona ser mais no desenho da cidade. Lugar este que já teve, e continua a ter, de certo modo, um papel importante na cidade de Lisboa. Projectando com a intenção de o próprio edifício gerar em si um espaço público, mas que possa ser apropriado por quem o usa, gerando assim um edifício que faça parte do desenho urbano e não só como seu delimitador.

## 7 | BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA GERAL DE REFERÊNCIA |

ACTAR, CCCB - *In favour of public space*. Barcelona: CCCB ACTAR, 2010.

BARROS, M. Armanda - *O desenvolvimento de Lisboa de 1980 a 1940*. Revista Municipal. 71:1956.

AYMONINO, Carlo - *O significado das cidades*. Lisboa: Presença, 1984.

CAPITEL, Antón - *La arquitectura del pátio*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.

CARMONA, Matthew; HEATH, Tim; OC, Taner; TIESDELL, Steve – *Public Places, Urban Spaces – The Dimensions of Urban Design*. London: Architectural Press, 2003.

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN, Leanne G.; STONE, Andrew M. – *Public Space*. Cambridge: University Press, 1992.

CEDRU (1990) *Valorização de Lisboa – VALIS*, CEDRU, Lisboa.

COELHO ANTÓNIO BAPTISTA - *Humanização e vitalização do espaço público*. Lisboa: LNEC, 2005

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996.

CHUECA GOITIA, Fernando - *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Presença, 1996.

FERNÁNDEZ ARENAS, José; TORRIJOS, Fernando - *Arte efímero y espacio estético*. Barcelona: Anthropos, 1988.

FERREIRA, Vítor Matias - *A cidade de Lisboa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

GAGO, Rita - *O surgimento do conceito de Urbanismo: teorias e práticas na Câmara Municipal de Lisboa*. Cadernos do Arquivo Municipal. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005.

GASPAR, Jorge - *Aspectos da dinâmica funcional do centro de Lisboa*. Lisboa : Centro de Estudos Geográficos, 1972.

GEHL, Jahn – *Cities for people*. Washington: Island Press, 2010.

GEHL, Jahn – *Life Between Buildings: Using Public Spaces*. Washington: Island Press, 2011.

HERTZBERGER, Herman - *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010, 1991.

KOSTOF, Spiro - *The city assembled: the elements of urban form through history*, Londres: Thames and Hudson, 1992.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LYNCH, Kevin - *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

MORAIS, João Sousa; ROSETA, Filipa – *Os planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

MORRIS, Anthony Edwin James - *Historia de la forma urbana*, Barcelona: Gustavo Gili, 1992.

NORBERG-SCHULZ, Christian – *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*, Milano: Electa, 1986

PINHEIRO, Nuno Rui da Fonseca Santos - *A casa de pátio interior: do Egipto à Península Ibérica*, Lisboa: Nuno Santos Pinheiro. 1992.

RIBEIRO, Cláudio André dos Santos – *Reabilitação Urbana e Sustentabilidade / Lx Factory: um exemplo de Reabilitação Sustentável na Cidade de Lisboa*, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2012.

ROSSI, Aldo - *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001.

SALGUEIRO, Teresa Barata - *Transformação nas Avenidas Novas. Sociedade e Território*. Vol. 4. nº 10-11 (1989) p. 115-119.

SILVA, Raquel Henriques da - *Das Avenidas Novas à Avenida Berna* in Revista do Instituto de História da Arte, N.2 (2006), pp. 126-141

SILVA, Raquel Henriques da – *As Avenidas Novas de Lisboa 1900-1930*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.1985.

SOLÀ-MORALES I RUBIÓ, Ignasi De - *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002

TEIXEIRA COORD., Manuel C. - *A praça na cidade portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

VIEGAS, Inês Moraes; CAESSA, Ana; MARTINS, Miguel Gomes - *Do Saldanha ao Campo Grande - os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1999.

#### WEBGRAFIA |

ARCHDAILY EDITORIAL TEAM - Oslo Opera House / Snøhetta Archdaily, 2008.

<http://www.archdaily.com/440/oslo-opera-house-snohetta>

ARCHDAILY EDITORIAL TEAM - Praça das Artes / Brasil Arquitetura, 2013.

<https://www.archdaily.com.br/br/626025/praca-das-artes-brasil-arquitetura>

ARCHITIZER EDITORIAL TEAM - Praça de Lisboa, 2013.

<https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

ARCHITIZER EDITORIAL TEAM - Praça de Lisboa, 2013.

<https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>

LXFACTORY EDITORIAL TEAM - LxFactory, 2017.

<http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/>

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. “O que é o pátio interno? – parte 1”.

Arquitextos, Texto Especial nº 322. São Paulo, Portal Vitruvius, 2005.

[www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp322.asp](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp322.asp)



## 8 | ANEXOS

### **ANEXO I**

Registo fotográfico, imagens da autora, 2016 e 2017.

### **ANEXO II**

Processo de trabalho

### **ANEXO III**

Maquetes Finais Apresentadas

### **ANEXO IV**

Peças desenhadas do Projecto Final



ANEXO I | Registo fotográfico

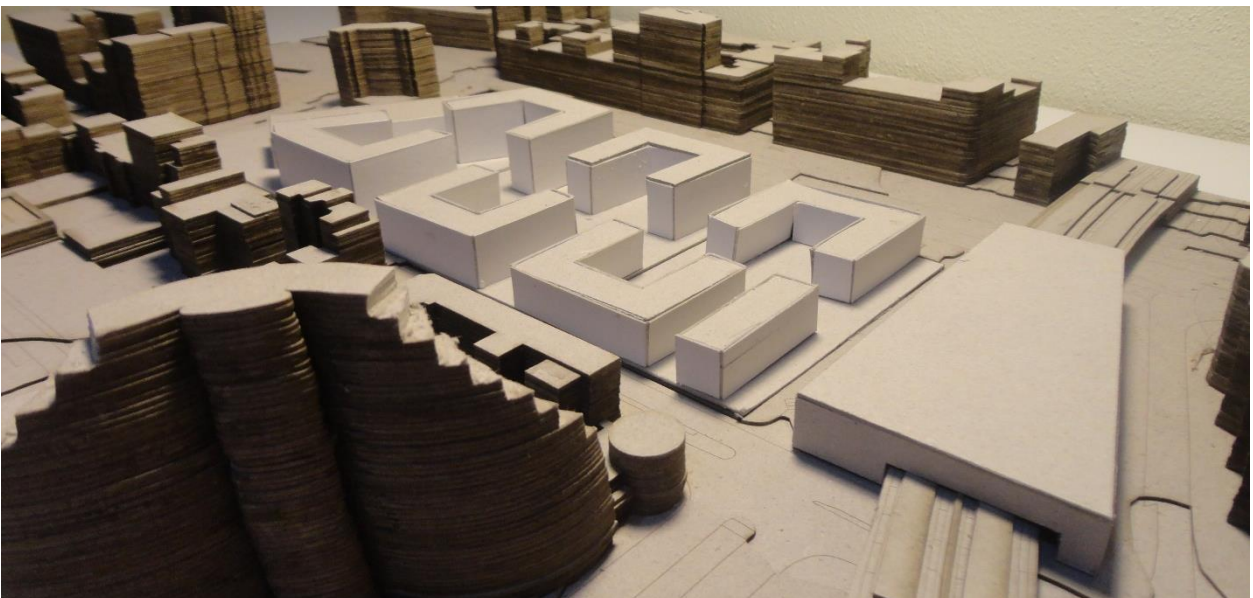
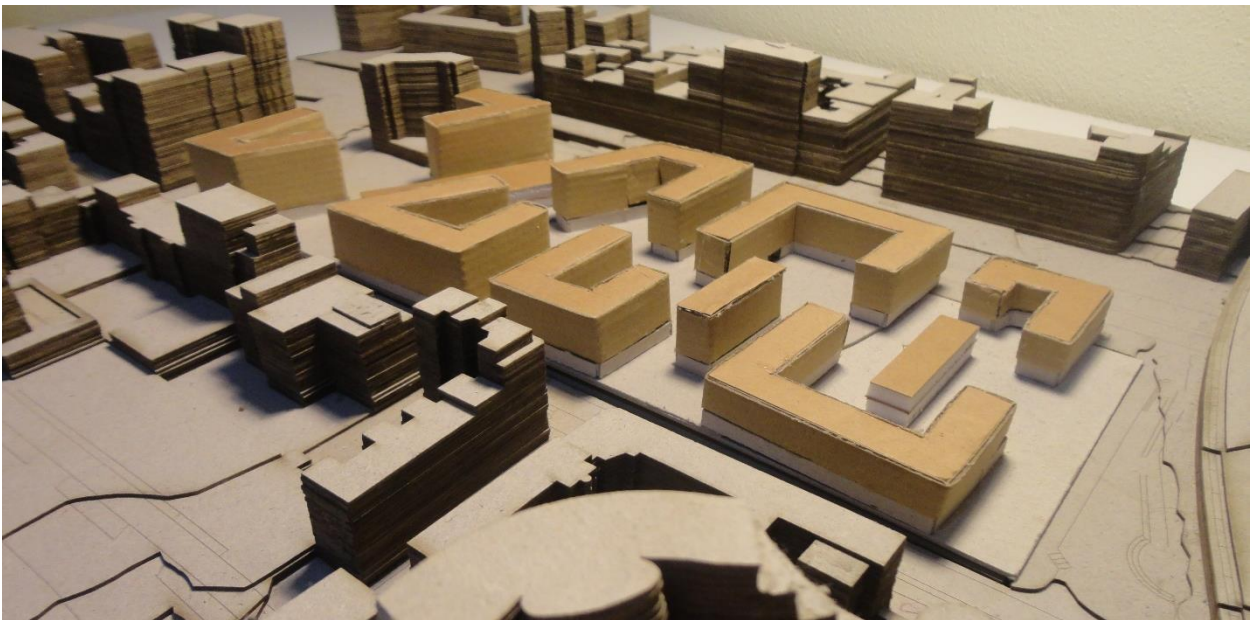


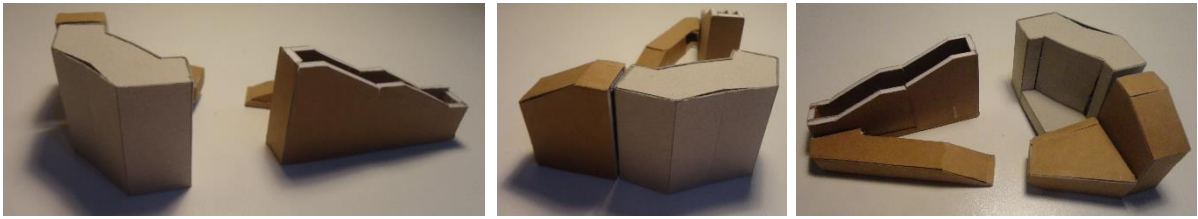


2017

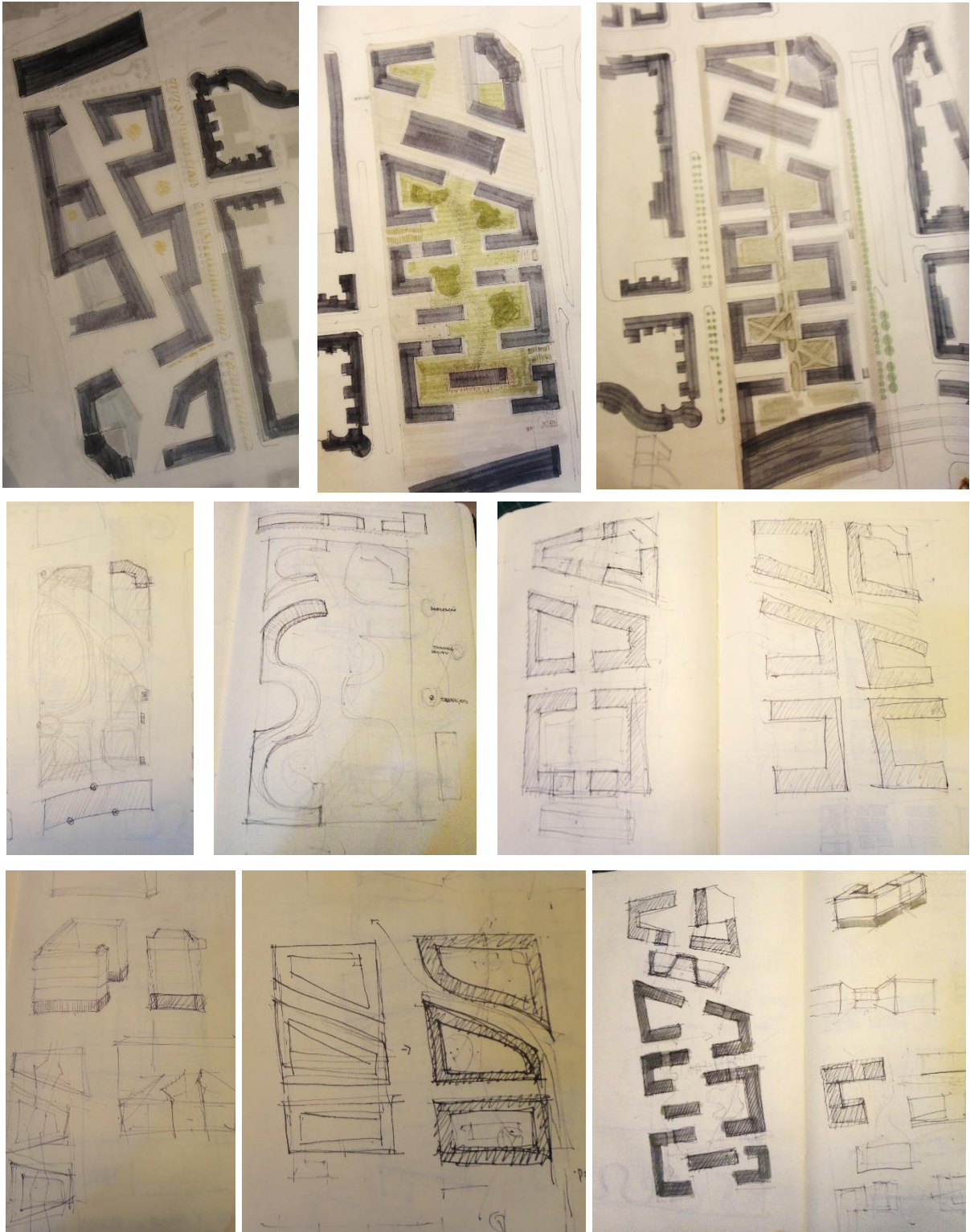


**ANEXO II** | Processo de trabalho

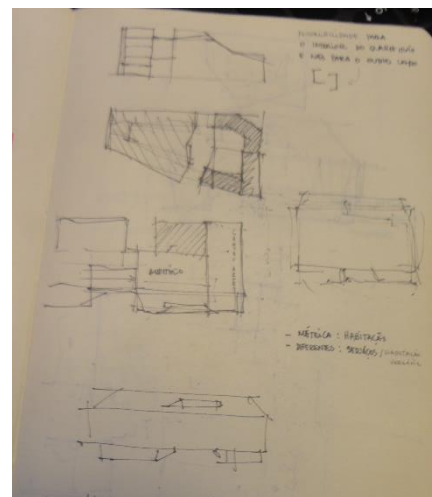
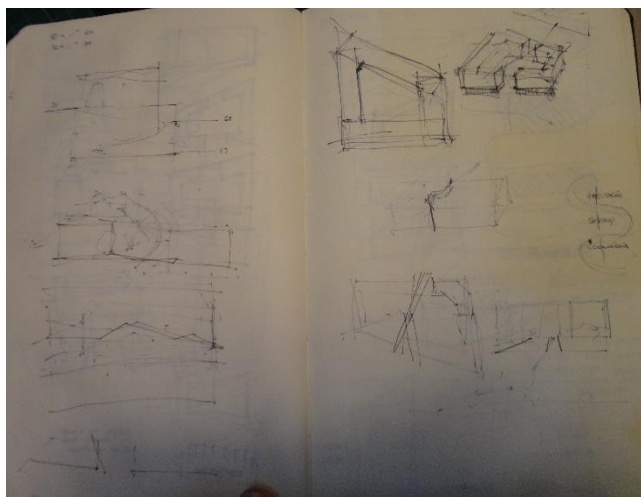
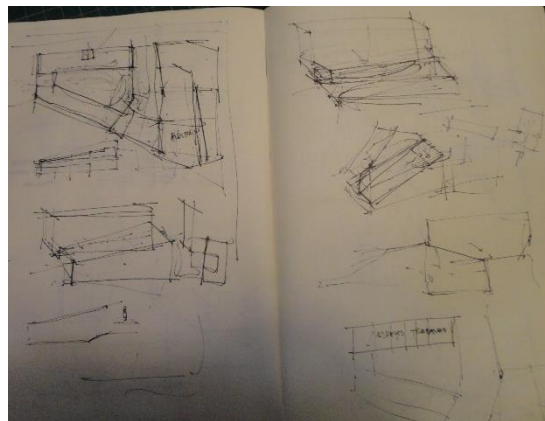
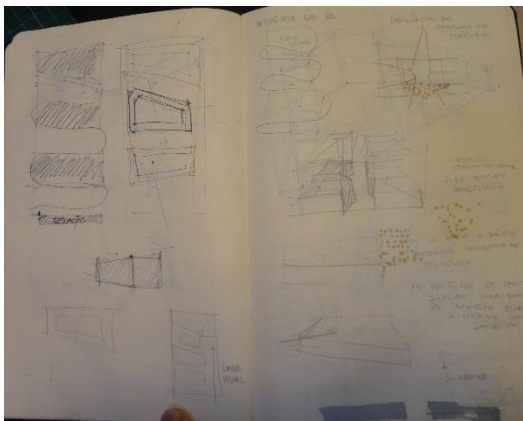
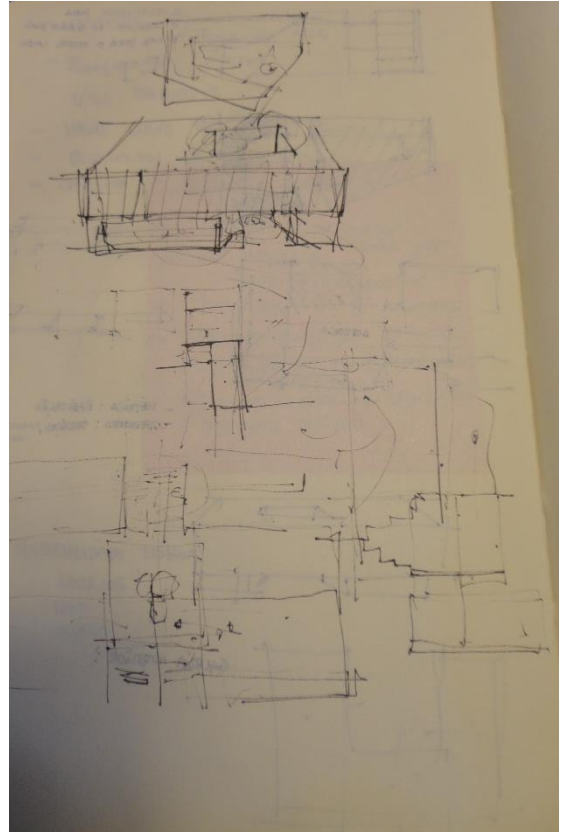
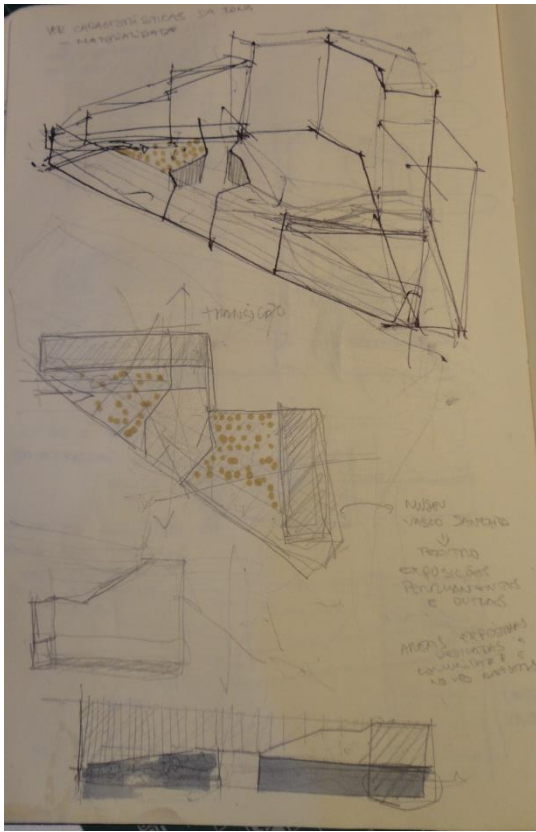




DESENHOS



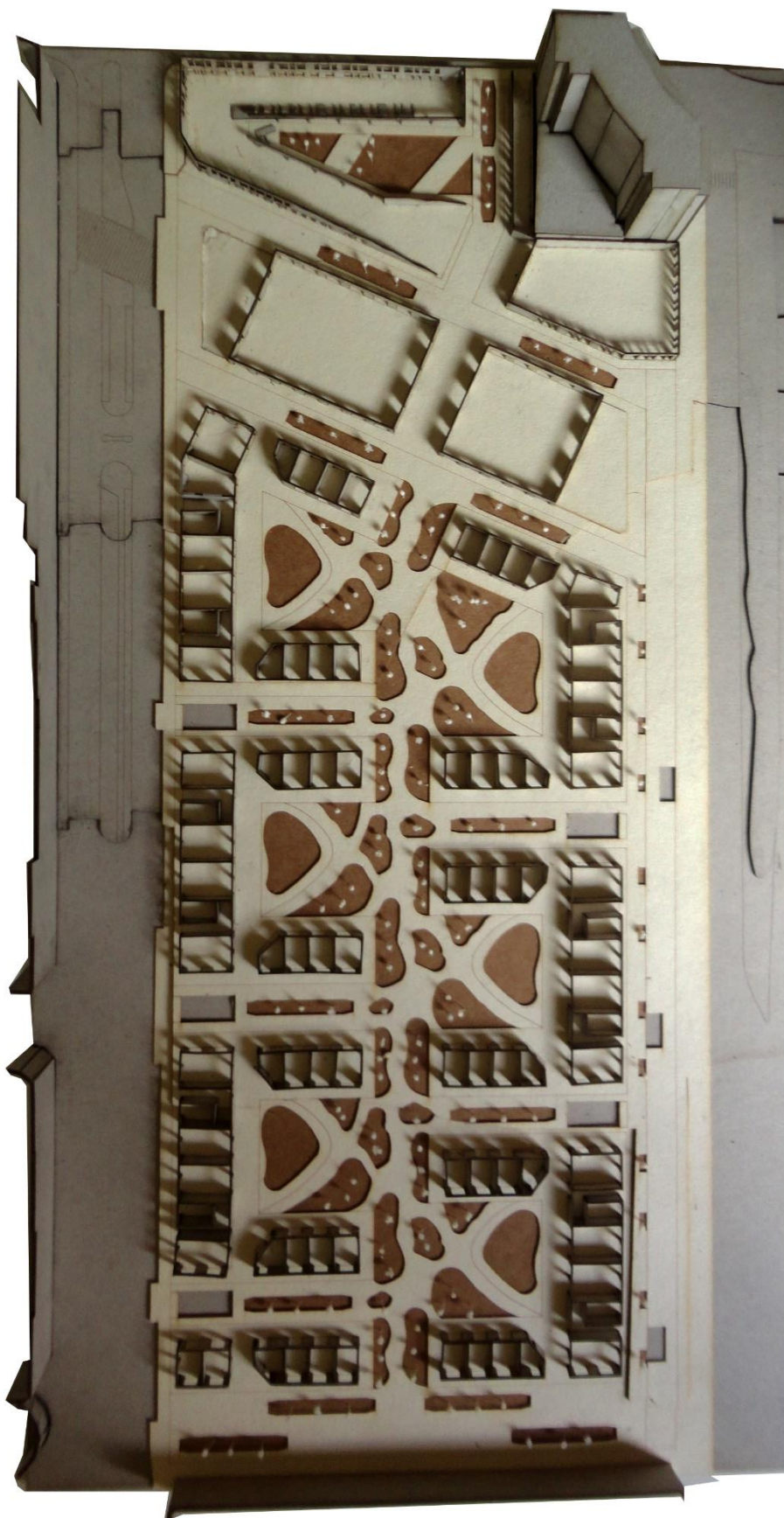
O EDIFÍCIO COMO GERADOR DE ESPAÇO PÚBLICO  
Entrecampos: revitalizar a cidade consolidada intervindo em fragmentos do tecido urbano

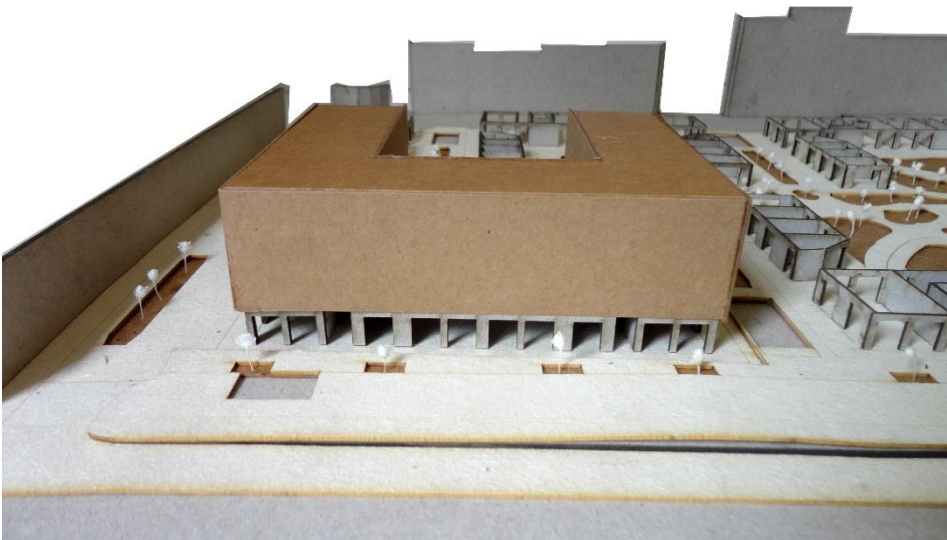
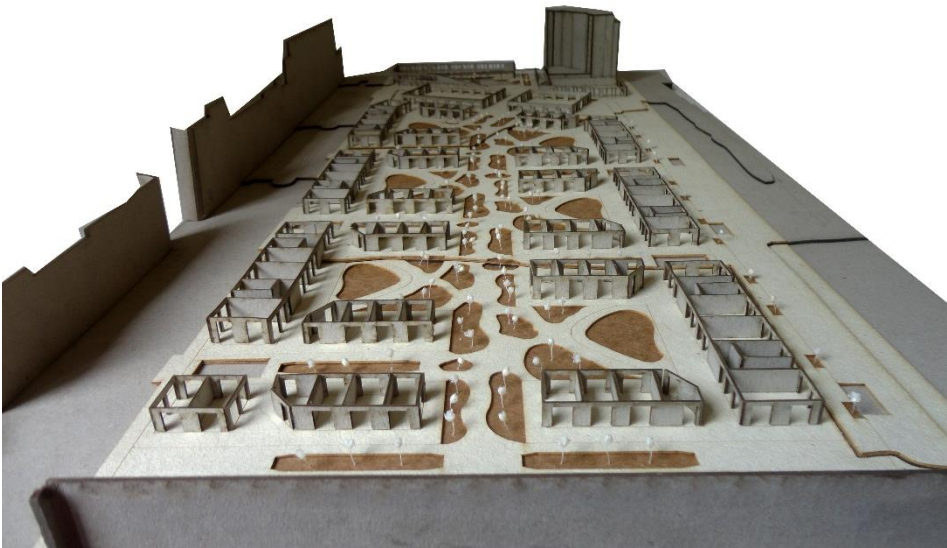
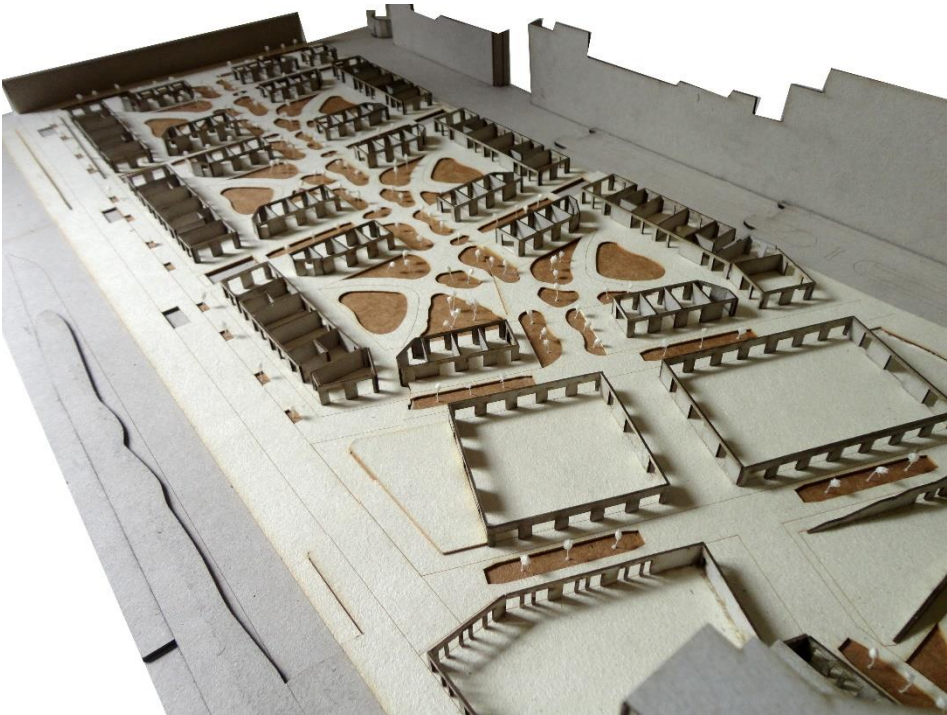


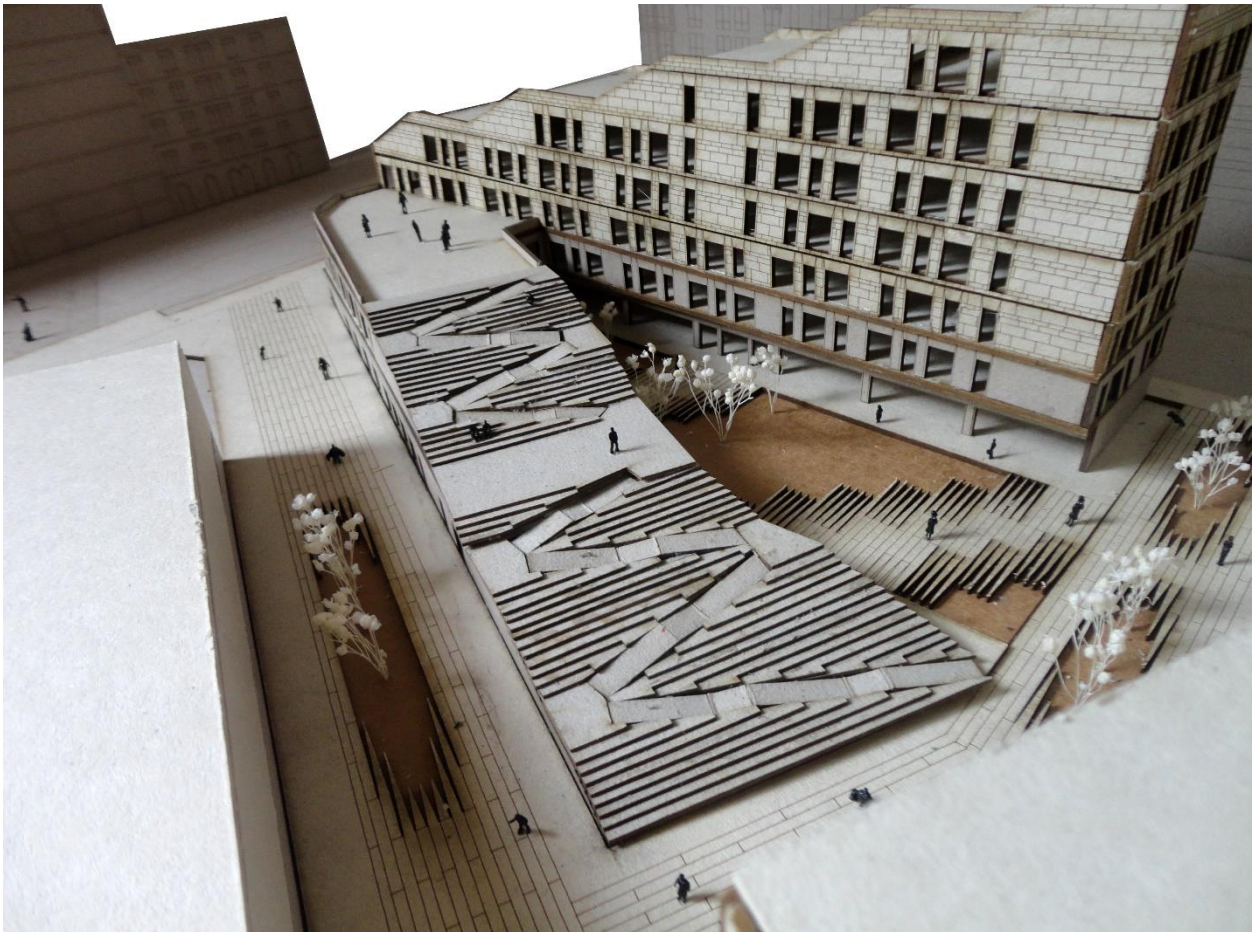
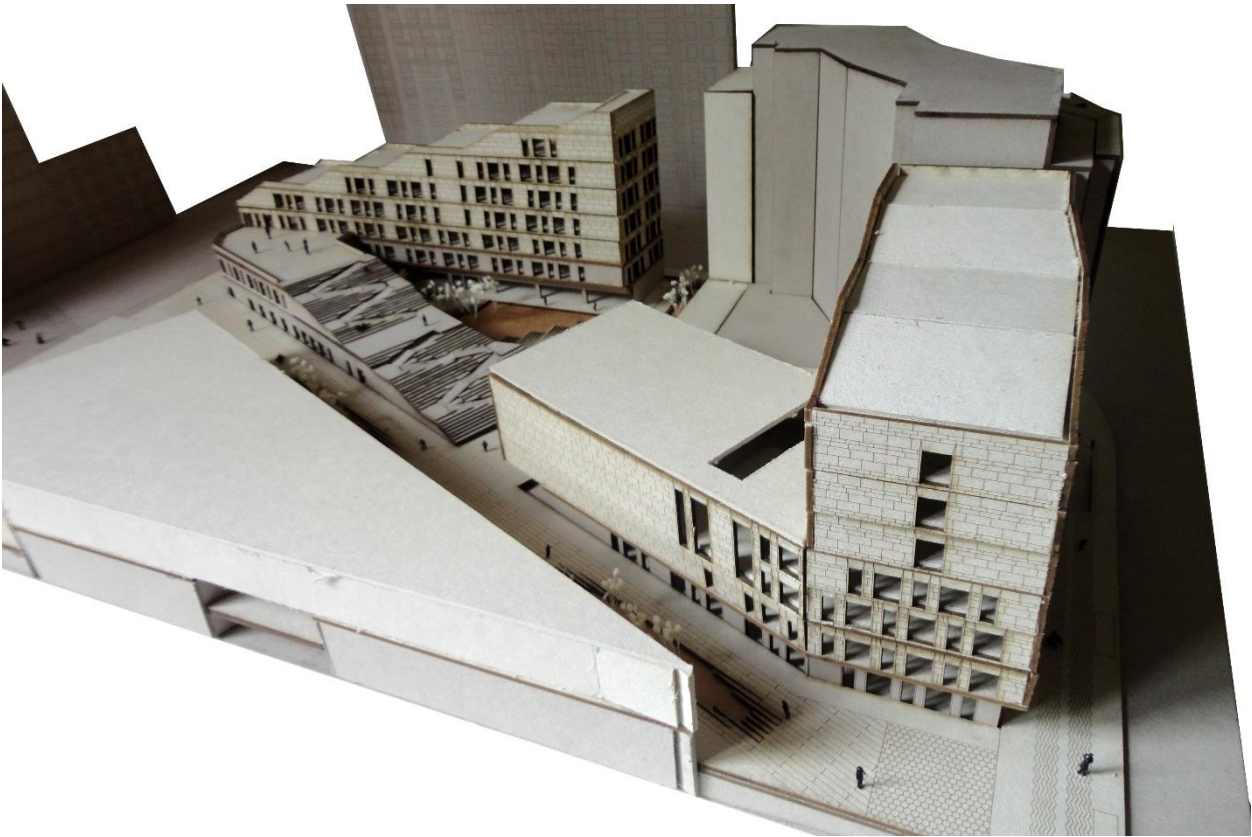
## **ANEXO III** | Maquetes Finais Apresentadas

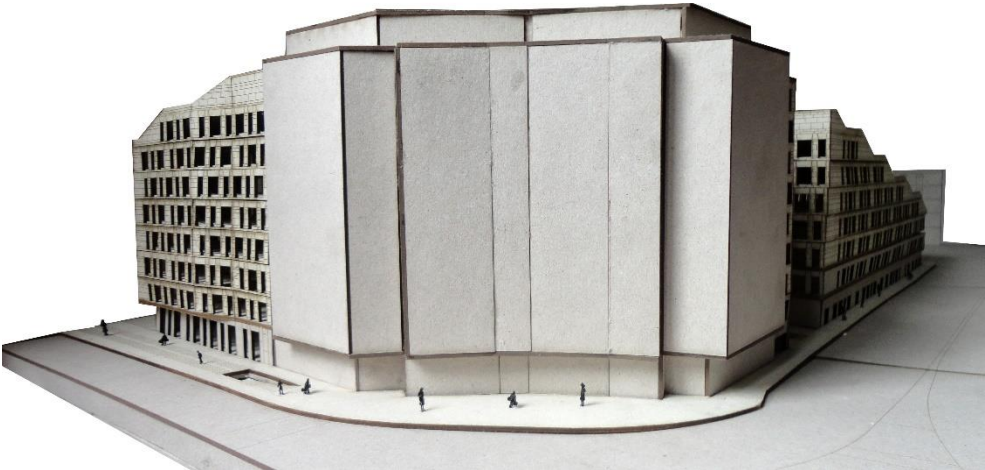








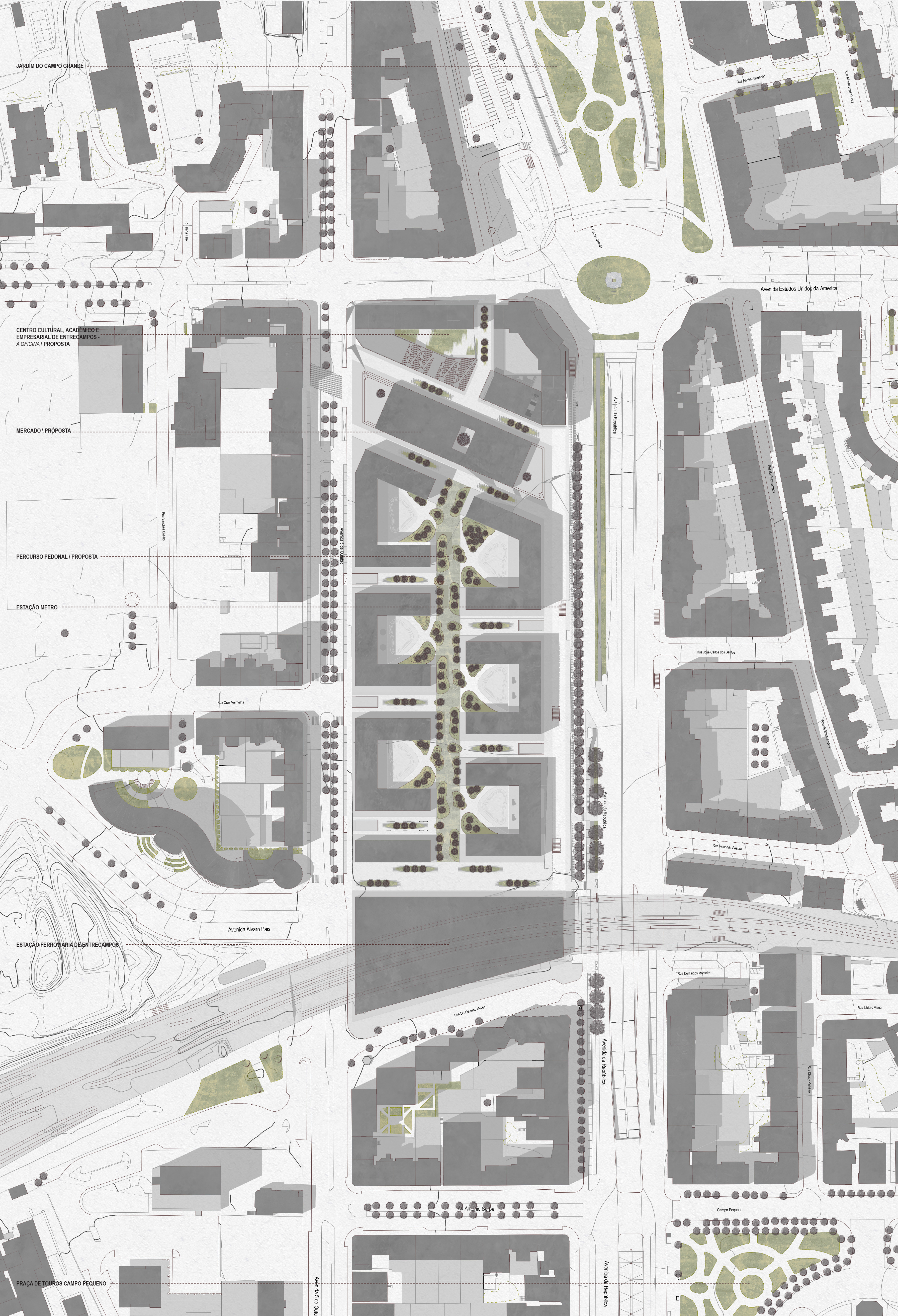






## **ANEXO IV** | Peças desenhadas do Projecto Final





JARDIM DO CAMPO GRANDE

CENTRO CULTURAL, ACADÉMICO E EMPRESARIAL DE ENTRECAMPÓS - A OFICINA | PROPOSTA

MERCADO | PROPOSTA

PERCURSO PEDONAL | PROPOSTA

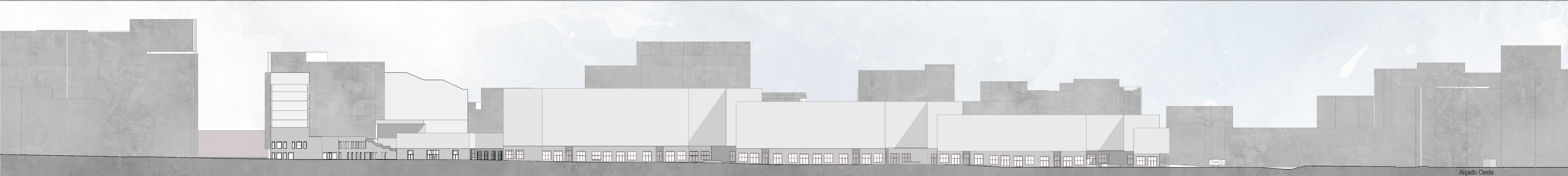
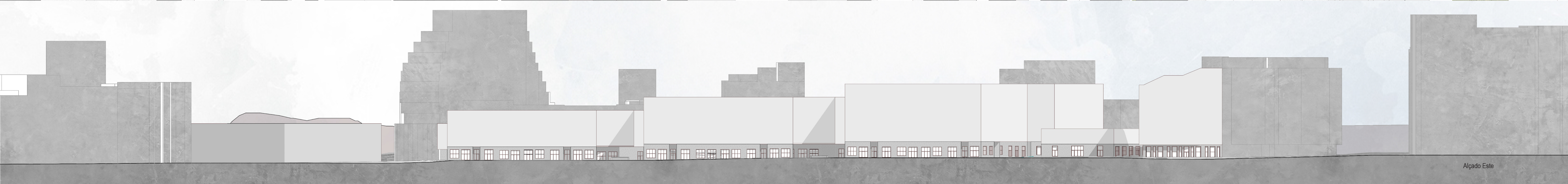
ESTAÇÃO METRO

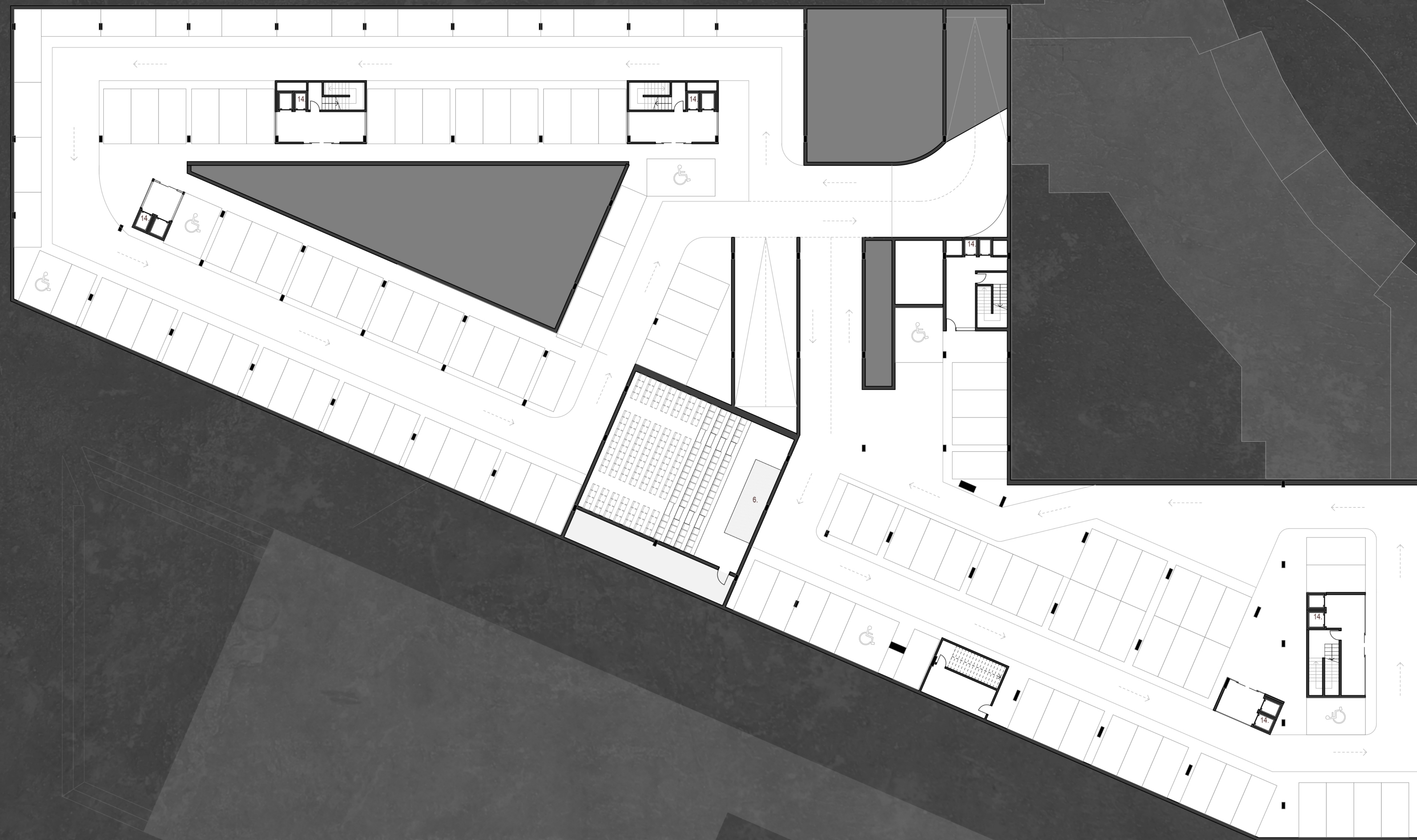
ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ENTRECAMPÓS

PRAÇA DE TOUROS CAMPO PEQUENO

O EDIFÍCIO COMO GERADOR DE ESPAÇO PÚBLICO  
Entrecampós: revitalizar a cidade consolidada intervindo em fragmentos do tecido urbano

A Cidade | Análise | Planta Plano Urbano | Escala 1/1000  
Faculdade de Arquitectura - Universidade de Lisboa | Tese Final de Mestrado | Orientador: Prof. Dr. Luís Afonso Filipa Alexandra dos Santos Moreira





**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaio
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIONAMENTO GERAL**

- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Baleário
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

- 18. Monta-Cargas
- 19. Arrumos/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico



**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaios
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

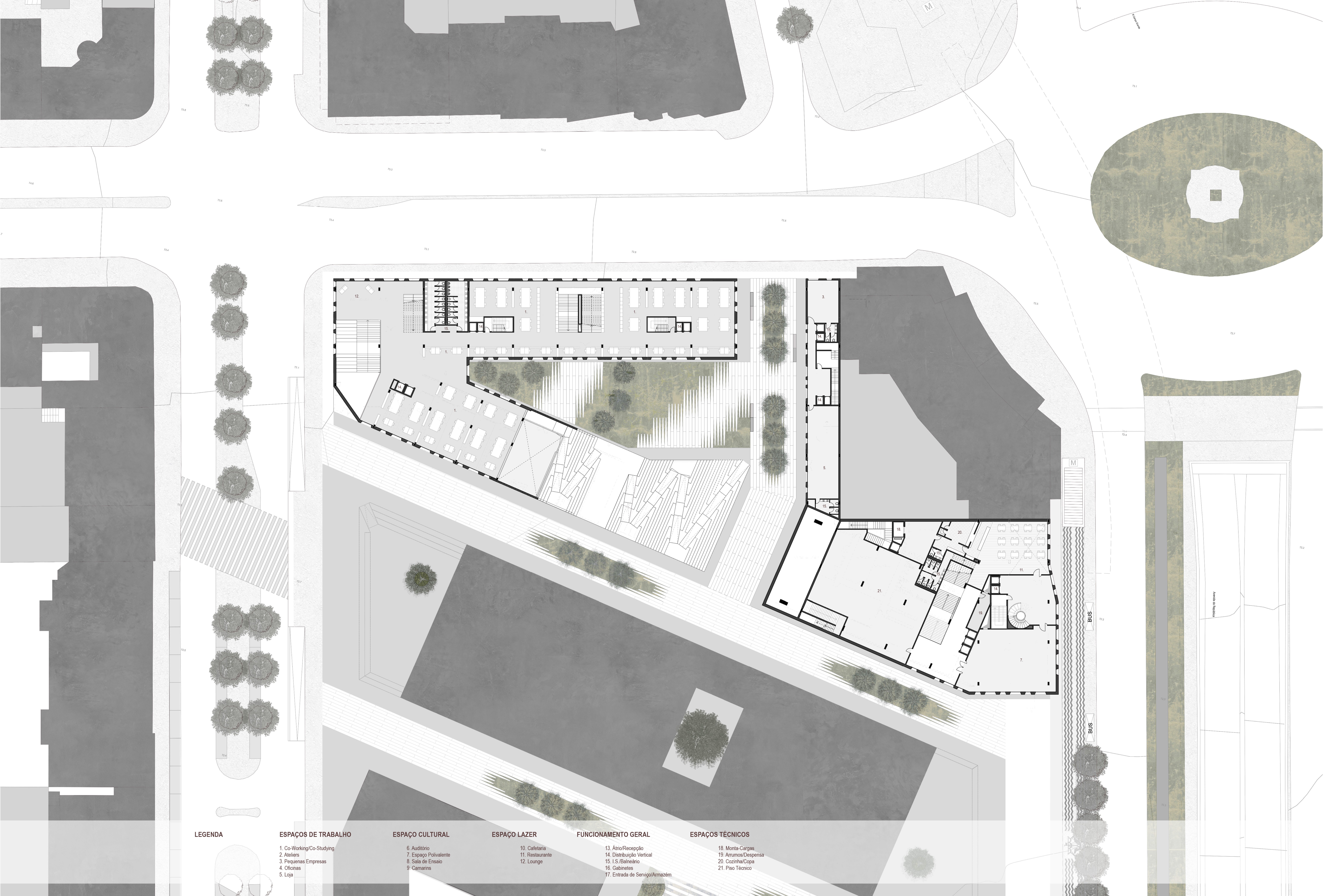
- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIONAMENTO GERAL**

- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Bainheiro
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

- 18. Monta-Cargas
- 19. Arrumos/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico



**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaio
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIONAMENTO GERAL**

- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Bainheiro
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

- 18. Monta-Cargas
- 19. Arrumos/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico



**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaio
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

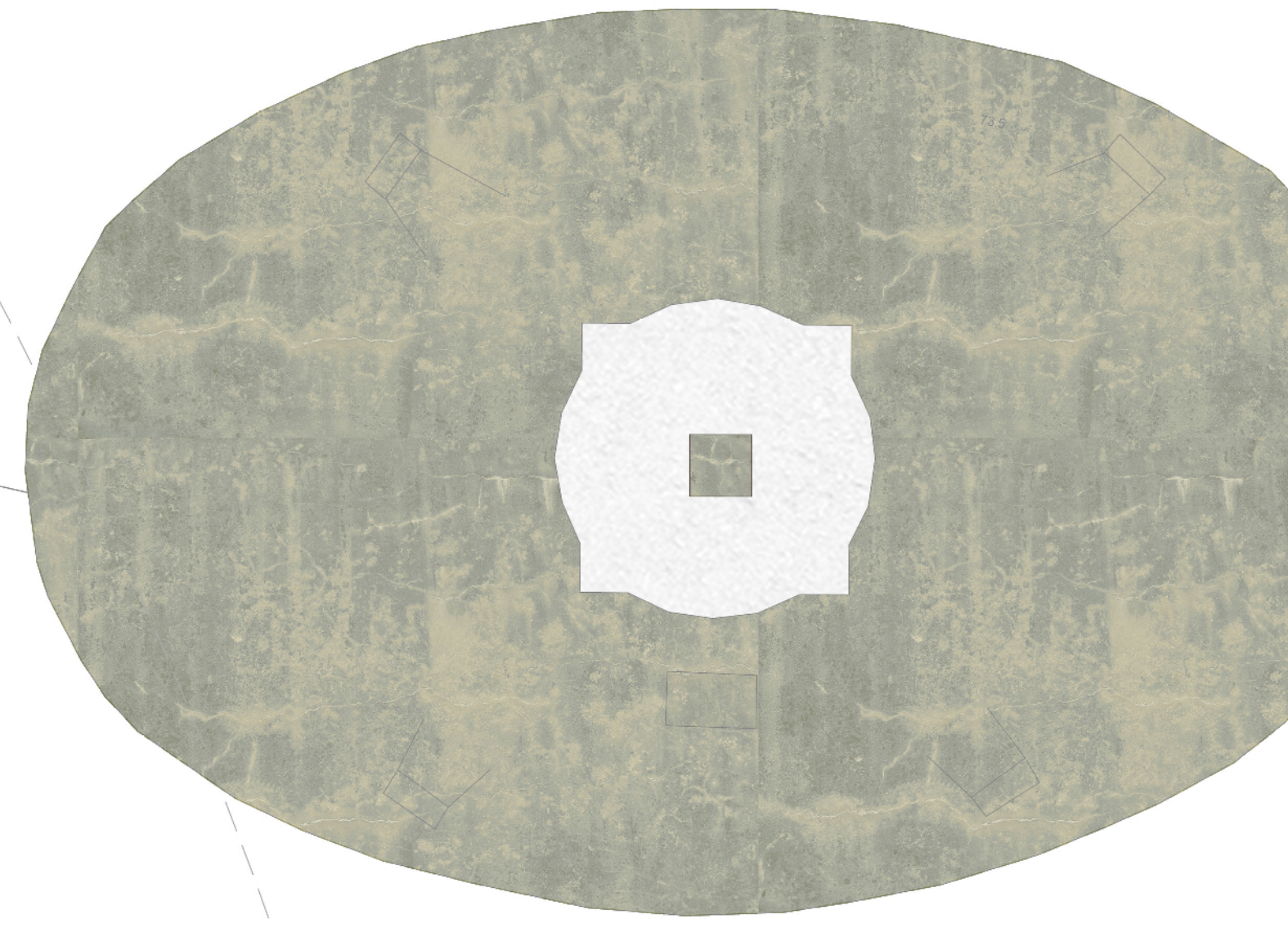
- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIÓNAMENTO GERAL**

- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Banheiro
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

- 18. Monta-Cargas
- 19. Arrumos/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico





**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaios
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

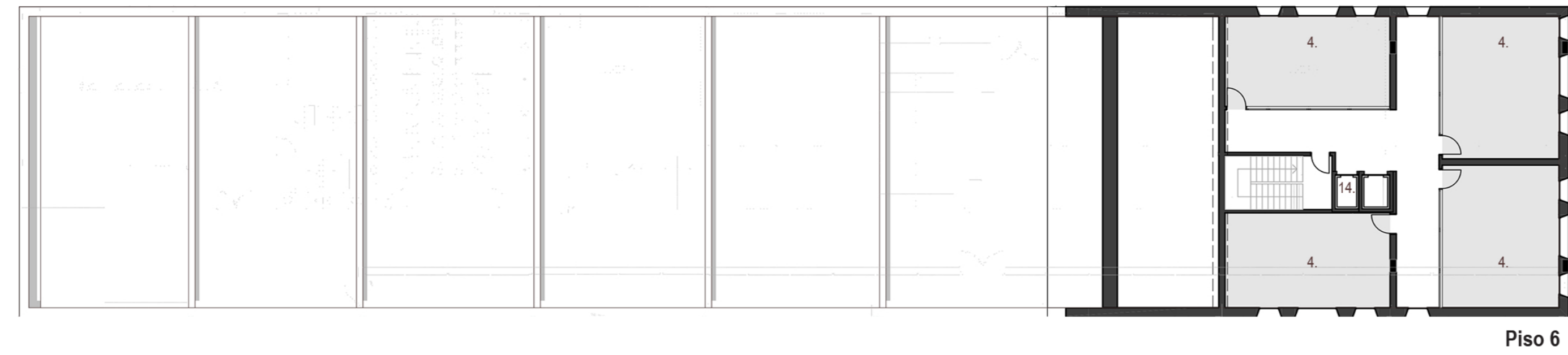
- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIONAMENTO GERAL**

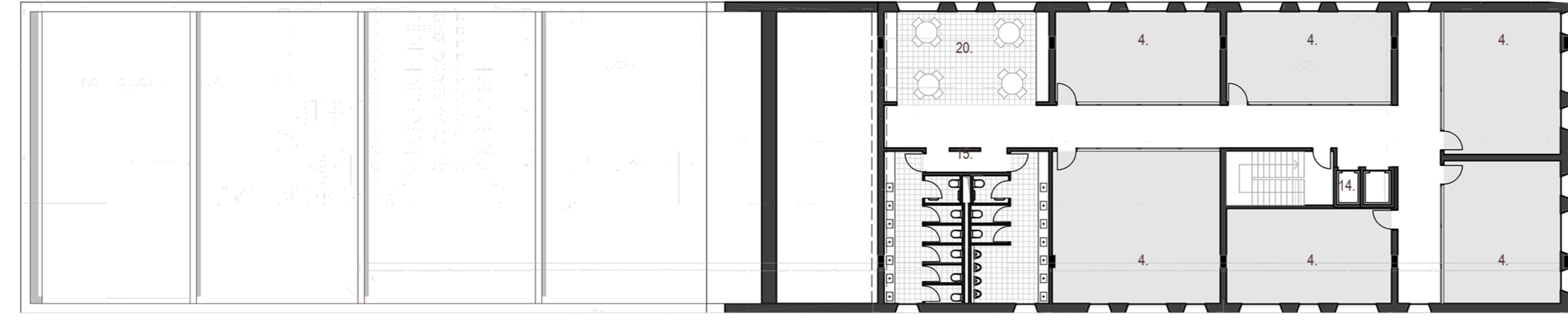
- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Baleário
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

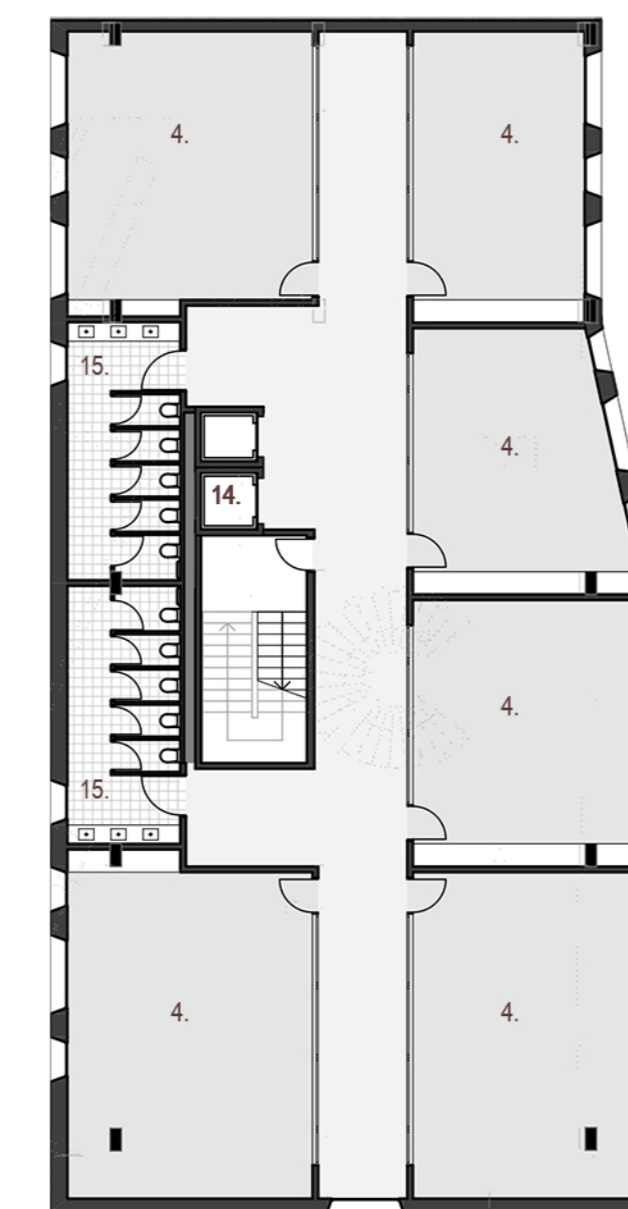
- 18. Monta-Cargas
- 19. Armazém/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico



Piso 6



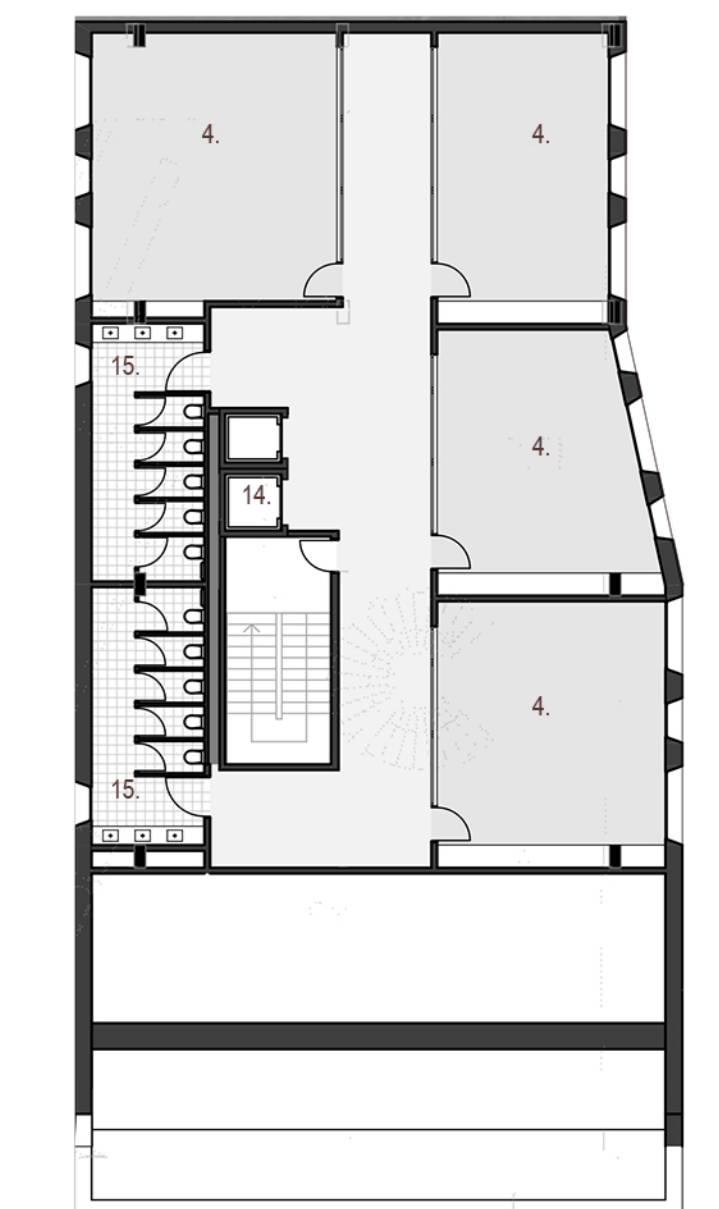
Piso 5



Piso 5



Piso 6



Piso 7

**LEGENDA**

**ESPAÇOS DE TRABALHO**

- 1. Co-Working/Co-Studying
- 2. Ateliers
- 3. Pequenas Empresas
- 4. Oficinas
- 5. Loja

**ESPAÇO CULTURAL**

- 6. Auditório
- 7. Espaço Polivalente
- 8. Sala de Ensaio
- 9. Camarins

**ESPAÇO LAZER**

- 10. Cafeteria
- 11. Restaurante
- 12. Lounge

**FUNCIONAMENTO GERAL**

- 13. Átrio/Recepção
- 14. Distribuição Vertical
- 15. I.S./Banheiro
- 16. Gabinetes
- 17. Entrada de Serviço/Armazém

**ESPAÇOS TÉCNICOS**

- 18. Monta-Cargas
- 19. Arrumos/Dispensa
- 20. Cozinha/Copa
- 21. Piso Técnico





